

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**Uma perspectiva da economia política na formação de
profissionais de saúde**

Tarsila Teixeira Vilhena Lopes

São Paulo
2022

Tarsila Teixeira Vilhena Lopes

**Uma perspectiva da economia política na formação de
profissionais de saúde**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do Título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Saúde Pública

Orientador: Áquilas Nogueira Mendes

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a) Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Lopes, Tarsila Teixeira Vilhena

Uma perspectiva da economia política na formação de profissionais de saúde / Tarsila Teixeira Vilhena Lopes; orientador Áquilas Nogueira Mendes. -- São Paulo, 2022. 157 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2022.

1. Economia Política. 2. Formação Política. 3. Educação Crítica. 4. SUS. 5. Saúde Pública. I. Mendes, Áquilas Nogueira, orient. II. Título.

Nome: LOPES, Tarsila Teixeira Vilhena

Título: Uma perspectiva da economia política na formação de profissionais de saúde

Tese apresentada à Faculdade de
Saúde Pública da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de
Doutora em Saúde Pública.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a. Virginia Junqueira _____
Instituição: Universidade Federal de São Paulo _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. Celso Zilbovicius _____
Instituição: Universidade de São Paulo _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. Leonardo Carnut _____
Instituição: Universidade Federal de São Paulo _____
Julgamento: _____

*A meu amor, Leandro, e a todos que estiveram ao meu
lado nesta caminhada.*

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem
ela tampouco a sociedade muda.”*

Paulo Freire, 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Áquilas Mendes por acreditar em meu potencial e permitir que este sonho pudesse ser concretizado. Apoiou-me em toda minha trajetória acadêmica e ajudou-me a compreender melhor meu papel social e político neste mundo. Obrigada!

Ao Professor Dr. Leonardo Carnut, um amigo e um educador, no qual tenho a mais profunda admiração. Agradeço a acolhida e por me fazer sentir estar junto com meus pares. Aprendi muito com todas as trocas que tivemos juntos;

Ao Professor Dr. Celso Zilbovicius, obrigada simplesmente por tudo! Ajudou-me a me reconectar com a Universidade, com a Saúde Pública, com a pesquisa, com a interação com os estudantes. Não tenho palavras para expressar o quanto você foi importante para mim;

Aos Professores Drs. e trabalhadores que contribuíram com a minha formação acadêmica, em todo o meu percurso de doutoramento;

À Leandro, meu parceiro de todas as horas, que esteve junto comigo nos momentos de felicidade, de dores, de superação, ... obrigada por todo apoio, sempre! Amo você!

Aos meus amigos e colegas que contribuíram diretamente e indiretamente na construção desta tese de doutorado. Em especial, Samara Mendes, grande amiga que facilitou minha vida acadêmica em muitos aspectos, Felipe Machado, que me ajudou principalmente com os ritos da USP e Daniele Correia, parceira de luta. Obrigada a todos os colegas e amigos do Coletivo de Formação Política e da APSP aprendo muito com todos vocês; aos meus amigos da FOUSP, que fizeram dos meus dias mais felizes; aos meus amigos do curso de 'Especialização Marxista', que contribuíram com meu arcabouço teórico marxista; aos meus colegas de grupos de pesquisa 'Saúde, Estado e Capitalismo' e a todos meus amigos, que torceram muito por mim, aceitando minhas ausências para eu conseguir finalizar esse trabalho. Vocês são todos incríveis!

E, por fim, agradeço a meus parceiros de trabalho e usuários de meus serviços odontológicos que lidaram com meus ajustes de horários, escutando minhas inquietações. Além de financiarem, mesmo que indiretamente, meus estudos para eu poder concluir este trabalho.

LOPES, T. T. V. **Uma perspectiva da economia política na formação de profissionais de saúde**. 2022. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

A realidade concreta de vida em que os profissionais de saúde estão inseridos fomenta os profissionais de saúde buscarem por formações políticas que tem como enfoque o debate crítico sobre a economia política da sociedade. O objetivo desta tese é estudar com mais profundidade um desses cursos críticos de formação política. Compreender como transcorreu seu processo de ensino-aprendizagem, bem como identificar se ele contribuiu para mobilizar mudanças na ação política desses trabalhadores. As estratégias metodológicas adotadas para esse fim se estruturaram na elaboração de três fases: uma revisão de literatura sobre cursos que se baseiam na perspectiva teórica marxista; um estudo qualitativo sobre a avaliação dos trabalhadores de saúde sobre a experiência, a importância e a (re)significação do curso e, por fim, uma análise qualitativa sobre as respostas de entrevistas sobre a ação política desses trabalhadores. Os fundamentos teórico-críticos marxistas corroboraram para ampliar as análises dos trabalhadores sobre seus problemas conjunturais, pois possibilitam se nutrir com uma teoria revolucionária que influenciasse a sua práxis. Com relação ao curso, as escolhas pedagógicas favoreceram a interação entre eles, com compartilhamento de ideias e experiências. Permitiu que eles refletissem sobre sua participação social e profissional. De modo que perceberam os limites sobre o funcionamento do Estado e das políticas públicas. Ainda assim, relataram algumas dificuldades inerentes ao processo e como elas foram contornadas. Perceberam o curso como estratégico para mobilizar ações políticas, uma vez que ele contribui: para desenvolver a consciência crítica revolucionária, interferindo nas atitudes cotidianas; quando possibilita uma visão totalizante da sociedade; e, no agir político como um ato de existência e resistência. Portanto, esse processo de ensino-aprendizagem baseado em Marx fomentou o protagonismo político-social desses trabalhadores, auxiliando a repensar em suas formas de ação política para um caminhar em sentido a sua emancipação.

Palavras-Chave: Formação política; Práxis revolucionária; Educação crítica; Ação política.

LOPES, T. T. V. **A political economy perspective on the training of health professionals.** 2022. Thesis (Doctorate in Public Health) - Faculty of Public Health, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The concrete reality of life in which health professionals are embedded encourages health professionals to seek political training that focuses on critical debate about the political economy of society. The objective of this thesis is to study in more depth one of these critical political training courses. To understand how its teaching-learning process took place, as well as to identify if it contributed to mobilize changes in the political action of these workers. The methodological strategies adopted for this purpose were structured in three phases: a literature review on courses based on the Marxist theoretical perspective; a qualitative study on the evaluation of health workers about the experience, the importance and the (re)signification of the course and, finally, a qualitative analysis on the answers of interviews about the political action of these workers. The Marxist theoretical-critical foundations corroborated to expand the workers' analyses about their conjunctural problems, because they made it possible to be nourished with a revolutionary theory that influenced their praxis. Regarding the course, the pedagogical choices favored the interaction among them, with sharing of ideas and experiences. It allowed them to reflect on their social and professional participation. So that they realized the limits about the functioning of the State and public policies. Even so, they reported some difficulties inherent to the process and how they were overcome. They perceived the course as strategic to mobilize political actions, since it contributes: to develop a revolutionary critical consciousness, interfering in daily attitudes; when it enables a totalizing view of society; and, in political action as an act of existence and resistance. Therefore, this teaching-learning process based on Marx fomented the social-political protagonism of these workers, helping them to rethink their forms of political action in order to move towards emancipation.

Keywords: Political formation; Revolutionary praxis; Critical education; Political action.

LISTA DE SIGLAS

APSP – Associação Paulista de Saúde Pública
APS – Atenção Primária a Saúde
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CFP – Coletivo de Formação Política
CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COVID-19 – Coronavírus SARS-CoV-2
CRB – Curso de Realidade Brasileira
EA – Educação Ambiental
ELAHP – Escola Latino-Americana de História e Política
ENFF – Escola Nacional Florestan Fernandes
FSP – Faculdade de Saúde Pública
FLCMF – Fundação Lauro Campos e Marielle Franco
MAB- Movimento dos Atingidos por Barragens
MST – Movimento Sem Terra
MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PCB – Partido Comunista do Brasil
PCO – Partido da Causa Operária
PET – Programa de Educação Tutorial
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
SPDM – Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina
SUS - Sistema Único de Saúde
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UJC – União da Juventude Comunista
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
USP – Universidade de São Paulo
UT – Unidade Temática

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da tese com a disposição das diferentes etapas do processo de ensino-aprendizagem do Módulo I do curso de formação política em saúde 44

Artigo I

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos na revisão sobre a teoria marxista na formação política 65

LISTA DE TABELAS

Artigo II

Tabela 1 – Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos trabalhadores sobre sua experiência no decorrer do curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017 - Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil. 87

Tabela 2 – Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre a importância do curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil. 90

Tabela 3 - Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre os pontos positivos e negativos que perceberam no curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil. 94

Tabela 4. Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre os pontos positivos e negativos que perceberam no curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil. 94

Artigo III

Tabela 1 – Perfil da população do estudo segundo gênero, idade, categoria profissional e militância prévia institucional. São Paulo, 2022. 116

Tabela 2. Categorias e subcategorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nas entrevistas dos trabalhadores que cursaram o módulo I de formação política sobre ação política. São Paulo, 2022. 117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixos, pergunta disparadora e objetivos de aprendizagem dos eixos abordados no curso. Curso de Formação Política em Saúde, mai-dez, São Paulo, 2017 39

Artigo I

Quadro 1: Seleção das revistas marxistas incluídas na revisão crítica 62

Quadro 2: Síntese dos artigos incluídos na revisão e suas características: autor(es), ano, título e objetivo 66

APRESENTAÇÃO DA TESE

Aqueles que não me conhecem, eu sou a Tarsila, uma mulher branca, de 35 anos, moradora de Ferraz de Vasconcelos-SP, um município que faz divisa com o extremo leste da cidade de São Paulo-SP. Sou trabalhadora de saúde, atuo como cirurgiã-dentista em consultório próprio. Desde que me formei na graduação de odontologia por uma universidade estadual, interessei-me pela saúde pública e até esse momento me encontro estudando e aprimorando meus conhecimentos nesse campo do saber. Em 2017, fiz um curso de formação política em saúde, onde fui despertada em conhecer mais sobre a perspectiva marxista, pedagogias críticas revolucionárias, ciências sociais e política. Ao reconhecer esse interesse em mim, aproximei-me dos professores deste curso e tive a oportunidade de estudar. Ingressei no doutorado em saúde pública e debruicei-me a aprender sobre economia política, educação crítica baseada na ciência construtivista, ou ainda, desenvolver pesquisas qualitativas. Essa tese foi fruto desse interesse coletivo de estudar com mais afinco o percurso de ensino-aprendizagem do curso de formação política em saúde, visando entender melhor a teoria, a experiência do curso e se ele despertou mudanças na vida de outros trabalhadores, tal como fez com a minha. Fiz parte da segunda turma que se formou neste curso de formação política. Depois, fui moderadora e facilitadora, participei da formação de muitos trabalhadores, assim como eles participaram da minha. Além de exercer esses papéis de estudante, moderadora, facilitadora, pude compor a gestão que formulava esse curso. Pois, estive por um determinado tempo tanto no Coletivo de Formação Política, quanto na coordenação da Associação Paulista de Saúde Pública. Posso dizer que esse curso marcou minha trajetória de vida, criei laços de afeto com muitas pessoas diferentes e esse trabalho me possibilitou representá-los sob a forma escrita. Com relação ao contexto político vivido, foi um momento de muita dor e de luta para os trabalhadores de saúde desse país e do mundo. Isso porque, no meio do doutorado vivemos uma pandemia de covid-19, atravessando a sociedade com luto, negacionismo, descaso à saúde da população, consequências nefastas à educação... trazendo muitos desafios para a classe trabalhadora e a minha vida profissional e pessoal, enquanto autônoma e que faz essa tese com recursos próprios. Precisei de muita dedicação para superar as adversidades e finalmente concluir esse trabalho. Posso afirmar que meus laços afetivos foram minha fortaleza e entendo esse trabalho como forma de minha luta política. Por isso, desfrutem desse pedacinho de mim que resolvi compartilhar com vocês.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1	A RELAÇÃO ENTRE A POLÍTICA, O PODER POLÍTICO, O ESTADO E AS CLASSES SOCIAIS.....	20
2.2	A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE PELA EDUCAÇÃO POLÍTICA	22
2.3	FORMAÇÃO POLÍTICA	24
3	OBJETIVO GERAL	37
4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	37
5	METODOLOGIA	38
5.1	POPULAÇÃO DE INTERESSE DO ESTUDO.....	38
5.2	CENÁRIO DE APRENDIZAGEM: O CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA	38
5.2.1	Opções pedagógico-metodológicas	38
5.3	PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA TRABALHADORES DE SAÚDE.....	42
5.4	FORMULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE MARX	45
5.5	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	47
5.5.1	Primeira fase	47
5.5.2	Segunda fase	50
5.5.3	Terceira fase	52
5.6	ASPECTOS ÉTICOS	54
5.7	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	54
6	RESULTADOS	56
6.1	ARTIGO 1: CONTRIBUIÇÕES DA CONCEPÇÃO MARXISTA NA CONSTRUÇÃO DE FORMAÇÕES POLÍTICAS CRÍTICAS	56

6.1.1	Introdução	58
6.1.2	Percorso metodológico	59
	<i>Abordagem e delimitação do objeto</i>	59
	<i>Técnica de coleta de dados (coprodução dos dados)</i>	60
6.1.3	Resultados e Discussão	65
6.1.4	Considerações Finais	72
6.1.5	Referências Bibliográficas	74
6.2	ARTIGO 2: PERCEÇÃO DE TRABALHADORES DE SAÚDE SOBRE A EXPERIÊNCIA, A IMPORTÂNCIA E A (RE)SIGNIFICAÇÃO (DE)EM UM CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA CRÍTICO	77
6.2.1	Introdução	79
6.2.2	Percorso metodológico	81
6.2.3	Resultados e Discussão	83
6.2.4	Considerações Finais	97
6.2.5	Referências Bibliográficas	99
6.3	ARTIGO 3: AÇÃO POLÍTICA APÓS EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO POLÍTICA CRÍTICA: PERCEPCÕES DE TRABALHADORES DA SAÚDE	101
6.3.1	Introdução	103
6.3.2	Percorso Metodológico	105
6.3.3	Resultados e Discussão	109
6.3.4	Considerações finais	124
6.3.5	Referências Bibliográficas	126
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
9	ANEXO 1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	137
10	ANEXO 2 COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO 1	139
11	ANEXO 3 COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO 3	141

12 APÊNDICES.....	142
--------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

A formação de profissionais de saúde envolve compreender as contradições sociais existentes. Esse fazer pedagógico contribui para a tomada de consciência dos trabalhadores sobre sua concepção de mundo, de homem (ou mulher), de sociedade e de educação. A concepção de mundo, numa perspectiva marxista, entende o homem como um ser corporal que se produz materialmente ao produzir seus meios de existência. A partir desse modo de produção de existência se constitui a essência humana (SAVIANI, 2018). Do ponto de vista ontológico, as relações de produção são o objeto de análise do marxismo. Ou seja, são elas que constroem o ser social.

Isso porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente (SAVIANI, 2013, p. 7).

Na tentativa de compreender como esses fenômenos sociais interagem nesse processo de ensino-aprendizagem, adotam-se teorias crítico-participativas. Em que tem por base os fundamentos do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórica da realidade social. Elas apresentam uma visão crítica da sociedade capitalista, de modo que seus conceitos científicos e filosóficos compreendem que o desenvolvimento humano ocorre por intermédio da perspectiva dialética da prática social (RODRIGUES; SOUSA, 2022). Todas essas concepções e ideias acabam sendo recursos pedagógicos que orientam cursos de formação política de trabalhadores, também chamados de cursos de educação popular.

Esses cursos de formação política são considerados propostas político-pedagógicas, que pressupõe a participação popular e o trabalho comunitário em saúde para promover as ações políticas para transformar as condições históricas e culturais que se encontram. Constituem práticas formativas essenciais para fortalecer o enfrentamento do complexo saúde-doença e as intervenções de cuidado (FERNANDES *et al.*, 2022). Sobretudo, diante de crise do capital, Estado e neofascismo que reflete no Sistema Único de Saúde (SUS) (MENDES; CARNUT, 2020).

Com base nesse contexto, realizar formações baseada numa concepção teórica crítica têm sido um desafio para os trabalhadores, ainda mais na atual conjuntura em que o Brasil está inserido. Contudo, muitos profissionais ainda acreditam no Estado como capaz de dar a ‘direção de prosperidade’ às políticas públicas de saúde. Nesse sentido, faz-se necessário ampliar a

interpretação política do fenômeno, bem como apresentar a perspectiva da economia política crítica marxista aos profissionais de saúde.

Um desses cursos formativos que destacamos é o Curso de Formação Política em Saúde instituído pela parceria entre Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e Coletivo de Formação Política (CFP). Esse curso tem como premissa abordar criticamente os conceitos teóricos de Política e Estado em paralelo com as discussões do campo da saúde coletiva, para refletir sobre os desafios contemporâneos da saúde pública brasileira. Os organizadores elaboraram esse curso de formação política como uma estratégia de descortinar os mecanismos de opressão do Estado, além de reorganizar a classe em si para o enfrentamento do desmonte do direito à saúde (CARNUT *et al.*, 2019a).

É válido ressaltar que existe uma lacuna no que se refere a formações voltadas a profissionais de saúde, que se utilizam do aporte do pensamento marxista na interpretação dos fenômenos políticos (LOPES *et al.*, 2022). Por essa razão, discussões que se proponham trazer o debate crítico sobre a economia política da sociedade são importantes e inovadores em processos de formação de profissionais de saúde. Portanto, esta tese pretende estudar tanto o processo de ensino-aprendizagem desse curso de formação política para trabalhadores de saúde, bem como compreender se esse processo formativo culminou em mudanças na ação política na vida desses profissionais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A RELAÇÃO ENTRE A POLÍTICA, O PODER POLÍTICO, O ESTADO E AS CLASSES SOCIAIS

A relação entre o Estado e a política nas sociedades contemporâneas perpassa pelo entendimento sobre a posição relacional, estrutural, histórica, dinâmica e contraditória dentro da totalidade da reprodução social. As obras de Marx já expõem a mudança radical no modo de compreender as categorias políticas e os fenômenos sociais como o Estado. Essa matriz teórica contribui para compreender o Estado a partir da crítica da economia política clássica, que se assenta na visão da totalidade social (MASCARO, 2013). Isso significa que a teoria marxista promove reflexões sobre a totalidade dos aspectos que constituem a vida social, superando ideias fragmentadas, típicas de uma concepção burguesa.

É no bojo das explorações, das dominações e das crises da reprodução do capital que se vislumbra a verdade sobre a política (MASCARO, 2013). Em que o Estado não é um ente neutro nessa relação. Pelo contrário, na aparência age como uma entidade que representa os interesses de todos, mas em sua essência ele é indispensável para a consolidação da democracia burguesa. Pois, ele garante que o capital seja um processo de acumulação de dinheiro pela mais valia. Portanto, o Estado é estratégico para garantir a reprodução da lógica do capital (CORREIA, 2015).

A forma desse Estado Moderno, capitalista, nem sempre foi assim. Por isso, ela pode não ser eterna. O que conchama a classe trabalhadora a refletir em como pode vir a modificá-la. Isso implica que os trabalhadores tomem essa tarefa para si. Sendo um primeiro passo compreender como funciona a dinâmica do capitalismo em sua organicidade com o Estado Moderno.

Marx (2017) corrobora com esse entendimento, quando nos conta sobre os primórdios da produção capitalista, com traços presentes nos séculos XIV e XV, mas com início mesmo no século XVI. Nesse contexto histórico, as grandes massas humanas são despejadas de seus meios de subsistência violentamente e são lançados para o mercado de trabalho como proletários absolutamente livres - vendedores da própria força de trabalho. A base de todo esse processo consiste na expropriação da terra que antes pertencia ao produtor rural. Segundo Braga e Goes de Paula (1981), este período é considerado um momento importante para a constituição do capitalismo, que se consolidaria no século XIX com o advento da formação do capital industrial.

A crítica que Marx tece sobre a economia política se dá por revelar a face política da economia, que antes estava mascarada pelos economistas políticos clássicos. Portanto, este segredo é revelado. Refere-se às relações sociais e à disposição do poder estabelecidas entre os operários e o capitalista – aquele para quem ele vende sua força de trabalho. Ou seja, o “segredo da acumulação capitalista”¹ foi isolar o produtor dos meios de produção a partir do uso indiscriminado da violência, para permitir que um processo de luta de classes e de intervenção coercitiva do Estado em favor da classe expropriadora fosse instituído. Nesta relação já fica constatado o quanto a política e a economia estão imbricadas (WOOD, 2011). Manter esses conceitos separados atende aos interesses da ideologia capitalista, à medida que faz os trabalhadores atuarem em frentes de atuação políticas separadas. Sendo que a luta para superar a dominação e a exploração é única.

O Estado, quando garante esse aparato necessário à reprodução capitalista, assegura a troca de mercadorias e a exploração da força de trabalho sob forma assalariada. O aparelho estatal passa a ser estratégico para a manter a troca de mercadorias, a propriedade privada e os vínculos jurídicos entre explorados e exploradores, que se valem da forma ‘capital’ e trabalho (MASCARO, 2013). São essas relações sociais, estabelecidas sob formas políticas e jurídicas, que o Estado vai mediar a partir de atitudes contraditórias frente à disputa dos interesses entre as classes.

O poder político e econômico é determinado por essa clivagem de classes. Marx confronta essas relações de produção capitalista, que a burguesia naturaliza e eterniza. Compreende que a força delas ocorre em grande parte pelo modo como se organizam politicamente (WOOD, 2011). Forças estas que dependem tanto de uma organização política por dentro do Estado, por fora e para além – com ações políticas anticapitalistas.

Uma experiência em que os trabalhadores enfrentaram o Estado, tomando o poder, foi na Guerra Civil na França, com o advento da Comuna de Paris. O caráter de classe do movimento parisiense fica expresso no trecho da obra de Engels (2011):

Na realidade, porém, o Estado não é mais do que uma máquina para opressão de uma classe por outra, e isso vale para a república democrática não menos do que para a monarquia; na melhor das hipóteses, ele é um mal que o proletariado vitorioso herda na luta pelo domínio de classes e cujos piores aspectos o proletariado, assim como a Comuna, não pode evitar eliminar o mais prontamente possível, até que uma nova geração, crescida em condições sociais novas e livres, seja capaz de remover de si todo este entulho estatal (p.197).

¹ MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 785-788.

Neste momento, já há uma referência do quanto o Estado é um mal que o trabalhador herda na luta de classes. A experiência da Comuna não conseguiu eliminá-lo. Contudo foi um movimento que tinha uma ideologia de transformar a sociedade, melhorando as condições vividas. Desejava reformas administrativas, judiciais e educacionais, em que os cargos seriam ocupados por voto de todos os envolvidos, dando a soberania popular o direito de demitir os eleitos a qualquer momento. Os salários dos servidores do alto e baixo escalão seriam iguais aos dos outros trabalhadores. Impedindo uma competição acirrada por cargos e carreirismos. Ansiavam por um poder estatal verdadeiramente democrático.

Embora seja um texto do século XIX, ele permanece atual. Tanto com relação a luta em que a classe trabalhadora precisa travar, quanto pelos mecanismos políticos adotados para legislar em prol dos capitalistas. Marx aposta na força do trabalhador para implementar as mudanças que essa geração não conseguiu entoar. Aprendendo com o passado, tecendo a crítica sobre os erros da Comuna de Paris e ao revelar um potencial caminho. Entendia a mudança como política, não técnica. Faz refletir sobre: quais são as forças que estamos utilizando para contrapor o avanço do capitalismo? Estamos investindo na práxis revolucionária de futuras gerações de trabalhadores? Nesse sentido, quando a direção racional do processo de mudança é política, então uma das apostas se dá pela educação política da classe trabalhadora.

2.2 A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE PELA EDUCAÇÃO POLÍTICA

O processo de conscientização da classe trabalhadora é político. Não há cultura de um povo sem política. Por essa razão, educação e política se misturam, pois há uma intencionalidade de prover uma conscientização humana que busque a prática da liberdade – em suas múltiplas acepções. Em uma sociedade onde os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra, no qual os trabalhadores nem sequer tem condições dignas de trabalhar, quem tem o privilégio de fala são aqueles que dominam, exploram. Portanto, é preciso lutar por espaços onde é possível discutir, expor a voz de quem é oprimido. Disputar para tomar a palavra, ainda que seja difícil, é um aprendizado que se faz imprescindível. Trata-se de construir uma pedagogia voltada ao oprimido (FREIRE, 2021).

Nesta pedagogia, Paulo Freire reconhece a importância da relação educação e política. Ele amplia o escopo da ação para além da esfera do Estado. Para ele, toda forma de práxis social que problematiza a vida cotidiana, interpretada a primeira instância como dada, é política. Esta prática pedagógica reconhece o saber como uma produção social, resultante da reflexão e da ação política. Em virtude disso, enxerga o ato de educar como um ato político, cujos agentes

dessa mudança atuam para despertar a consciência e a curiosidade crítica do trabalhador (MENDES; CARNUT, 2022), podendo resultar em mudanças na práxis dos trabalhadores.

Ao entender a educação como um processo que pode alterar a perspectiva das pessoas, e, portanto, transformar o mundo, pode também aspirar mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à saúde e que reacionariamente pode imobilizar a história e mantê-la sob uma lógica injusta. A qualidade de ser política do ato educativo é inerente a sua natureza, por essa razão é impossível haver neutralidade. Para que fosse neutra era preciso que não houvesse divergências entre as pessoas perante os modos de vida individual e social, com relação aos valores a serem encarnados, bem como houvesse unanimidade na maneira de enfrentá-las e superá-las. Portanto, formações críticas podem demonstrar a importância de sua atividade político-pedagógica para possibilitar transformações de realidades (FREIRE, 2013).

O educador que tiver a vontade de colocar-se na perspectiva da “emergente classe trabalhadora” deve ter a consciência de que o compromisso político é um horizonte. Para alcançar este horizonte, se requer aprofundar e ampliar a reflexão crítica, rompendo com o ‘velho’ arsenal de competências técnicas (cultura enciclopédico-burguesa) e substituí-lo por um ‘novo’ conjunto de técnicas, baseadas nas tecnologias historicamente geradas (cultura histórico-proletária). Sendo assim, a tarefa pedagógica desse educador é proceder à crítica do saber escolar ‘burguês’, apostando na capacidade crítico-reflexiva da classe trabalhadora em desarticular os interesses burgueses e colocá-los a serviço de seus interesses (SAVIANI, 2013).

O ato pedagógico e a busca por uma sociedade emancipada têm como intuito superar essa condição fundamental de classes para um mundo sem exploradores e explorados; sem opressores e oprimidos. Para isso, precisam assumir posturas pedagógicas essencialmente vinculadas à uma práxis revolucionária (MARX, 2007). O que confere às atividades, a definição de conteúdo e associações imediatas com aspectos históricos da classe trabalhadora. A matriz teórica do materialismo histórico-dialético, assim como a pedagogia histórico-crítica constituem, portanto, base de referência para esses educadores críticos.

Marx se utiliza do método dialético para enxergar o movimento da dinâmica do capitalismo presente na sociedade burguesa. Ele parte da realidade concreta social, econômica e política para refletir os processos vinculados a ela e retorna para elas, encontrando assim suas determinações (MENDES, 2012). Em um movimento que se inicia do real, passa para a abstração e depois retorna ao real. Como se fosse um movimento de ver o que está posto na realidade, pensar sobre ela e reelaborá-lo num processo de (re)significação dessa realidade.

As condições reais da vida cotidiana estão submetidas ao *ethos* capitalista, sujeitando as pessoas a uma circunstância de servidão “livre” assalariada. De tal modo que, a educação institucionalizada se estrutura para moldar as pessoas a proclamar “consensualmente”² a ordem social vigente. Em consequência disso, naturalizaram essa realidade, acreditando que transformar sua condição social não passa de utopia educacional irrealizável. Isso faz com que um dos primeiros desafios a se travar é disputar no campo das ideias os valores do significado da educação para romper com as condições sociais historicamente construídas pela classe dominante (MÉSZÁROS, 2008).

Travar essa disputa em países como o Brasil requer um movimento de resistência e de luta política em prol de valores antirracistas, a favor de pautas identitárias e de gênero, pela liberdade religiosa, étnica e cultural, pela expressão político-ideológica. Isto é, que abarque movimentos que combatam os preconceitos sociais e seus efeitos na sociedade, principalmente porque essas frações sociais se tornam alvo de violências, colocando em risco suas existências (SILVA; SILVA, 2019), contudo, se se deseja que ela realmente seja uma educação política crítica e com vistas à emancipação humana, a questão de classe deve perpassar articuladamente todos esses valores.

Portanto, educação e política são campos de atuação indissociáveis, em que a consciência da classe trabalhadora deve ser despertada mediante a compreensão crítica das contradições da sociedade. Investindo em uma práxis que ousa mobilizar as massas para alcançar sua emancipação.

2.3 FORMAÇÃO POLÍTICA

‘Política *na* formação’ e ‘formação política’ embora apresentem semânticas semelhantes, não apresentam a mesma concepção. A ideia de ‘política *na* formação’ está atrelada a uma concepção de educação formal, portanto está relacionada com a inserção do tema política no conteúdo programático de cursos acadêmicos/escola. Enquanto, ‘formação política’ se refere a organizações/movimentos voltados para trabalhadores que engajam discussões políticas, fomentando ações que podem provocar mudanças de práxis, a fim de qualificá-la. Na tentativa de tornar a sociedade menos injusta, estreitar a relação teórico-prática, possibilitar análises críticas para identificar os avanços e os limites dessas mudanças. Portanto, contribuem no processo formativo de trabalhador para o exercício de sua práxis revolucionária (CARNUT *et al.*, 2020, p. 8).

² Ideia extraída do excerto: “Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou “consenso” quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados” (MÉSZÁROS, 2008, p.45).

A marca da organização popular para o trabalho de formação política consiste em se ancorar na vida da população, animando e organizando os trabalhadores na busca de soluções para seus problemas. Nesse sentido, a luta e a organização popular atuam para romper com a prática da classe dominante, com o propósito de fazer com que o povo seja protagonista e tome a direção da construção do projeto societário. Munidos por essa força de se tornarem livres, os trabalhadores tecem uma rede de resistência e de esperança contra a dominação e para terem o direito de ter voz (PELOSO, 2012).

A luta dos trabalhadores por melhores condições existenciais aproxima os trabalhadores, de modo que são criados laços de solidariedade de classe, que os estimulam a atuar coletivamente. Nesses espaços de trabalho coletivo, são incentivadas habilidades de disciplina e organização para o exercício de uma abordagem comunista para construção de uma nova vida (KRUPSKAYA, 2017). Nesse sentido, são valiosas as experiências formativas, pois ao passo que elas corroboram com a organização do trabalho coletivo, elas favorecem a união de forças e uma alternativa para a divisão de trabalho.

Ainda que essas experiências formativas sejam necessárias, formar um indivíduo não ocorre unicamente por essa via. Isso porque a política se faz para além de espaços escolares. Ela ocorre no dia a dia, a partir de um trabalho de base (PELOSO, 2012) da classe trabalhadora. Em que a organização do trabalho ocorre nos sindicatos, nos partidos, nas lutas dos locais de moradia, inclusive, nas escolas e demais espaços destinados a estudar.

A classe trabalhadora organizada passa a ser base permanente de mobilização. Para isso, precisam de organização, um programa que analise e formule as propostas apontando a direção onde se deseja ir, estratégias para atingir essas metas designadas e de tática, que são as ações realizadas no cotidiano visando assegurar que as estratégias deem certo. Concretizar as linhas políticas são possíveis de serem realizadas, desde que o movimento de massas desenvolva um plano tático para delimitar as ações políticas diversas (MST, 2015). Nesse sentido, a estratégia e a tática constituem parte da direção política revolucionária. Em que a estratégia determina o caminho geral: a derrota da burguesia e a implantação do comunismo. Já as táticas são as formas de ação de como se planeja, organiza e orienta os enfrentamentos sociais para atingir o objetivo (HARNECKER, 2021). Entretanto, se o desejo é o comunismo, como fazer? Qual o caminho que devemos trilhar?

A história de luta de classes, assim como a teoria revolucionária marxista contribui para construção dessa trajetória ao socialismo. Teorias como a tese da revolução permanente, conceitos de ‘guerra de posição’ e ‘guerras de movimento’, lutas armadas, estratégias de poder popular, pedagogias socialistas (BOGO, 2008), pedagogias freirianas, leituras de intérpretes da

formação social latino-americana... todas essas referências teóricas corroboram para a organização política da classe trabalhadora.

Tendo como expressão de luta política os movimentos populares que se organizam politicamente para descobrir seus próximos passos, dispostos a refletir teoricamente, discutir os conceitos com análises críticas das realidades que estão inseridos é fundamental para aprender a escutar e compartilhar aquilo que aprendemos. Num movimento dialético entre aquele que ensina é educador, assim como aquele que é educador também é ensinado. Ambos numa compreensão dialógica e construtiva para lutar politicamente juntos.

Nesse caminhar para entender mais sobre as diversas formações políticas desenvolvidas no Brasil e em países internacionais, há um levantamento de algumas formações políticas, a partir de uma busca exploratória inicial na literatura e em sites da internet (Quadro 1).

Quadro 1 - Experiências de formações políticas voltadas a trabalhadores, Janeiro-Outubro, 2020.

Número de formações	Formações Políticas	Organização
1	Formação política na Via Campesina Brasil	Movimento Sem Terra (MST) e Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
2	Curso de Realidade Brasileira (CRB)	MST, Consulta Popular e Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)
3	Formação política da Revolução Brasileira	Revolução Brasileira
4	Curso de extensão: Formação Política	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
5	Formação histórica e política na graduação em saúde	Atividade extensionista desenvolvida na modalidade semipresencial em nível nacional, apoiada pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde.

6	Oficinas emancipatórias como proposta de intervenção em saúde do(a) trabalhador(a)	Universidade de São Paulo; Secretaria Municipal de Saúde; Unidade Básica de Saúde Heliópolis; Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM).
7	Curso de extensão “Formação Política”	Escola de Serviço Social/UFRJ, no Centro de Cidadania da Praia Vermelha.
8	Oficinas de formação política	Programa de extensão Universidade Itinerante, vinculado a Universidade do Fluminense de Rio das Ostras em conjunto com movimentos sociais.
9	A formação política pela sétima arte	Projeto de extensão realizado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
10	Ciclo de palestras para formação política e cidadã	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
11	Curso de Especialização em Estudos Latino Americanos	MST em conjunto com os alunos do Curso Realidade Brasileira pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
12	Formação política do PCB	Partido Comunista do Brasil (PCB)
13	Curso de Formação Política FLCMF	Fundação Lauro Campos e Marielle Franco

14	Formação Política da Esquerda Marxista: corrente marxista internacional	Universidade Marxista – Brasil
15	A formação política e o caminho ao marxismo	Jones Manoel
16	Formação Política	Classe Esquerda
17	Verão da Formação	Núcleo de Formação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Carioca
18	Formação em Tempos de Corona	Setor de Formação - Movimento Sem Terra (MST) / Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
19	Formação Política Crítica	REGA Brasil
20	Curso de Formação da revista O Futuro	União da Juventude Comunista
21	Formação política marxista	Partido da Causa Operária
22	Formação Marxista	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
23	Curso Nuestra America Revoluções	Consulta Popular
24	Curso Online – 50 anos do triunfo da Unidade Popular Chilena	Escola Latino-Americana de História e Política (ELAHP)
25	Diploma Superior en Formación Política	Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
	Total	25

Fonte: pesquisa direta

Nos processos de formação política na Via Campesina Brasil, as atividades orientadas pelo Movimento Sem Terra (MST) e apoiadas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) têm sido baseadas em dois tipos ideais de formação política: o tipo pecebista, que remete à antiga hegemonia comunista, e o tipo “educação popular”, marcado por concepções e metodologias pedagógicas freirianas. Após a inauguração da Escola Nacional Florestan

Fernandes (ENFF) em 2005, os cursos de formação política incorporaram as leituras de intérpretes nacionais a respeito da sociedade brasileira, acompanhando as leituras marxistas. Pode-se dizer que a formação política da Via Campesina Brasil adquiriu contornos próprios, como se estivesse entre a pedagogia freiriana e o marxismo pecebista (PERRUSO, 2017, p. 159).

O curso de Realidade Brasileira (CRB), organizado pelo MST, Consulta Popular³ e ENFF, promove formações políticas desde 2001. A primeira turma foi em Juiz de Fora (MG). Propõe-se a refletir os intérpretes da realidade brasileira, como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Celso Furtado e Paulo Freire. A luz dessas reflexões, possibilita analisar a conjuntura presente e (re)pensar o Brasil e um Projeto Político-Social Popular alternativo e contra hegemônico ao capital e à sociabilidade capitalista. Almeja contribuir para a formação político-social das lideranças dos movimentos sociais no território brasileiro, bem como possibilitar uma apropriação histórico-social da realidade e de suas contradições. Utiliza-se de um embasamento teórico crítico-reflexivo para uma práxis de ações e consequências mais efetivas, a curto, médio e longo prazo (SOUZA, 2017; COSTA, 2020).

As organizações partidárias também mobilizam esforços para potencializar sua militância política. Uma das estratégicas como força material dentro do movimento dos trabalhadores, do movimento estudantil e do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) são as formações políticas. Elas têm o propósito de organizar a militância política em torno da Revolução Brasileira, contra os exploradores e na busca do socialismo. Além de terem como características serem abertas ao público e em diferentes cidades do país (CICLO NACIONAL DE FORMAÇÃO, 2020)

O Curso Realidade Brasileira teve sua origem marcada pela percepção da necessidade de se retomar a formação de militantes de uma maneira mais sistematizada. Além disso, repensava-se o Brasil e um Projeto Político-Social Popular alternativo e contra hegemônico ao capital e à sociabilidade capitalista. Sendo assim, no último final de semana de agosto de 2012, foi inaugurado o curso nas dependências do campus de Picos, da Universidade Federal do Piauí (SOUZA, 2017).

Em abril de 2017, houve um Manifesto pela Revolução Brasileira. Nesse texto, o elemento central apontado era a crise terminal do sistema petucano. Em que, petistas e tucanos haviam administrado o país por longos anos, a partir de um pacto de classes da sociedade

³ Em 1997, na busca por uma maior unidade na luta revolucionária, alguns setores da esquerda resolveram se unir. Essa coalizão de forças propiciou a construção de um projeto popular único. Foi, então, que se instituiu o Movimento Consulta Popular (IHU, 2007)

brasileira criado no Plano Real. Com o advento da crise capitalista, abriu-se a possibilidade para um radicalismo político, que, nesse contexto, marcou a entrada de um grupo de militantes marxistas no PSOL. Frente ao exposto, Nildo Ouriques foi intitulado como pré-candidato à presidência da república pelo PSOL, pois ele reunia as características necessárias para propagandear o novo radicalismo político da esquerda – substituindo inclusive o nome para Revolução Brasileira, ao invés de Realidade Brasileira (REVOLUÇÃO BRASILEIRA, 2020).

Outro exemplo de formação política refere-se a palestras promovidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), por intermédio de um projeto de extensão. Os debates têm como objetivo discutir os papéis dos poderes legislativo, executivo e judiciário, além de abordar temas como: segurança, educação, saúde pública, marketing político, papel das religiões no espaço público e na política na conjuntura atual, saúde popular, formação do povo brasileiro, marketing político, movimento popular e sindicatos e a importância dessas instâncias na formação política. A finalidade desses encontros não tem caráter partidário, mas de formar lideranças que possam multiplicar esses conhecimentos junto às comunidades. (CAMPUS E COMUNIDADE, 2018)

Um dos desafios de cursos universitários da área da saúde consiste na superação da formação tecnicista e operacional e ampliação da capacidade de reflexão crítica do discente sobre as determinações históricas e políticas da saúde. Com vistas à sensibilização e compreensão, pelo estudante e profissional, do contexto das políticas e da luta pelo direito social e o Sistema Único de Saúde (SUS), essa formação Histórico e Política foi elaborada. Trata-se de uma atividade extensionista desenvolvida na modalidade semipresencial em nível nacional, apoiada pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS. O desenvolvimento deste curso apoiou-se na concepção teórico e metodológica da construção compartilhada do conhecimento. Os conteúdos são desenvolvidos a partir de três temas: educação, trabalho e saúde, que expressam a apreensão e a problematização da prática de inserção dos estudantes envolvidos ao estudo da sociedade brasileira (DAVID *et al.*, 2019).

Ainda no campo da saúde, Soares *et al.* (2018) elaboram um ensaio em que apresentam oficinas emancipatórias como proposta de intervenção em saúde do(a) trabalhador(a). Essas oficinas têm como referencial teórico-metodológico o Materialismo Histórico Dialético. Analisam o conceito de trabalho como categoria central das relações sociais e nas teorias da determinação do processo saúde e da educação emancipatória. Essa experiência tem implicações em saúde, pois se propõe a compreender o trabalho em saúde, a partir da exposição da lógica de organização e divisão do trabalho, bem como os obstáculos que essa lógica impõe para o trabalhador(a) se sentir fortalecido para a transformação das necessidades em saúde.

Como proposta de curso de extensão, a Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Centro de Cidadania da Praia Vermelha, tem como iniciativa construir uma reflexão teórico-crítica acerca dos processos de participação política voltado a estudantes, militante de movimentos e partidos políticos, trabalhadores e líderes comunitários em geral. Sua finalidade consiste em oferecer ao público-alvo uma visão histórica dos processos de participação política, a relação Estado-sociedade e as disputas hegemônicas, as lutas sociais e a construção política dos movimentos sociais e sindicais. Outra interface é contribuir na formação de base de lideranças de movimentos sindicais, sociais, de partidos políticos acerca dos limites teórico-conceituais e ético-políticos da democracia no capitalismo. Por fim, essa experiência reflete sobre os processos histórico-sociais da organização e luta dos trabalhadores e o papel de seus organismos e espaços (CENTRO DE CIDADANIA DA PRAIA VERMELHA, 2018)

O programa de extensão Universidade Itinerante, vinculado a Universidade Federal do Fluminense de Rio das Ostras em conjunto com os movimentos sociais, desempenham atividades formativas no acampamento Osvaldo de Oliveira. As ações são organizadas na perspectiva do acesso ao conjunto de políticas públicas, realização de levantamentos socioeconômicos e epidemiológicos, construção de cursos de formação política e agroecologia, entre outras. Em 2013, concretizaram-se oficinas de formação política, de educação popular em saúde e oficinas culturais, de teatro e capoeira. Todo o processo pedagógico foi elaborado para potencializar os processos organizativos já existentes. Sendo assim, as atividades colaboram para o fortalecimento das lutas dos trabalhadores e pela terra, problematizam sobre as mudanças na realidade em loco e provocam questionamentos a respeito da formação política em um momento futuro, enquanto assentamento (MONTEIRO, 2017).

A arte também pode ser uma forma de expressão de formação política, como demonstrou o projeto de extensão “A formação política pela sétima arte”, realizada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Este projeto esteve vinculado no contexto do grupo de pesquisa sobre ‘Trabalho, educação e sociedade’, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Educação. Teve como objetivo utilizar da narrativa fílmica o aspecto socioeducacional de análise da conjuntura política educacional brasileira, considerando o país em sua perspectiva histórica de ampla tradição política. A prática pedagógica possibilitou ampla participação da comunidade externa à instituição. Assim, foi um projeto que contribuiu com a formação e ampliação da capacidade crítica dos participantes (PEREIRA, 2018). Os filmes e documentários são capazes de propiciar uma experiência crítica singular, perante os problemas societários e, por isso, são constituintes da prática pedagógica (PREVITALI *et al.*, 2019).

Um ciclo de palestras para formação política e cidadã foi promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão da sociedade brasileira através das discussões de temas sociais. As atividades pedagógicas foram organizadas pelo Grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) do modo gratuito e aberto ao público. As palestras foram ministradas por professores da UFPB, alunos vinculados ao projeto e representantes dos movimentos sociais da Paraíba. A premissa era o intercâmbio de conhecimentos entre a academia e militância (LEMOS, 2018).

Os processos formativos em política são regidos por alguns princípios, dos quais devem ser destacados ser um processo contínuo e sistematizado; ser parte integrante da organicidade e das lutas, buscando a unidade política e ideológica; o ponto de partida deve ser a prática social; a formação deve ser preparada e implementada em todos os níveis (base, militantes, dirigentes, quadros) a partir dos interesses da organização; devem contribuir na construção de uma ética revolucionária; e, por fim, deve ser direcionada para a conquista de seus objetivos estratégicos. Diante dessa compreensão, o MST percebeu a necessidade de se articular, política e institucionalmente, com a sociedade brasileira, sobretudo com as universidades públicas. Fruto dessa parceria foi possível a realização de um Curso de Especialização em Estudos Latino-Americanos, demandado pelos próprios alunos do Curso Realidade Brasileira pela UFJF (2003-2005) (BEZERRA *et al.*, 2007).

Vale mencionar que parcerias entre as universidades e os movimentos sociais devem ser estimuladas e sistematizadas de modo contínuo. Uma vez que ampliam as oportunidades de socializar os conhecimentos e potencializar as organizações da sociedade civil, que possam revitalizar as discussões acadêmicas em torno das causas sociais. Para isso, há de se ter corresponsabilidade no processo de ensino-aprendizagem e respeito à autonomia de ambas as partes (BEZERRA *et al.*, 2007).

A construção dessas experiências de formação política junto aos trabalhadores é capaz de interferir no movimento contínuo de formação de consciência. Ou seja, nas formas de leitura do mundo, fundamentada no domínio da sociedade burguesa e na exploração do trabalho e na propriedade privada, com o fim de garantir sua reprodução. Diante do acirramento das formas de desigualdades, da criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, da fragmentação da consciência de classe e da luta dos trabalhadores, do decepamento de direitos, do sucateamento e mercantilização dos serviços públicos e tantas outras adversidades da atual conjuntura, iniciativas como estas corroboram para o redirecionamento crítico da universidade e dos perfis de profissionais por ela formados (MONTEIRO, 2017).

Além dessas formações, existem aquelas vinculadas a partidos, como, por exemplo, a do Partido Comunista do Brasil (PCB). Este é um partido revolucionário que tem como objetivo a conquista do poder político pelo proletariado e os trabalhadores em geral, em aliança com outras frações sociais, como as camadas médias, a intelectualidade e a juventude comprometida com a luta revolucionária para a construção de uma sociedade socialista, rumo ao comunismo. Tem como base teórica o Marxismo-Leninismo e outros pensadores revolucionários. Em seus cursos formativos são apresentados os princípios básicos do comunismo, a história do PCB, suas resoluções estratégicas, táticas e de organização. Sua proposta política é definida pelas Resoluções da Conferência Nacional de Organização do partido (SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO PCB, 2010)

A proposta do curso formativo da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco acontece de maneira online, de forma gratuita. Constitui-se por 08 módulos, na perspectiva teórica marxista-leninista, com vídeos de aproximadamente 15 minutos de duração. Neste curso, dentre os temas que são abordados destaca-se a “questão ambiental”, “Racismo, Machismo e LGBTfobia⁴”, “América Latina” sob uma visão marxista (FLCMF, 2020).

O curso formativo da Universidade Marxista – Brasil, segue na mesma linha do supracitado, cujos módulos são online. A programação deste segue com 07 módulos, cujos conteúdos são “A luta de classes e o marxismo”; “Bases econômicas do Marxismo”; “A necessidade da Internacional dos Trabalhadores”; “Lições da Revolução de Outubro”; “A degeneração stalinista da Revolução Russa e suas consequências”; “200º Aniversário de Friedrich Engels, o professor do proletariado e por fim “A época do Imperialismo” (ESQUERDA MARXISTA, 2020).

A Fundação João Mangabeira foi outra instituição encontrada que promove cursos de formação política, modalidade online. Seu curso é constituído por quatro módulos e versa sobre assuntos como: “Fragmentos da história do Partido Socialista Brasileiro (PSB)”; “O que é política numa dimensão ética”; “História da formação política brasileira”; “O pensamento político brasileiro”; “História da formação do capitalismo”; “o socialismo no mundo contemporâneo” e “A atuação política dos socialistas” (FJM, 2011).

Outras plataformas digitais também têm sido exploradas para cursos formativos em política, como canais no “YouTube”. Um exemplo disso foi o vídeo “A formação política e o caminho ao marxismo”, de Jones Manoel. Este vídeo em específico teve mais de 50.000

⁴ O termo LGBTfobia é utilizado para nomear o ódio à população de homossexuais, lésbicas gays, bissexuais, travestis e transsexuais. Contudo, atualmente, tem-se optado pelo uso de seu sinônimo LGBTQIA+, uma vez que inclui outras orientações sexuais e identidades de gênero.

visualizações (MANOEL, 2019). Jones Manoel também é professor do curso online da Classe Esquerda. Esse site tem promovido formações políticas virtuais, tendo 07 ofertas no momento (CLASSE ESQUERDA, 2020).

O Núcleo de formação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Carioca tem promovido cursos recorrentes sobre política. Um deles foi o Verão de Formação, que discutiu temas como: conceitos básicos do marxismo; capitalismo contemporâneo e trabalho; capitalismo e opressões – classe e raça e capitalismo e opressões – classe e gênero. O público-alvo são os novos filiados e militantes indicados pelos núcleos setoriais do partido na capital do Rio de Janeiro-RJ (PSOL CARIOCA, 2019).

Nos tempos atuais, em que se vive uma pandemia mundial de coronavírus (COVID-19), cursos de formação políticas tem sido mais recorrente. Sob essa perspectiva que o Movimento Sem Terra (MST) atualizou seu site com novos cursos, com intuito de não se arrefecer frente aos desafios que essa nova conjuntura apresenta, como podemos observar em seu site Formação em Tempos de Corona (CURSO DE FORMAÇÃO DO PCB, 2020).

O grupo Rega Brasil tem o intuito de promover formações políticas críticas, fortalecendo a agroecologia enquanto estratégia de transformação social, política, econômica e cultural da sociedade. Uma seleção de textos permite apresentar um panorama amplo de ideias que ajudem a entender nosso mundo e o contexto de conflitos e lutas em que a agroecologia se insere. Dentre os temas que abordam, destacam-se: algumas chaves para entender o capitalismo; geopolítica, questão agrária e a natureza em disputa; América Latina, (de)colonialismo e ecologia; resistências: classe, raça, gênero e etnicidade; e, armadilhas (REGA BRASIL, 2018).

A União da Juventude Comunista (UJC), assim como outras formações políticas, tem como finalidade contribuir com uma visão geral do marxismo-leninismo, desde os fundamentos econômicos e filosóficos do materialismo histórico-dialético, até os desdobramentos políticos e organizativos acumulados pela luta do proletariado no rumo da emancipação humana. Sua última edição deu início em setembro de 2020. Até o momento, houve 04 módulos realizados. Nomes como José Paulo Netto, Edmilson Costa e Eduardo Serra compõem o corpo docente, tendo como premissa criar um panorama formativo introdutório que irá desde as reflexões de Marx e Engels até o estágio atual de atuação política e intervenção de massas das juventudes comunistas em todo o mundo (UJC, 2020).

A formação política marxista do Partido da Causa Operária (PCO) é tida como uma experiência para aqueles que querem aprofundar sua leitura da conjuntura política e econômica. As análises políticas desse partido seguem numa abordagem marxista, sendo assertivos e por isso ganhando projeção na esquerda nacional e internacional nos últimos anos. Tem como

objetivo levar o curso de formação política básica para ativistas de esquerda, que ainda estejam pouco familiarizados com os conceitos, com a história do movimento dos trabalhadores etc. (PCO, 2018; ESCOLA MARXISTA, 2021).

O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado também promove cursos formativos periodicamente. Disponibilizam materiais em forma de slides, textos e filmes, com roteiros de orientação de estudo. Dividem o curso em níveis: básico, intermediário e avançado. Assim, contemplam militantes e ativistas que se propõe a aprofundar seus conhecimentos na teoria marxista e utilizá-las como uma ferramenta de transformação revolucionária (PSTU, 2020).

Em junho de 2022, a Consulta Popular organizou um curso online gratuito voltado para pessoas que têm interesse em estudar o pensamento crítico latino-americano e os processos de transformação na história do continente. O curso teve oito módulos com temas que refletiram sobre a formação social da América Latina, as lutas de independência, as revoluções cubanas, chilena, nicaraguense e venezuelana. Além do legado das lutas por libertação nacional, as determinações do desenvolvimento do capitalismo dependente e os desafios atuais. O curso foi intitulado de ‘Nuestra América – Revoluções’. Foi considerado como uma proposta de continuação do Curso Realidade Brasileira (CRB) (COSTA, 2020; NUESTRA AMÉRICA, 2020).

Aqueles que querem se aproximar do pensamento latino-americano também tem a oportunidade de acompanhar o curso online – 50 anos do triunfo da Unidade Popular Chilena. Este curso foi ministrado em julho, em 08 encontros virtuais, que foram gravados e estão disponíveis depois para os alunos pagantes poderem revisar os conteúdos, no período de um ano. (ELAHP, 2020)

Ainda no que se refere a América Latina, há o curso ‘Diploma Superior en Formación Política’. Um curso de modalidade virtual que se organiza em 6 módulos temáticos. É resultado de um trabalho em conjunto entre a CLACSO, Casa Patria Grande (Frente de Todos, Argentina), o espaço de formação da Colombia Humana (Colômbia), o Instituto Lula (Brasil), a área de formação da United We Can (Espanha), Instituto de Formação Política Morena (México) e Frente Ampla (Uruguai). Em que pretende formar profissionais comprometidos com o fortalecimento do campo progressista ao problematizar projetos de integração regional, novas formas de organização e participação política, novas soberanias (clima, saúde e alimentação) e a construção de agendas coordenadas pela busca de maior igualdade e justiça social (CLACSO, 2021).

É possível ratificar que são muitas as experiências formativas que se inspiram na teoria marxista. Cada uma com sua particularidade, mas todas com um só propósito de unir a teoria com a prática, com o propósito de mobilizarem a reflexão crítica e a práxis revolucionária.

3 OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de ensino-aprendizagem do curso de formação política para profissionais de saúde à luz da teoria marxista, promovido pela parceria entre a Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e o Coletivo de Formação é Política (CFP), bem como identificar se este processo formativo culminou em mudanças das ações políticas desses trabalhadores.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Revisar criticamente a literatura científica acerca de cursos de formação política, que se baseiam numa perspectiva teórica crítica marxista;
- b) Analisar o processo de formação política de trabalhadores de saúde do curso realizado pela APSP e CFP, numa perspectiva crítica marxista, e suas implicações nas diferentes etapas de aprendizagem: experiência, compreensão sobre a importância e (re)significação;
- c) Analisar a ação política dos trabalhadores de saúde que cursaram o módulo I do curso de formação política da APSP e CFP, a partir de discussões do conteúdo da economia política marxista.

5 METODOLOGIA

Esta tese se apresenta em três artigos para contemplar os diferentes objetivos elencados para esse estudo. O primeiro artigo consiste em revisar a literatura acerca das formações políticas existentes, que seguem uma perspectiva teórica marxista, em periódicos nacionais, latino-americanos e internacionais. O segundo e terceiro artigo analisam qualitativamente as diferentes fases do processo de aprendizagem de trabalhadores de saúde que cursaram o módulo 1 do curso de formação política, desenvolvido em parceria pela Associação Paulista de Saúde Pública, no município de São Paulo - SP.

5.1 POPULAÇÃO DE INTERESSE DO ESTUDO

A população-alvo desta tese foi destinada aos trabalhadores que participaram do módulo I do curso de Formação Política em Saúde, realizado pela APSP/CFP, entre as turmas 1 a 10. Constituem-se por trabalhadores que estão inseridos no campo da saúde e/ou da educação. Foram aceitos estudantes da graduação dos mais diversos cursos (enfermagem, odontologia, serviço social, farmacêuticos...) e da pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado). Além deles, foi um curso de interesse para militantes de movimentos sociais, lideranças sindicais e comunitárias e por trabalhadores que atuavam na gestão de serviços de saúde e/ou de políticas públicas. Majoritariamente, foi um curso voltado para trabalhadores que buscavam aprofundar seus conhecimentos sobre a interface entre saúde pública e a política. Portanto, foi um curso cujo destino era especialmente os trabalhadores do SUS.

5.2 CENÁRIO DE APRENDIZAGEM: O CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA

O cenário de aprendizagem estabelecido foi o módulo I curso de formação política da APSP/CFP.

5.2.1 Opções pedagógico-metodológicas:

A primeira opção pedagógica foi realizar o curso de Formação Política em Saúde na APSP, espaço não institucionalizado pelo aparelho do Estado e que vem unindo forças na (re)organização da classe trabalhadora em saúde no estado de São Paulo. A segunda opção, consistiu em dar ênfase aos três elementos do processo ensino-aprendizagem, segundo Paulo Freire (2013, p.15-30): “ensinar exige criticidade”, “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” e “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. A terceira opção pedagógica foi o uso de métodos ativos de aprendizagem (MITRE *et al.*, 2008), como uma mescla de técnicas, sendo elas: as *Questões Disparadoras*, a *Tempestade de Ideias* e a *Sala de Aula Invertida*. Elas se articulam para favorecer um espaço de encontros, que possibilite a troca de experiências, ora pelos momentos individuais de

leituras, ora pelas discussões coletivas (BULGARELI, 2018; CARNUT *et al.*, 2019a; CARNUT *et al.*, 2019b; LOPES *et al.*, 2022).

O curso foi planejado para ocorrer em 05 encontros, dispostos com 4 horas cada um. Os trabalhadores que frequentavam o curso, liam os textos marxianos e marxistas ou de saúde coletiva, depois discutiam em pequenos grupos e na grande roda. Cada encontro, tinha uma questão disparadora e objetivos de aprendizagem. Mediavam as discussões os moderadores e os facilitadores, com o intuito de responder as perguntas disparadas (Quadro 1).

Quadro 1. Eixos, pergunta disparadora e objetivos de aprendizagem dos eixos abordados no curso. Curso de Formação Política em Saúde, mai-dez, São Paulo, 2017.

Eixo e sua questão disparadora	Objetivos de aprendizagem
Eixo 1: “A Política Pública é Política? Onde está o SUS?	a) Identificar o Estado como peça fundamental na lógica de acumulação capitalista assim como fazer a crítica à ideia de “bem comum”; b) Desconstruir a noção de saúde como intermédio entre produção do “bem comum” e “lógica de acumulação capitalista”; c) Compreender os avanços das demandas políticas da classe operária (e por assim dizer da implementação do SUS) como concessões do Estado; d) Reconhecer como a relação social capitalista gera o processo de alienação da classe trabalhadora e sua capacidade limitada de reverter esse mecanismo.
Eixo 2: “O Estado brasileiro e a Constituição Cidadã: Direitos Reconhecidos ou Negados?	a) Reconhecer que os direitos sociais estabelecidos na Constituição são, em grande parte,

	<p>concessões da burguesia que conquistas democráticas;</p> <p>b) Discutir a ideia de “autonomia do Estado” frente aos interesses da dinâmica do capital;</p> <p>c) Apontar que as políticas sociais não se baseiam no confronto e superação da ordem vigente no Estado, ao contrário, mantém o funcionamento do sistema capitalista;</p> <p>d) Identificar o descompasso histórico entre a formulação da Constituição de 88 e o momento político externo/interno, assim como a tentativa da burguesa em isolar a decisão política em relação a sua execução técnica;</p> <p>e) Discutir como o ajuste fiscal/econômico implementado nas últimas décadas vem impedindo o avanço da universalidade das políticas sociais.</p>
<p>Eixo 3: “A Saúde como Negócio? Formas de Restrição do Direito à Saúde no Brasil”</p>	<p>a) Discutir o trabalho em saúde é determinado pela lógica da medicalização e como esse processo está relacionado ao modo de produção da sociedade capitalista;</p> <p>b) Identificar a natureza da crise do capital a partir dos seus mecanismos de acumulação e o</p>

	<p>papel que o Estado desempenha nesta dinâmica;</p> <p>c) Interpretar as estratégias utilizadas pelo gerencialismo para a manutenção do processo de acumulação do capital.</p>
<p>Eixo 4: “Reforma Sanitária Brasileira: quais rumos foram tomados?”</p>	<p>a) Reconhecer como a medicina preventiva cumpre o papel liberal em manter o bem-estar social e físico do trabalhador, garantindo o aumento da produtividade;</p> <p>b) Identificar a aposta do Movimento da Reforma Sanitária (MRS) no Estado e o papel que o Estado em regular e controlar as indústrias do setor saúde;</p> <p>c) Situar a públicas para o MRS, sem perder de vista a necessidade de uma visão crítica;</p> <p>d) Reconhecer que o MRS se restringiu a uma atuação setorial.</p>
<p>Eixo 5: “O que fazer? Dilemas e perspectivas para a Saúde Coletiva.”</p>	<p>a) Discutir a separação entre o econômico e político no capitalismo;</p> <p>b) Reconhecer o local da luta de classes no contexto sócio-histórico apresentado pelos autores;</p> <p>c) Identificar as escolhas e as omissões políticas da experiência da Comuna de Paris, enquanto exemplo de luta de classes;</p> <p>d) Situar as propostas das cartas</p>

Fonte: elaboração dos autores extraída do artigo de BULGARELI *et al.* (2018).

Após os cinco encontros, os trabalhadores eram convidados a avaliarem a experiência a partir de um instrumento contendo perguntas relacionadas a diversos tópicos sobre o curso de formação política (BULGARELI *et al.*, 2018; CARNUT *et al.*, 2019a, CARNUT *et al.*, 2019b, LOPES *et al.*, 2022). Esse instrumento avaliativo foi utilizado para a elaboração do artigo 2 – produto do resultado desta tese.

As opções pedagógico-metodológicas constituíram-se escolhas importantes para a execução desta formação política. Pois, influenciadas por métodos ativos de ensino-aprendizagem derivado do pensamento freiriano, assim como por pedagogias críticas alinhadas com a perspectiva teórica marxista (CARNUT *et al.*, 2020), os trabalhadores puderam refletir sobre seu lócus de ação política, resultando em mudanças concretas no seu cotidiano. Pretende-se observar a percepção deles sobre sua ação política com o estudo do artigo 3.

5.3 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA TRABALHADORES DE SAÚDE

A construção do conhecimento se fundamenta por paradigmas epistêmicos, que influenciam a racionalidade científica. O paradigma ‘hegemônico’, que tradicionalmente está presente nas formações dos cursos de saúde, apresenta-se como um ambiente físico austero, conservador e cerimonioso. Funciona como um local que privilegia a apropriação do conhecimento pela transmissão de conteúdos entre aquele que detém o conhecimento ao que não tem. Isto é, numa postura vertical entre quem educa e quem é educado. Nesse ínterim, o processo de ensino-aprendizagem passa a assumir uma lógica de reproduzir os conteúdos, de forma que o educando assume um papel passivo e de expectador (BEHRENS, 2013; MITRE *et al.*, 2008). Uma vertente intitulada de positivista.

Esse modelo de educação suscitou um movimento por novas possibilidades de se produzir ciência. Sendo uma delas, a abordagem progressista que se alicerça em um processo de educação que compreende o indivíduo como um ser que constrói sua própria história. As habilidades intelectuais são desenvolvidas pelo compartilhamento de ideias, informações, responsabilidades, decisões e cooperação. No Brasil, essa abordagem tem como precursor Paulo Freire, que propõe o protagonismo dos sujeitos em suas obras ‘Pedagogia do Oprimido’, ‘Pedagogia da Esperança’ ou ‘Pedagogia da autonomia (BEHRENS, 2013). É por esses valores epistêmicos que o curso de formação política está inserido.

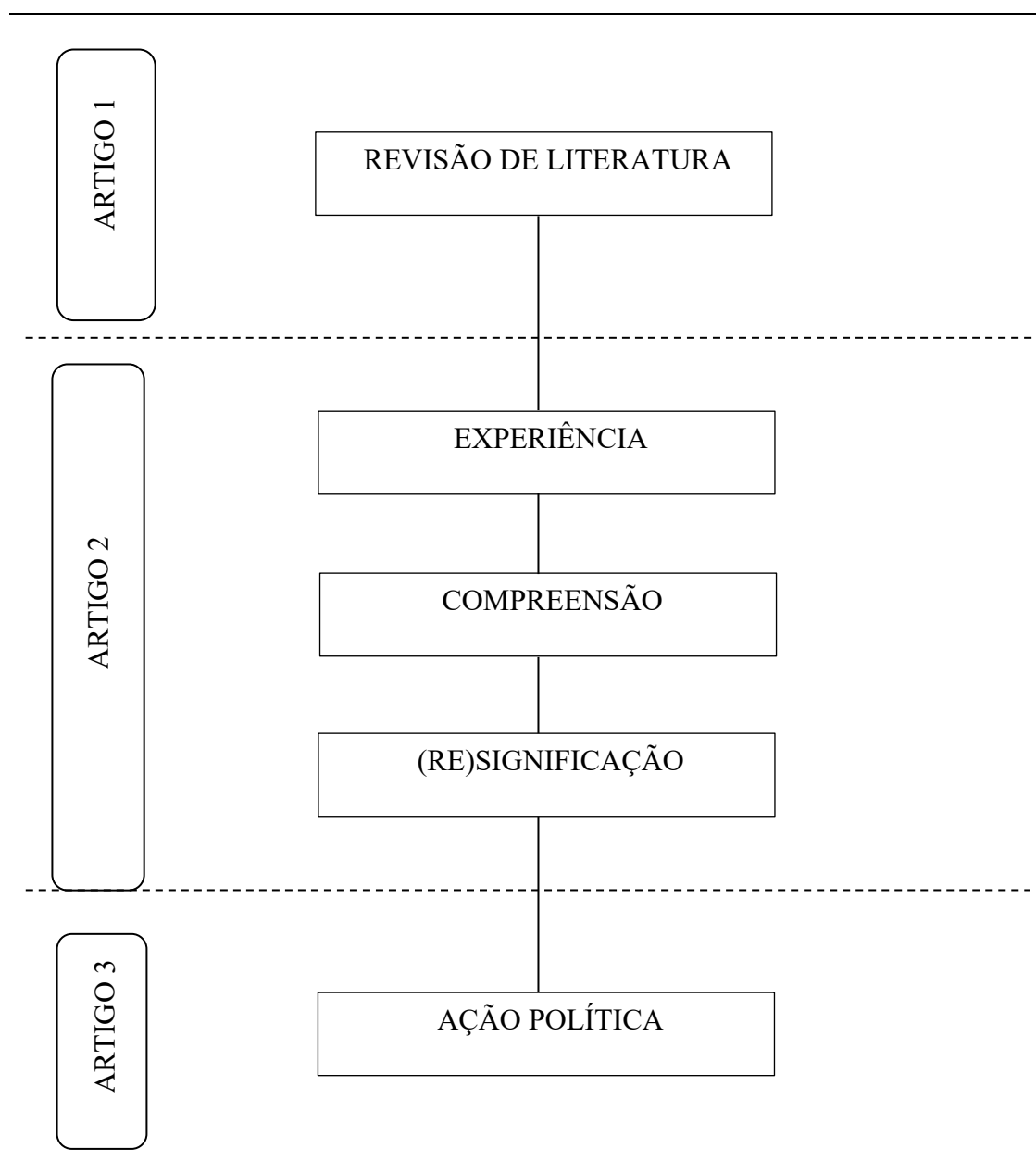
Pois, as opções político-metodológicas do curso de formação política apostam numa construção de novos saberes pela convicção de que é possível transformar a realidade concreta (BULGARELI *et al.*, 2018). Para isso, estimulam a capacidade crítico-reflexiva dos trabalhadores (CARNUT *et al.*, 2019a; CARNUT *et al.*, 2019b), para que ao passo que as

problematizações sejam produzidas, emergjam soluções para a realidade em que vive, de modo que eles possam agir para modificá-las.

Métodos ativos de aprendizagem, como o supracitado, compreendem o processo de ensino-aprendizagem como uma integração entre ação-reflexão-ação. Onde é possível articular o conhecimento científico, o serviço e a comunidade (MITRE *et al.*, 2008). O método da Sala de Aula Invertido entrelaça esses conceitos do aprendizado sendo construído coletivamente de modo ativo e colaborativo. Entende o papel do educador como um facilitador da aprendizagem, garantindo que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados (BOLELLA; CESARATTI, 2017). Portanto, as estratégias metodológicas se apresentam de forma que podem corroborar para composição de grupos de trabalhadores que se unem taticamente para luta política.

Com vista de entender melhor como se constituiu o processo de ensino-aprendizagem desse curso de formação política em saúde, é que essa tese pretendeu estudar no primeiro artigo o que a literatura científica tem apresentado sobre a teoria marxista na formação política dos trabalhadores. E no segundo e terceiro artigo, as diferentes etapas desse processo formativo, nomeadas de ‘Experiência’, ‘Compreensão’, ‘(Re)Significação’ e ‘Ação Política’. Sendo o segundo artigo, um estudo referente as três primeiras etapas desse processo de ensino-aprendizagem; e o terceiro artigo, a última, conforme descrito na Figura 1.

Figura 1. Desenho da tese com a disposição das diferentes etapas do processo de ensino-aprendizagem do Módulo I do curso de formação política em saúde



A etapa descrita ‘Experiência’ diz respeito ao ato de experimentar a vivência do aprendizado proporcionada pelos elementos constitutivos do movimento dialético de ensinar e aprender. Em que aquele que ensina, também aprende. Assim como, o que aprende, também ensina. Trata-se de espaço que é criado para formar o sujeito, onde ele é o protagonista de seu aprendizado, à medida que vivencia os processos de reflexão e de discussão com os demais participantes. A interação entre eles o desenvolve enquanto ser humano.

Por ‘Compreensão’ houve o entendimento de que se refere ao processo de compreender e analisar como os trabalhadores avaliaram a importância da formação política em saúde. Se o curso permitiu ampliar a visão deles para uma outra interpretação de mundo, quais foram elas e como os trabalhadores descreveram essa concepção. Segundo Lopes *et al.* (2022), o conteúdo do curso possibilitou reconhecer a política numa chave mais totalizante, sendo importante para

refletir o papel social e profissional a partir de um olhar mais crítico. Neste artigo, pretende-se analisar a percepção de 10 turmas ao invés de 05, o que trouxe uma análise mais robusta sobre o tema.

Em ‘(Re)significação’, pretendeu-se verificar se houve uma aprendizagem significativa. Ou seja, analisar quais os aspectos que os trabalhadores identificaram como potências ou pontos a melhorar. Ao constata-las, pode subsidiar novas formações políticas, permitindo que construam mais rapidamente novos significados políticos críticos relacionados a economia política da crise capitalista e a saúde pública brasileira (BULGARELI *et al.*, 2018).

Por fim, a etapa ‘Ação Política’, trata-se de verificar se a experiência da formação política contribuiu para mobilizar mudanças na ação política na vida dos trabalhadores. Compreender o que entendem sobre ação política e quais têm sido suas atuações políticas atualmente.

Após esse terceiro artigo, fecha-se um ciclo de aprendizagem, no qual se pode ter uma clareza maior sobre como todo esse processo se desenrolou para os trabalhadores de saúde. Tendo respostas que dentro do contexto da ‘sala de aula’ não seria possível obtê-las. Em que se pode analisar se o processo de ensino-aprendizagem dessa formação política despertou a consciência política ensejada, produzindo ações transformadoras em suas realidades concretas.

5.4 FORMULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE MARX

Karl Marx (1818-1883) revolucionou o pensamento filosófico, principalmente no âmbito de suas ideias políticas, que suscitaria os trabalhadores a se unirem para alçar uma práxis revolucionária. No bojo de suas contribuições teórico-metodológicas se destacam algumas ideias básicas: o materialismo dialético, o materialismo histórico e a economia política (TRIVINOS, 1987).

Mendes (2012) se refere ao método em Marx, da seguinte forma:

[...] na teoria marxista não há definições prontas e definitivas. O método em Marx privilegia o entendimento dos fenômenos sociais como processos em transformação, conduzidos por uma dinâmica resultante das suas contradições internas, que são compreendidas por definições *a priori*. Tais definições somente conseguem capturar o que se encontra estático, o que não ocorre com o capital, que a rigor, prescinde do movimento (MENDES, 2012, p.33-34).

À medida que passamos a entender que a realidade capitalista é proveniente de seu movimento, aproximamos mais de uma análise marxista sobre a complexidade da dinâmica da acumulação capitalista. De modo que, quando são incorporadas leituras críticas sobre a saúde,

os trabalhadores podem ter acesso a análises mais críticas sobre o contexto da saúde pública sob a lógica de um Estado capitalista.

A obra marxiana articula a teoria do materialismo dialético e a do materialismo histórico. Em que ela parte do princípio de que a teoria é o movimento real do objeto de estudo que será interpretado por quem a lê, sendo reproduzida e ressignificada no plano do pensamento no campo das ideias, da abstração. Nesse sentido, o trabalhador que a lê exerce uma função essencialmente ativa, de apreender não apenas a aparência conferida ao objeto do estudo, mas a sua essência. Ou seja, passa a aprender como o processo da dinâmica do capital atua na estrutura social. Ao desenvolver sua capacidade crítica-reflexiva após a apropriação dessas ideias, o trabalhador expõe suas impressões sobre sua análise teórica da produção das condições materiais da vida social, a partir de múltiplas determinações que constituem o concreto real (NETTO, 2011).

Em síntese, o método dialético de Marx se inicia por uma situação concreta, da realidade. Caminha por um processo crítico-reflexivo de apreensão desse objeto de estudo. Então, ele retorna para um fato, uma expressão dessa reelaboração teórica, que se consolida por uma determinação concreta. Num movimento do real, para abstração, que volta ao real novamente.

Vale ressaltar que a elaboração de uma dialética materialista transcorreu principalmente no contexto da crítica interna à economia política. Em que Marx identifica que a realidade capitalista não é dada pela experiência direta da circulação de mercadorias e pelo movimento de preços – pelas categorias de circulação. Reconstroi à luz de suas reflexões sobre a constituição sistemática do capital, trazendo determinações concretas e essenciais. Sendo elas: a concepção de mais valia, exploração, tempo de trabalho, trabalho necessário e excedente, mais valia absoluta e relativa, cooperação, divisão do trabalho, maquinaria, trabalho assalariado, reprodução e acumulação...categorias da produção, presentes no livro I de *O Capital* (MÜLLER, 1982). Descreve, portanto, uma condição social construída a partir de um processo sócio-histórico, que tem como base o movimento constitutivo do capital.

Por essa razão, a compreensão da dinâmica do capital instituída pela atividade social na história dos homens e mulheres perpassa pela teoria do materialismo histórico-dialético. Essa teoria tem como base os princípios filosóficos da matéria, da dialética e da prática social. O que tem inspirado formações políticas que vislumbram a revolução dos trabalhadores (TRIVINOS, 1987).

Especialmente, porque ressalta a força das ideias que pode vir a mobilizar mudanças ao modelo social vigente. Para isso, cabe as formações políticas suscitarem ações políticas que

disputem as ideias para haver uma consciência revolucionária nos espaços formativos de partidos políticos, agrupamentos humanos, coletivos, movimentos dos trabalhadores, sindicatos...locais onde os trabalhadores se reúnem. O que inclui essa formação política em saúde da APSP/CFP.

5.5 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

5.5.1 Primeira fase

5.5.1.1 Tipologia do Estudo

A primeira fase deste estudo se propôs a revisar na literatura os artigos sobre formação política, que tiveram a perspectiva teórica marxista como base. Almejou-se ao analisar esses artigos compreender melhor as contribuições da concepção marxista na construção dessas formações políticas críticas.

5.5.1.2 Técnica de coleta de dados

O percurso metodológico para a coleta de dados se inicia a partir de uma busca exploratória das principais revistas marxistas. Após a leitura dos títulos das revistas e de seu escopo, foram selecionados 43 periódicos, sendo eles: 22 nacionais, 09 latino-americanos e 12 internacionais. Apenas 01 revista não é marxista, contudo, ela acabou sendo incluída por ser um local onde poderiam ser encontrados estudos relacionados ao tema. A seleção de periódicos pode ser vista nos resultados do Artigo 1.

Com essa lista foi possível avançar para o passo seguinte denominado de ‘mapeamento de publicações’. Nessa etapa, foram elencados ‘termos livres’ relacionados com o tema da pesquisa para filtrar as publicações advindas deles. Os termos usados foram: formação política; educação crítica; educação política; formação crítica e formação humana. Em espanhol, os termos foram traduzidos para: formación política; educacion critica; educacion politica; formación critica e formación humana. Em inglês: political formation; critical education; political education; critical formation e human formation. Esse mapeamento de publicações pode ser visualizado no Apêndice 1.

Após encontradas as publicações pelos termos livres primários, a etapa subsequente se fez pelas combinações desses termos, como demonstrado pelo Apêndice 2. Vale ressaltar que na revista que não era marxista, acrescentou-se o termo ‘Marx’ para que se preservasse as publicações que seguem essa perspectiva.

Nas revistas científicas, cujas combinações de termos primários excederam 50 publicações (identificadas com asterisco), entendeu-se que era necessário um maior refinamento na busca. Por essa razão, houve uma segunda combinação dos termos livres. Contudo o mesmo processo não foi possível de ser realizado com as revistas Crítica Marxista e

New Left Review. Em virtude de seus sistemas de buscas não garantirem a especificidade da busca. Nesse momento, optou-se por permanecer com os números elevados de publicações, apostando que o refinamento seria conquistado em etapas subsequentes. Sendo assim, as revistas que passaram por essa segunda combinação foram: *Germinal* e *Revista Tempo Social*.

Na revista *Germinal*, apenas dois campos de pesquisa precisaram de uma segunda combinação: ‘formação política AND educação política’, com 72, e ‘educação crítica AND formação crítica’, com 53. Optou-se pelas combinações ‘formação política AND educação política AND formação crítica’ e ‘educação crítica AND formação crítica AND formação política’. Ambos os filtros resultaram em 18, sendo estes os números contabilizados nas publicações identificadas.

A *Revista Tempo Social*, a decisão foi por colocar os termos já selecionados entre aspas. Essa mesma técnica foi adotada anteriormente também nas revistas *razon y revolucion* e em todos os periódicos internacionais. Tal critério permitiu que os sistemas de buscas melhorassem a especificidade das publicações encontradas. Diante dessas novas configurações, o quadro de publicações se altera, resultando no Apêndice 3.

Foram identificadas 2978 publicações no total, sendo que destas 1705 são de revistas nacionais, 257 latino-americanas e 1016 internacionais. Foram excluídos os títulos repetidos de todas as buscas, ou seja 2154. Portanto, resultaram 824 títulos de publicações a serem rastreadas.

A etapa do rastreamento de artigos consistiu na remoção de todas as demais publicações, tais como: Volume inteiro (n = 2); Resenhas (n = 77); Editoriais (n = 11); Entrevistas (n= 8); Resumos, Teses e Dissertações (n=10); Debates (n = 23); Comentários (n= 9); Dossiês (n= 53); Notas (n=4) e Postagens (n=4). A seleção dos artigos pode ser descrita pelo Apêndice 4.

Esses artigos passaram por duas leituras dos títulos e resumos para ver se correlacionavam com o objeto desta revisão, de tal forma que foram excluídos 572 títulos após a primeira leitura, e, 25 artigos, na segunda. Resultaram, portanto, 22 artigos para a leitura na íntegra, desse total 2 foram descartados, pois, ao ler estes 2 artigos de maneira completa, identificou-se que eles não dialogavam especificamente com a temática. Com isso, foram incluídos nessa revisão 20 artigos, que foram confrontados com a literatura científica resultando na discussão desse artigo. A síntese deste percurso metodológico foi sintetizada no fluxograma a seguir, conforme a Figura 1, exposta nos resultados do Artigo 1 desta tese.

Os achados desses artigos foram sintetizados em uma tabela, que contribuiu para análise crítica e interpretação dos artigos incluídos na revisão (Apêndice 5).

5.5.1.3 Técnica de análise dos dados e interpretação dos resultados

A análise dos 20 artigos incluídos foi baseada na técnica da Análise de Conteúdo Crítica, à medida que essa se apoia no materialismo histórico-dialético. Sua abordagem metodológica está relacionada à visão dialética da teoria social crítica. Tal escolha se deve ao fato de que essa análise contribui para o entendimento da totalidade, especialmente porque se pretende abordar a amplitude da teoria marxista na formação política, objeto da presente revisão.

É importante ressaltar que para entender a análise marxiana é fundamental considerar o aspecto da dialética em Marx. É possível perceber que logo no Posfácio da segunda edição alemã de *O Capital*, volume I, Marx afirma a concepção mais geral de seu método dialético. Para ele “[...] o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (MARX, 1985, p.200).

Ao se verificar essa manifestação sintética do método dialético de Marx, se percebe que ao invés de enfatizar a abstração de um fenômeno – a ideia – atribui prioridade a outro caminho. Marx parte do concreto da realidade, passa pela reflexão dos processos vinculados a ela e retorna para essa concretude, indo ao encontro de suas determinações. Daí, Marx atribuir destaque ao termo “material”, isto é, a expressão empírica do real, insistindo que ela se refere ao ponto inicial da teoria.

Segundo Netto (2011), ao analisar o método de Marx, assevera que “a teoria se constitui no movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal” (p.21). Desse modo, Marx não se reduz à empiria, à sua aparência. Para ele, o conhecimento parte da aparência – da factualidade / realidade, em que se inicia o conhecimento –, porém não se resume a ela.

Marx (1974 apud NETTO, 2011, p. 22) argumenta que se a aparência revelasse a essência, bastaria repousar o olhar sobre ela e, logo, o entendimento do mundo estaria revelado; não haveria essência do objeto, dito de outro modo, não se conheceria a sua estrutura e sua dinâmica – elementos constitutivos da essência.

O conhecimento do homem deve negar a aparência, a empiria, mas não a cancelar. A aparência torna-se importante porque a descrição dos fatos é fundamental para o conhecimento, mas não se esgota aí. Nesse sentido Netto (2011) sintetiza a contribuição de Marx: “[...] o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo) [...]” (NETTO, 2011, p. 25).

Sob a luz do método de Marx, a abordagem da Análise de Conteúdo Crítica torna-se fundamental para a presente revisão. Tal perspectiva metodológica para análise dos artigos

incluídos trará a flexibilidade necessária para a compreensão dos temas, conceitos e categorias (UTT; SHORT, 2018). Para esses autores a Análise de Conteúdo Crítica se materializa a partir do cumprimento das seguintes fases: i) decisão acerca de uma proposta de pesquisa e perguntas; ii) seleção e leitura do texto para análise; iii) aprofundamento em um quadro teórico crítico e seleção de princípios importantes; iv) abordagem do contexto sócio-histórico do texto; v) leitura de estudos de pesquisa associados à temática; vi) consideração da posição do sujeito implicado ao objetivo e ao texto da pesquisa, vii) exame das questões relacionadas ao poder no contexto temático; viii) determinação da unidade de análise e organização da análise de dados; ix) leitura atenta dos textos usando as ferramentas analíticas e os princípios teóricos; x) reexame da teoria e dos textos.

5.5.2 Segunda fase

5.5.2.1 Tipologia do Estudo

A segunda fase se utilizou da estratégia da pesquisa qualitativa de intervenção para analisar a experiência, a compreensão e a (re)significação do processo de ensino-aprendizagem, proporcionado pelo módulo I do curso de formação política em saúde.

5.5.2.2 Técnica de coleta de dados

Os dados coletados foram extraídos do instrumento avaliativo que os trabalhadores do SUS preencheram ao final do curso de formação política em saúde. Essa avaliação consistia em uma entrevista semiestruturada com diversos tópicos relacionados ao curso.

Os tópicos de interesse dessa pesquisa foram as perguntas: “Comente se você conseguiu acompanhar o Curso dando o máximo de esforço de si nos estudos”; “Você acha que o curso é importante para a formação política dos envolvidos na área da saúde? Por quê? Explique com suas palavras.”; “Coloque os pontos POSITIVOS que você percebeu no curso” e “Coloque os pontos NEGATIVOS que você percebeu no curso”. As respostas dos trabalhadores para essas perguntas se constituíram os achados desse artigo, que posteriormente passaram por um processo de análise de conteúdo.

Compreende-se que a primeira pergunta se relaciona diretamente com a percepção da experiência; a segunda, sobre como esses trabalhadores concebem a importância desse curso de formação política; e a terceira e a quarta revelam como esse curso é (re)significado por esses trabalhadores, quando identificam as potencialidades e as fragilidades desse processo de ensino-aprendizagem.

Optou-se por analisar apenas as respostas dos trabalhadores de saúde que cursaram as turmas 1 a 10 do módulo I do Curso de Formação Política, que possuíam 18 anos ou mais e

ainda apresentaram 75% de presença. Os participantes que não se enquadravam nesses critérios foram excluídos.

5.5.2.3 Técnica de análise dos dados e interpretação dos resultados

Os dados obtidos foram analisados a partir da Análise de Conteúdo Clássica (BAUER, 2010) do tipo frequencial, cujas unidades de análise foram as proposições (sentenças, frases e orações). Este tipo de análise apresenta-se como a mais apropriada para uma primeira aproximação com o conteúdo, visando uma interpretação textual inicial.

A técnica de análise de conteúdo tem como finalidade interpretar os dados, a partir de uma maneira sistematizada dos atributos qualitativos do objeto de estudo. Almeja descobrir o que está contido no conteúdo da mensagem, bem como entender o significado por trás desse conteúdo. Pretende-se descobrir, portanto, o que vai além das aparências (OLIVEIRA *et al.*, 2003), identificando as representações sociais construídas socialmente.

Segundo Oliveira *et al.* (2003), a exploração de documentos se inicia por meio de leituras flutuantes, no qual a pesquisadora se impregna dos conteúdos dos textos por sucessivas idas e vindas entre o documento analisado e as suas próprias anotações. Ao passo que se aproxima das informações contidas no texto, classifica-as em unidades de sentido, que em seguida seriam reduzidas em unidades temáticas (UT). Estas podem ser palavras, conjunto de palavras, proposições, ideias ou temas. Nesse artigo, adotou-se as proposições como unidades temáticas.

Mediante essa sistematização dos conteúdos, é possível produzir inferências, que implica em comparar os dados com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduos e de sociedade. Expressões concretas advindas da práxis da pesquisadora e do produto avaliativo dos trabalhadores, acrescida do momento sócio-histórico da produção e recepção desses conteúdos (FRANCO, 2018). Conforme as unidades temáticas foram sendo delineadas foi possível aproximá-las pelo seu valor léxico-semântico, de forma que os conteúdos foram divididos em categorias e subcategorias de acordo os temas que apresentaram.

Esses resultados foram organizados com o uso do recurso do programa de computador 'Excel', onde pode ser estabelecido o referencial de codificação demonstrado pelas tabelas dos resultados dessa fase de pesquisa. Com o intuito de produzir um processo analítico fidedigno, este artigo garantiu que a mesma pessoa interpretasse os dados; houvesse um número limitado de categorias e subcategorias, para evitar ambiguidades e facilitar sua memorização. Além disso, respeitou um tempo hábil, para que o processo de análise não ficasse comprometido por tempos esparsos.

Em síntese, orientou-se pelo seguinte passo a passo, descrito por Bauer (2010, p. 215):

1. A teoria e as circunstâncias sugerem a seleção de textos específicos;
2. Faça uma amostra caso existirem muitos textos para analisá-los completamente;
3. Construa um referencial de codificação que se ajuste tanto às considerações teóricas, como aos materiais;
4. Faça um teste piloto, revise o referencial de codificação e defina explicitamente as regras de codificação;
5. Teste a fidedignidade dos códigos, e sensibilize os codificadores para as ambiguidades;
6. Codifique todos os materiais na amostra, e estabeleça o nível de fidedignidade geral do processo;
7. Construa um arquivo de dados para fins de análise estatística;
8. Faça um folheto incluindo: a) o racional para o referencial de codificação; b) as distribuições de frequência de todos os códigos; c) a fidedignidade do processo de codificação.

5.5.3 Terceira fase

5.5.3.1 Tipologia do Estudo

A terceira fase se utilizou da estratégia qualitativa de pesquisa para analisar a percepção dos trabalhadores do SUS sobre sua ação política, após a experiência do curso de formação política da APSP/CFP.

5.5.3.2 Técnica de coleta de dados

O público-alvo desse estudo corresponde a trabalhadores de saúde, militantes, graduandos e pós-graduandos na área em saúde coletiva, saúde geral ou interessados pelo tema, que participaram no primeiro módulo desse curso de formação política crítica, entre as turmas 1 a 10, no formato presencial. Foram incluídos os participantes que concluíram o curso, maiores de 18 anos, que possuíam 75% de frequência e que concluíram o preenchimento do instrumento avaliativo ao término do curso. Foram excluídos aqueles que não se enquadravam nos critérios de inclusão, que não foram localizados, não apresentavam disponibilidade ou não quiseram participar dessa pesquisa.

Para a seleção da amostra, foi adotada a estratégia de escolha dos sujeitos por variedade de tipos. Nessa abordagem, as pessoas foram incluídas pelo critério da homogeneidade fundamental, amostra fechada pelo número de tipos de informantes e conforme características eleitas pela pesquisadora. O critério da homogeneidade fundamental pode ser definido por uma mesma característica ou variável a todos os sujeitos da amostragem (TURATO, 2013). O fato de todos serem participantes do módulo I desse curso de formação política para trabalhadores de saúde, apresenta-se como uma particularidade em comum.

A pluralidade de elementos dessa amostra consistiu em 4 tipos, sendo eles: os trabalhadores de saúde, os trabalhadores de educação, os que possuíam militância institucional prévia e os que não possuíam militância prévia institucional. A partir do momento em que os sujeitos foram selecionados tanto pelo critério de homogeneidade fundamental, quando pelos

critérios de inclusão e exclusão, a amostra foi fechada. Importante salientar que todos esses critérios para a seleção da amostra foram definidos segundo o arbítrio e interesse científico da própria pesquisadora.

Após os trabalhadores serem selecionados, a escolha metodológica para coleta foi as entrevistas semiestruturadas. Essa técnica permite o encontro entre pesquisadora e entrevistado, no qual o conhecimento sobre o tema é construído a partir dessa interação relacional. Entre os modos de conduzi-la, optou-se pela entrevista semidirigida, também chamada de semiestruturada. Uma vez que é uma técnica usada quando o pesquisador conhece as perguntas, mas não pode prever a resposta (TURATO, 2013).

Para conduzir essas entrevistas, foi utilizado um roteiro norteador de perguntas (APÊNDICE 6). Esse instrumento foi validado, a partir de uma fase pré-teste. Neste pré-teste uma trabalhadora que participou do curso foi convidada a ser nossa entrevistada piloto. As suas respostas contribuíram para avaliar se as perguntas formuladas estavam apropriadas para responder o objetivo deste estudo.

Após a validação do roteiro, um(a) trabalhador(a) de cada uma das 10 turmas do Módulo I foram selecionadas para essa pesquisa, conforme os critérios listados anteriormente. Esses trabalhadores foram contatados e convidados a participarem das entrevistas remotas, conforme as orientações de pesquisa para ambientes virtuais instituídos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (BRASIL, 2021).

Assim, o convite individual aos candidatos a participarem da pesquisa foi enviado por e-mail. À medida que eles aceitavam, as entrevistas foram agendadas por meio da plataforma Google Hangouts Meet. Eles foram informados que as entrevistas seriam gravadas e armazenadas em um e-mail criado para esta finalidade. Após eles aceitarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 1), as entrevistas foram gravadas e transcritas para poderem ser analisadas. O acesso aos dados foi restringido aos autores dessa pesquisa, para preservar a privacidade e o sigilo dos dados pessoais desses trabalhadores. Além disso, os nomes ou qualquer material que identifique sua participação foi omitida. Para 53vita53atiz-los, optou-se por usar números. Dessa forma, os trabalhadores foram representados por T1, T2, T3...até o T10.

5.5.3.3 Técnica de análise dos dados e interpretação dos resultados

A ‘segunda fase’ e a ‘terceira fase’ correspondem a investigações qualitativas. Sendo que a diferença entre eles consiste na técnica de coleta de dados, no qual a ‘segunda fase’ diz respeito a uma análise de conteúdo de um instrumento textual avaliativo e a ‘terceira fase’ está relacionada a uma análise de conteúdo de dados coletados das respostas dos entrevistados.

Nesse sentido, o método de analisar e interpretar os dados seguem um processo analítico semelhante, onde há uma preparação inicial do material; o momento da pré-análise, a categorização e a subcategorização. Onde se procura a princípio fazer uma leitura compreensiva do material obtido, para em seguida sistematizá-lo, tornando os dados mais significativos e válidos para serem interpretados. Em um movimento de transformar os dados brutos em dados lapidados (TURATO, 2013). Por fim, os dados já organizados são interpretados e discutidos a luz de referenciais teóricos presentes na literatura científica, resultando na discussão dessa pesquisa.

5.6 ASPECTOS ÉTICOS

Essa tese foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP/SP), com o CAAE número 48282821.8.0000.5421.

5.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A questão da fidedignidade-validade se revela um limite no que tange a qualidade da análise de conteúdo de uma pesquisa qualitativa. Isso porque um processo de codificação, em que são definidas as categorias pode apresentar uma multiplicidade de códigos, o que torna o processo susceptível a ter erros pelo cansaço. Para sistematizá-los, a complexidade do referencial de codificação faz com que haja uma maior probabilidade de leituras consistentes, mas diversificadas, das mesmas unidades de texto (BAUER, 2010).

Essa dificuldade foi encontrada principalmente na segunda fase dessa tese. Pois, as respostas de 10 turmas sobre a avaliação do curso de formação política fizeram com que houvesse um número grande de corpus a serem analisados. Foi preciso um trabalho intenso e meticuloso de organização deste material, para que as unidades temáticas de conteúdo pudessem ser classificadas em categorias temáticas. A prática da pesquisadora em pesquisas qualitativas prévias contribuiu para haver uma maior facilidade em executar esse processo analítico. Entretanto, possivelmente, traria resultados diferentes se fosse outro analista.

Além deste ponto, há um limite histórico-temporal dessa tese. Dado que o curso de formação política se passou antes da crise sanitária de COVID-19 e os artigos foram escritos durante e após essa experiência, foi preciso uma atenção maior na hora da escrita para correlacionar as memórias e interpretações conforme o período vivido. A pandemia de covid-19 também proporcionou que as entrevistas do artigo 3 fossem realizadas a distância. Por esta razão, houve uma maior facilidade em agendar as entrevistas, uma vez que reuniu trabalhadores

de diversas regiões do país. Contudo, encontros presenciais poderiam suscitar outros contornos de subjetividade, dos quais não se pode mensurar.

Ainda com relação aos trabalhadores entrevistados, a pesquisadora apresenta um vínculo relacional com alguns deles de outros espaços de luta política. Esses laços afetivos podem ter favorecido para romper potenciais barreiras de contato, corroborando para emergir falas provocadas não só pelas perguntas disparadoras, como também produzidas por essa relação de afeto. Suas respostas orientaram a direção dessa pesquisa, de modo que poderia haver diferentes percepções se fossem outras pessoas entrevistadas ou outra pesquisadora.

Dentro dos limites da primeira fase dessa pesquisa, pode-se inferir que os resultados seriam diferentes, se a base de periódicos estudados não levasse em consideração a perspectiva teórica marxista. O método escolhido também se destaca, à medida que essas bases apresentam suas dificuldades inerentes a sua capacidade de buscar artigos.

Portanto, é possível afirmar que a clareza das delimitações e limitações dessa tese auxilia o leitor sobre o modo como foi apreendido e interpretado o processo de ensino-aprendizagem do curso de formação política em saúde frente aos objetivos dessa pesquisa.

6 RESULTADOS

6.1 ARTIGO 1: CONTRIBUIÇÕES DA CONCEPÇÃO MARXISTA NA CONSTRUÇÃO DE FORMAÇÕES POLÍTICAS CRÍTICAS ⁵

Resumo

Formações políticas críticas adotam como postura teórico-filosófica e metodológica despertar a consciência da classe trabalhadora rumo a uma práxis revolucionária. Este estudo apresenta uma revisão de literatura a partir de revistas acadêmicas marxistas a respeito dos artigos sobre formações políticas críticas, que tiveram a perspectiva teórica marxista como base. Foram incluídos 20 artigos, de modo que seus conteúdos foram discutidos em dois eixos temáticos: ‘Concepção de formação política crítica’ e ‘Contribuições da teoria crítica marxista na formação política dos trabalhadores’. Compreende-se que as formações políticas críticas são instrumentos de educação estratégicos para a organização da classe trabalhadora para a luta política na direção da emancipação humana. Suas principais referências pedagógicas são o materialismo histórico-dialético, a pedagogia histórico-crítica, a pedagogia socialista, a pedagogia dos movimentos sociais e a incorporação de leituras críticas de intérpretes da formação social de países latino-americanos.

Palavras-Chave: Formação política; Práxis revolucionária; Educação crítica; Revisão.

⁵ Este artigo foi submetido à revista científica Critical Education (ANEXO 2).

Abstract

Critical political formations adopt as a theoretical-philosophical and methodological stance to awaken working-class consciousness towards a revolutionary praxis. This study presents a literature review from Marxist academic journals regarding articles on critical political formations, based on the Marxist theoretical perspective. Twenty articles were included, so that their contents were discussed in two thematic axes: 'Conception of critical political formation' and 'Contributions of Marxist critical theory in the political formation of workers'. Critical political formation is understood to be strategic education instruments for the organization of the working-class for the political struggle towards human emancipation. Its main pedagogical references are historical-dialectical materialism, historical-critical pedagogy, socialist pedagogy, the pedagogy of social movements and the incorporation of critical readings by interpreters of the social formation of Latin American countries.

Keywords: Political formation; Revolutionary praxis; Critical education; Revision.

6.1.1 Introdução

Experiências de formações políticas voltadas à classe trabalhadora têm sido espaços que corroboram a troca de conhecimentos, estimulam a construção social da consciência geral e, também, a implementação de estratégias de organizações populares. Além disso, qualificam a militância para a luta de classes, auxiliam no despertar de consciência de classe e incorporam os trabalhadores como protagonistas através do método popular. Por isso, podem, também, ser conhecidas por “educação popular” ou por “formação de base” (PELOSO, 2012, p. 9).

Nos países da América Latina, essas formações baseiam sua fundamentação teórica em concepções marxistas ou, ainda, em proposições do educador Paulo Freire, especialmente nas contribuições relacionadas à pedagogia crítica (MCLAREN, 2000; DARDER, 2017; FREIRE, 2021), e em intérpretes sobre a formação social dos países latino-americanos.

A influência teórica marxista marcou o pensamento latino-americano em diferentes contextos sócio-históricos. As primeiras referências ao socialismo marxista para trabalhadores foram introduzidas no final do século XIX e no início do século XX. A expressão do marxismo neste último século assumiu um tom eurocêntrico, em virtude da assimilação mecânica do marxismo europeu. Ao longo dos anos, as lideranças revolucionárias latino-americanas, inspiradas por um forte discurso anti-imperialista, passaram a incorporar leituras mais pertinentes ao caráter rural e indígena do continente, bem como os legados estruturais de seu passado colonial. Entretanto, esses diálogos e debates foram cerceados após a onda de golpes de Estado entre as décadas de 1960 e 1980. No século XXI, com o surgimento de governos progressistas e a retirada de velhas bases do materialismo histórico, a produção do pensamento marxista se orientou a partir da experiência de militantes ativos e intelectuais proscritos ou marginalizados no meio acadêmico (ESTEFANE; THIELEMANN, 2018).

Essas influências permanecem pujantes no pensamento crítico da classe trabalhadora. Por isso, acabam sendo referências fundamentais em cursos de formação política voltados aos trabalhadores, inseridos dentro de uma tradição radical revolucionária (HOLST, 2009). Trabalhar conteúdos sobre política sob uma perspectiva crítica marxista permite que esses trabalhadores ampliem sua compreensão sobre o tema, reconhecendo o político numa chave mais totalizante (LOPES *et al.*, 2022).

É com o intuito de conhecer mais sobre esses cursos de formação política que suscitam o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora que este artigo apresenta uma revisão da literatura científica sobre os cursos de formação política de trabalhadores que tiveram a perspectiva teórica marxista como base. Pretende-se responder à seguinte pergunta: o que a literatura tem apresentado acerca da teoria marxista na formação política dos trabalhadores?

Conhecer essas reflexões corrobora a socialização desse conhecimento, contribuindo para propagar a formação de trabalhadores interessados em uma práxis revolucionária.

6.1.2 Percurso metodológico

Abordagem e delimitação do objeto

‘Política na formação’ é diferente de ‘Formação política’. Ambas se inserem no grande campo da ‘educação política’, contudo, a primeira expressão está relacionada com a inserção dos conteúdos sobre política (em sentido *lato*) nos conteúdos essenciais dos cursos acadêmicos. Nesses espaços, a educação política tem na educação formal seu lócus de ação concreta. Em contrapartida, ‘Formação política’ é o ato educativo de formação voltado a trabalhadores para organizar os assuntos de interesse de sua categoria. Seja dentro ou fora da universidade, há um engajamento de lideranças políticas para arregimentar a luta em prol da transformação de sua realidade hegemônica (CARNUT *et al.*, 2020).

Essa luta advém de processos organizativos da classe trabalhadora que atuam em diferentes lugares em busca de problematizar questões como: moradia, alimentação, lazer, saúde, educação, questões identitárias, de raça, de orientação sexual, étnicas, entre outras. A discussão desses conteúdos políticos, sob a perspectiva crítica à lógica capitalista, permite analisar as contradições da sociedade, suas necessidades de mudança e os caminhos para o futuro (DALMAGRO; BAHNIUK, 2019; LOPES *et al.*, 2022).

É necessário entender que a política, o político e o Estado são instâncias do próprio capital que interferem para garantir sua reprodução. Nesse sentido, os capitalistas, enquanto classe dominante, têm em suas mãos o controle das instituições políticas e as fazem funcionar conforme seus interesses. O capital age como um elemento constitutivo imanente, que se reproduz e se concentra. Já a classe trabalhadora precisa conhecer a dinâmica do capitalismo mundial, assim como as lutas e os específicos entraves e anseios das formações econômicas de seus respectivos países, para alterar de forma revolucionária suas estruturas, superando essa sociabilidade de classes (MASCARO, 2018).

Compreender como funciona a produção e a reprodução do capital em escala ampliada permite que os trabalhadores reflitam sobre como as relações comerciais se estabelecem por um sistema de trocas assimétricas e desfavoráveis, entre países de capitalismo central e periférico. As consequências desse intercâmbio desigual, somadas com os processos de formação e apropriação do valor na América Latina, reverberam na superexploração da força de trabalho, em que trabalhadores acabam com jornadas de trabalho mais intensas e

precarizadas. Quando isso ocorre, a questão social é agravada com níveis subumanos de desigualdade e uma ampla reserva de mão de obra disponível (PAIVA *et al.*, 2022).

Esse cenário de pauperização dos trabalhadores que moram em países latino-americanos é, portanto, indissociável do processo de acumulação capitalista. Resulta como produto das contradições existentes entre a riqueza da classe dominante e da exploração da classe trabalhadora. Assim, reacende a debates como a marginalidade da massa trabalhadora crescente no tecido social urbano, onde caracteriza a “subclasse” dentro dos trabalhadores e a “exclusão social” (ALVES; ESCOREL, 2012, p. 99-115). Resgatar esses debates evidencia o quanto o papel da classe trabalhadora de apostar em formações políticas ancoradas numa matriz marxista é um caminho inexorável para mobilizar ações políticas no sentido de sua emancipação humana.

É por entender a importância dessas formações políticas críticas no atual contexto sócio-histórico dos trabalhadores que este artigo apresenta como objeto de estudo uma revisão da literatura de periódicos marxistas acadêmicos preocupados com o desenvolvimento da consciência revolucionária da classe trabalhadora, com um enfoque particular, mas não exclusivo à América Latina.

Técnica de coleta de dados (coprodução dos dados)

O percurso metodológico para a revisão crítica se inicia a partir de uma busca exploratória das principais revistas marxistas (Quadro 1), sendo selecionados 43 periódicos: 22 nacionais, 09 latino-americanos e 12 internacionais. Uma dessas revistas não é considerada marxista, contudo, foi incluída por ser um local onde poderiam ser encontrados estudos relacionados à abordagem marxista.

A fase subsequente denominou-se ‘mapeamento de publicações’, na qual foram relacionados os ‘termos livres’ associados ao tema da pesquisa para filtrar as publicações advindas deles. Os termos utilizados foram: “formação política”, “educação crítica”, “educação política”, “formação crítica” e “formação humana”, traduzidos, respectivamente, para o espanhol (“formación política”, “educacion critica”, “educacion política”, “formación critica” e “formación humana”) e inglês (“political formation”, “critical education”, “political education”, “critical formation” e “human formation”), conforme a origem do periódico.

Após encontradas as publicações pelos termos livres primários, a próxima etapa se fez pelas combinações desses termos. Na revista que não era marxista, acrescentou-se o termo ‘Marx’, para que se preservassem as publicações que seguem essa perspectiva.

Quadro 1. Seleção das revistas marxistas incluídas na revisão crítica

REVISTAS
PERIÓDICOS NACIONAIS
<p>Crítica Marxista Marx e Marxismos História e Luta De Classes Verinotio Terceiro Incluído Germinal Argumentum Katálysis Revista Lutas Sociais Outubro Temporalis Revista Trabalho, Política e Sociedade Revista Serviço Social e Sociedade Revista Ser Social Revista em Pauta Revista Sociedade em Debate Revista de Políticas Públicas Margem em Esquerda Educação e Emancipação Histedbr Online Princípios</p>
PERIÓDICOS NACIONAIS NÃO MARXISTAS
Revista Tempo Social
PERIÓDICOS LATINOAMERICANOS
<p>Revista de Raíz Diversa Rebela Revista Pacarina Del Sur Izquierdas Nuestra America Razon y Revolucion Viento y Sur Utopia y Praxis Latinoamericana Revista SEP Herramienta</p>
PERIÓDICOS INTERNACIONAIS
<p>Capital and Class Historical Materialism Socialist Register International Critical Thought International Socialism</p>

New Left Review
Monthly Review
Socialism and Democracy
Review of Radical Political Economy
Journal of International Health Services
Actuel Marx
Rethinking Marxism

Nas revistas científicas cujas combinações de termos primários excederam 50 publicações, entendeu-se que era necessário um maior refinamento na busca. Por essa razão, houve uma segunda combinação dos termos livres. Contudo, o mesmo processo não foi possível de ser realizado com as revistas “Crítica Marxista” e “New Left Review”, em virtude de seus sistemas de buscas não garantirem a especificidade da busca. Nesse momento, optou-se por permanecer com os números elevados de publicações, apostando que o refinamento seria conquistado em etapas seguintes. Sendo assim, as revistas que passaram por essa segunda combinação foram: “Germinal” e “Revista Tempo Social”.

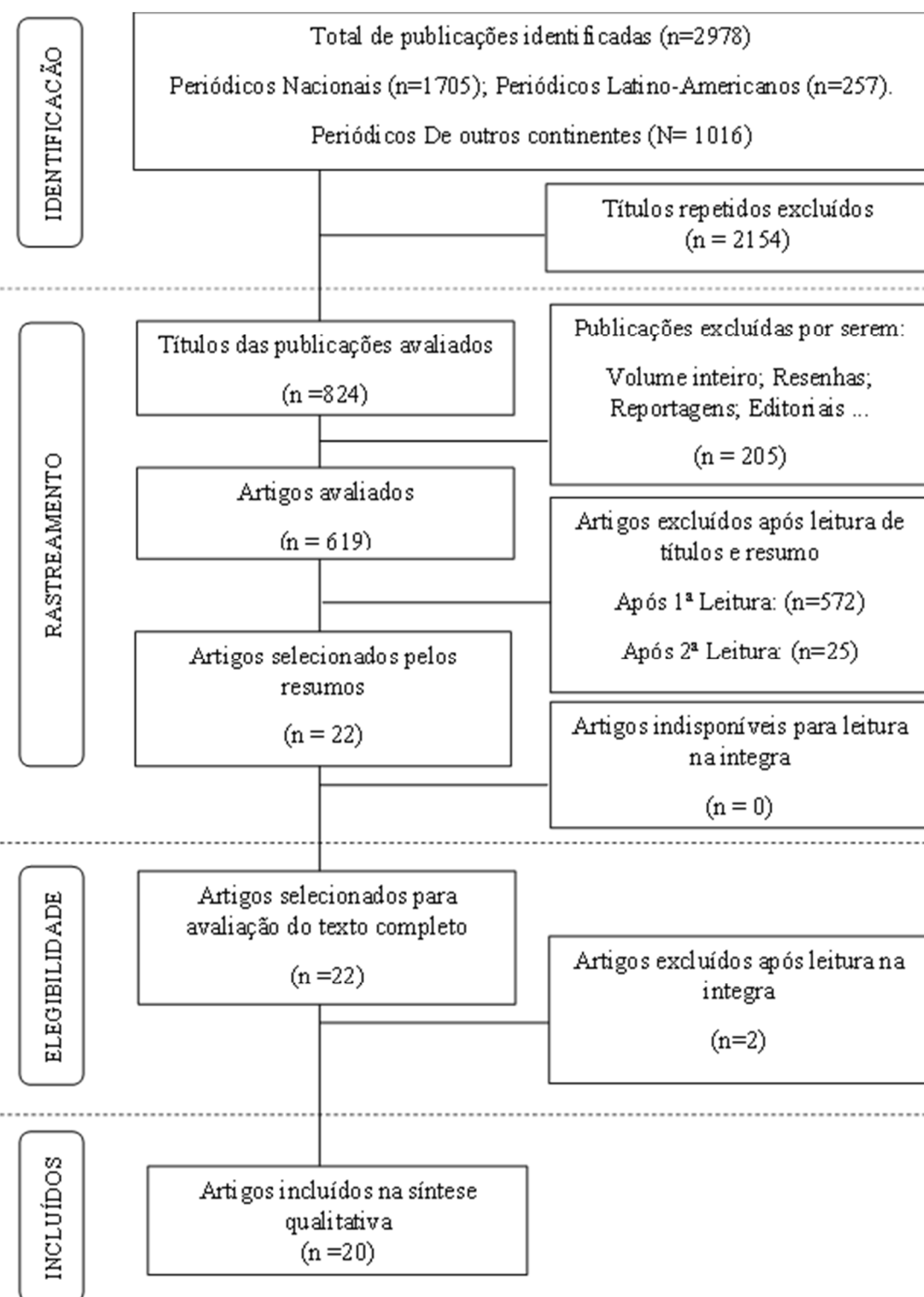
Na revista Germinal, apenas dois campos de pesquisa precisaram de uma segunda combinação: ‘formação política AND educação política’, com 72; e ‘educação crítica AND formação crítica’, com 53. Optou-se pelas combinações ‘formação política AND educação política AND formação crítica’ e ‘educação crítica AND formação crítica AND formação política’. Ambos os filtros resultaram em 18, sendo esses os números contabilizados nas publicações identificadas. Na “Revista Tempo Social”, decidiu-se por colocar os termos já selecionados entre aspas. Essa mesma técnica foi adotada anteriormente também nas revistas “Razón y Revolución” e em todos os periódicos internacionais. Tal critério permitiu que os sistemas de buscas melhorassem a especificidade das publicações encontradas.

Diante dessas novas configurações, foi possível identificar 2.978 publicações no total, sendo que, dessas, 1.705 são de revistas nacionais, 257 latino-americanas e 1.016 internacionais. Foram excluídos os títulos repetidos de todas as buscas, ou seja, 2.154. Portanto, resultaram 824 títulos de publicações a serem rastreadas.

Como critério de exclusão, optou-se por excluir todas as publicações que não eram artigos. Portanto, a etapa do ‘rastreamento de artigos’ consistiu na exclusão de 205 publicações, sendo elas: Volume inteiro (n = 2); Resenhas (n = 77); Editoriais (n = 11); Entrevistas (n = 8); Resumos, Teses e Dissertações (n = 10); Debates (n = 23); Comentários (n = 9); Documentos (n = 4); Dossiês (n = 53); Notas (n = 4) e Postagens (n = 4). Logo, restaram 619 títulos que eram artigos científicos.

Esses artigos passaram por duas leituras dos títulos e resumos, para verificar se guardavam correlação com o objeto desta revisão, de tal forma que foram excluídos 572 títulos após a primeira leitura, e 25 artigos após a segunda. Resultaram, portanto, 22 artigos para a leitura na íntegra. Desse total, 2 foram descartados, pois, ao serem lidos de maneira completa, identificou-se que não dialogavam especificamente com a temática. Com isso, foram incluídos nesta revisão 20 artigos, que foram confrontados com a literatura científica, resultando na discussão deste artigo. A síntese deste percurso metodológico foi sintetizada no fluxograma a seguir, conforme a Figura 1.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos na revisão sobre a teoria marxista na formação política



6.1.3 Resultados e Discussão

A presente revisão incluiu 20 artigos (Quadro 2), entre o intervalo de 2004 a 2019, cujos conteúdos foram discutidos em dois eixos temáticos: 1) Concepção de formação política crítica; 2) Contribuições da teoria crítica marxista na formação política dos trabalhadores.

Quadro 2: Síntese dos artigos incluídos na revisão e suas características: autor(es), ano, título e objetivo

Autor(es), ano	Título	Objetivo
ABRANTES A.A., 2015	Educação escolar e acesso ao conhecimento: o ensino como socialização da liberdade de pensar.	Reflete sobre a relação entre a educação escolar e o desenvolvimento do pensamento no indivíduo
ALVES A.J.L., 2004	A determinação onto-societária do educar ou para uma crítica da vontade educativa.	Discute os pressupostos teóricos e sociais das propostas pedagógicas e as consequências para a prática educacional.
ARAÚJO O.H.A., 2019	Didática e a prática docente na escola básica em uma perspectiva crítica de educação.	Discute o papel da didática e da prática docente na escola básica em uma perspectiva crítico-reflexiva.
BARBOZA D.R., LIMA J.A.B., 2012	Processo de formação crítica e processo social: a questão da ideologia em Gramsci.	Analisa como o processo de formação crítica é o resultado de uma formação político-ideológica.
BATISTA E.L., LIMA M.R., 2013	Dermeval Saviani – uma trajetória de luta e compromisso com a educação transformadora.	Analisa a importância de Saviani para o pensamento social, político e pedagógico brasileiro.
CARNUT L. <i>et al.</i> , 2019	“Passei a entender a influência do capital na saúde pública...”: formação política crítica dos trabalhadores do sistema único de saúde.	Analisa a percepção de trabalhadores do SUS sobre os desafios da Saúde Pública.
CIAVATTA M., 2018	Marx: 200 anos – A teoria, a política e a educação.	Reflete sobre a atualidade do pensamento de Marx.
COSTA C.A., LOUREIRO C.F., 2017	A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica.	Trata sobre a contribuição pedagógica de Paulo Freire na questão interdisciplinar e sua convergência para Educação Ambiental (EA) Crítica.
GONÇALVES L.D. <i>et al.</i> , 2019	Pedagogia socialista e política educacional: debate acerca da politécnica.	Analisa a experiência da Escola Politécnica na Revolução Russa e o debate sobre a politécnica no contexto brasileiro.
HAMADA I.A., 2017	O trabalho pedagógico e suas possibilidades enquanto práxis no contexto da perspectiva crítica, histórica e cultural.	Investiga os elementos teóricos para a compreensão de uma práxis pedagógica no âmbito escolar.
LUSA <i>et al.</i> , 2019	A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos.	Apresenta uma análise da educação pública brasileira, com ênfase no ensino superior.
MARIANO A.S., LOMBARDI J.C., 2019	Método de formação política da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST.	Reflete sobre o método de formação política da Escola Nacional Florestan Fernandes
MATA V.A., 2015	Educação e liberdade: a pedagogia histórico crítica e a emancipação humana.	Apresenta a Pedagogia Histórico-Crítica como potencializadora das lutas por uma educação verdadeiramente libertária, de caráter revolucionário e comprometida com a transformação da sociedade.
PINTO F.M.; OLIVEIRA R.C., 2019	Educação, formação humana e Estado na contemporaneidade: breves reflexões.	Analisa a relação entre educação, formação humana e Estado.

SAES D.A.M., 2004	Educação e socialismo.	Analisa o papel da educação escolar na sociedade socialista.
SANTOS <i>et al.</i> (2015)	Emancipação e a expansão recente da educação superior no Brasil: nexos com a teoria crítica.	Reflete a educação superior no Brasil à luz da perspectiva teórica crítica.
SANTOS P.H.A., GOULART D.C., 2016	Formação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: uma análise de seu projeto político.	Examina o setor de formação político-educativa do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).
SCHLESENER A.H., 2015	Marx e a educação: observações acerca de a ideologia alemã e teses contra Feuerbach.	Efetua a análise do modo de produção capitalista, no que se refere aos conceitos de ideologia e de alienação, a fim de explicitar a noção de educação.
SCHLESENER A.H., 2019	Direção política e educação: a noção de vanguarda nos escritos de Gramsci.	Explicita a articulação entre política e educação nos escritos de Gramsci.
SILVA J.C., 2011	A questão educacional em Marx: alguns apontamentos.	Compreende à luz das transformações históricas a questão educacional, tendo como base alguns escritos marxistas

O processo de uma formação crítica é resultado de uma formação político-ideológica (BARBOZA; LIMA, 2012) necessária e urgente para promover a militância político-pedagógica (ARAÚJO, 2019). É marcada pela unidade dialética entre o ser e o não ser de uma pessoa, sendo uma intervenção ativa e consciente, não só uma apropriação passiva de saberes (ABRANTES, 2015; BARBOZA; LIMA, 2012). Isso implica que o processo de ensino-aprendizagem tenha uma proposta pedagógica envolvente para proporcionar uma aprendizagem significativa aos trabalhadores, numa base conceitual em que o conhecimento é construído como uma prática permanente.

Tem como finalidade propiciar um espaço para refletir as questões da humanidade, da produção humana e da cultura pelos indivíduos (ALVES, 2004), cuja pauta perpassa um processo de apreensão e de construção de relações sociais e de cultura, que atravessa de uma geração a outra, considerando a sua história (LUSA *et al.*, 2019). Esse espaço de socialização de conhecimentos e experiências articula a teoria e a prática, sendo indispensável para potencializar a luta e a organização da classe trabalhadora (MARIANO; LOMBARDI, 2019).

A socialização do conhecimento e a disseminação do vínculo teórico com a realidade têm sido objetos de interesse para a classe trabalhadora. A partir do acesso a conhecimentos filosóficos, artísticos, científicos, os trabalhadores passam a conhecer e a questionar a sua realidade. A tomada de consciência de sua participação coletiva frente à luta política aproxima os trabalhadores de suas reivindicações mais imediatas, bem como da construção de mudanças estruturais na sociedade, na direção de um novo projeto político que supere a sociedade de classes (ABRANTES, 2015; BATISTA, LIMA, 2013; HAMADA, 2017; LUSA *et al.*, 2019; MARIANO; LOMBARDI, 2019; MATA, 2015; SAES, 2004; SCHLESENER, 2015; SCHLESENER, 2019; SILVA, 2011).

Refletir em formações críticas cuja matriz teórica estimula transformar esse modelo societário pautado na lógica capitalista permite que os trabalhadores se enxerguem como capazes de ser protagonistas dessa mudança. Por vezes, essa superação de classes parece estar distante, ainda mais frente aos efeitos percebidos da precarização das condições de vida. No entanto, que essa circunstância seja fonte de energia para arregimentar a força de resistência contra as desigualdades estruturais das formações sociais capitalistas.

Marx (2007) aposta na potencialidade histórico-transformadora dessa classe trabalhadora, na medida em que traz o fato de que toda luta de classes é uma luta política. Defende a união dos trabalhadores como um caminho para emancipação humana, de forma que a formação política é um instrumento dessa luta, sendo estratégica para reorganização da “classe em si”, para compreender os desafios a serem enfrentados e para identificar que a luta política é a saída (BATISTA; LIMA, 2013; CARNUT *et al.*, 2019, p. 183).

Essa luta política é sustentada pela utopia de construir uma nova sociedade livre, solidária e humanista, em que se deve cultivar um diálogo crítico com os oprimidos para superar as práticas que reproduzem as opressões (COSTA; LOUREIRO, 2017). Essa ideia de uma sociedade emancipada mobiliza os trabalhadores a lutar objetivamente por sua realização, trazendo a utopia como uma representação imaginária de uma sociedade futura que se deseja realizar (VASQUEZ, 2010).

Sonhar com melhores condições existenciais é um desejo legítimo da classe trabalhadora. Construir um futuro juntos, dando as mãos uns aos outros, sentindo o afeto e a solidariedade nas adversidades tem sido o cotidiano de todos os trabalhadores. Por isso, rótulos como utópicos não podem desmerecer a luta política. Se esse é o caminho, que seja enfrentado com seriedade, resistência e esperança. Que as formações políticas críticas auxiliem nesse processo de ensino-aprendizagem dos trabalhadores, desenvolvendo suas habilidades para a militância.

2) Contribuições da teoria crítica marxista na formação política dos trabalhadores

Formar criticamente um indivíduo consciente sobre a conjuntura social, política e cultural implica empreender uma ação engajada na luta contra qualquer tipo de dominação, exclusão e marginalização da condição humana. O foco deve ser a centralidade do ser humano em (re)construir a história e em superar a violência, oportunizando um processo educativo na contramão da segregação social (ARAÚJO, 2019; COSTA; LOUREIRO, 2017; SAES, 2004). Marx e Engels (2007a, p. 538) corrobora essa ideia quando menciona na *III Tese Ad Feuerbach* que:

A coincidência entre a altera[ção] das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária.

Marx e Engels (2007b, p. 66), em *A Sagrada Família*, ainda reforçam o papel da construção material da consciência pelos próprios trabalhadores:

[os trabalhadores] sentem de modo bem doloroso, a diferença entre ser e pensar, entre consciência e vida. Sabem que capital, dinheiro, salário e coisas do tipo não são, de nenhuma maneira, quimeras ideais de seu cérebro, mas criações deveras práticas e objetivas de sua própria autoalienação, e que portanto só podem e devem ser superadas de uma maneira também prática e objetiva [...]

Ter uma prática revolucionária é perceber que a prática e a teoria das ações dos trabalhadores não estão dissociadas. A teoria contribui para a tomada de consciência de classe dos trabalhadores, ao passo que permite refletir sobre onde se situam na luta de classes, discutem sobre quais são seus direitos reconhecidos ou negados, ou, ainda, sobre quais são os limites da sociedade capitalista para emancipação humana. Trabalhadores conscientes de seu papel social expressam em suas ações seus posicionamentos a partir da sua filosofia da práxis.

Os educadores que apostam nessa práxis revolucionária se fundamentam por princípios teórico-filosóficos e metodológicos do materialismo histórico-dialético (BATISTA; LIMA, 2013; HAMADA, 2017) e na pedagogia histórico-crítica (BATISTA; LIMA, 2013; MATA, 2015). Além dessas referências, inspiram-se na pedagogia socialista (GONÇALVES *et al.*, 2019), na pedagogia da educação popular (FREIRE, 2021), na pedagogia de Movimentos (MARIANO; LOMBARDI, 2019) e/ou em intérpretes da formação social dos países latino-americanos.

As referências que se baseiam nos princípios do materialismo histórico e dialético permitem compreender a realidade educacional e suas contradições nas suas determinações históricas e materiais, inseridas no ordenamento do real (HAMADA, 2017). Essa teoria, juntamente com a construção coletiva de outros educadores críticos, faz emergir a Pedagogia Histórico-Crítica, que possui um processo educativo que conduz o aprendizado a partir do conhecimento real, numa visão dialética do desenvolvimento histórico e cultural (SAVIANI, 2013; ABRANTES, 2015).

A Pedagogia Histórico-Crítica se apresenta como um instrumento teórico importante para potencializar as lutas por uma educação verdadeiramente libertária, de caráter revolucionário e comprometida com a transformação da sociedade. É por isso que Demerval Saviani e sua obra são tidos como importantes para compreender o pensamento social, político e pedagógico brasileiro. Sua trajetória de luta e compromisso por uma sociedade justa e

igualitária tem sido referência para a formação crítica de milhares de educadores (BATISTA; LIMA, 2013; MATA, 2015).

Sobretudo nas formações críticas de trabalhadores latino-americanos, os pressupostos dessas pedagogias corroboram o pensamento crítico. Ao problematizarem resultados de suas próprias circunstâncias sociais, passam a discutir sobre como agir, num movimento dialético entre o fazer e levar a efeito suas atividades radicais concretas. Por isso, organizam-se por meio de organizações, movimentos sociais, sindicatos ou partidos para se instrumentalizar.

No que se refere às pedagogias utilizadas nessas formações críticas, a pedagogia socialista traz entre suas principais contribuições os fundamentos histórico-práticos da politecnicidade. Compreende a formação omnilateral como uma educação do ser humano como um todo (CIAVATTA, 2018; GONÇALVES *et al.*, 2019; SAES, 2004). O conceito de formação omnilateral é presente na visão de educação de Marx (2017, p. 554), ao passo que concebe educação como uma combinação entre escolaridade e trabalho.

Entende-se que a educação para formar o homem novo, completo, ou seja, omnilateral, só é possível quando esse homem for consciente de suas potencialidades históricas, que, originalmente, já se manifestavam nos marcos da Revolução Industrial, conforme o excerto de Marx (2017, p.554):

Do sistema fabril, [...], brota o germe da educação do futuro, que há de conjugar, para todas as crianças, a partir de certa idade, o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não só como uma forma de incrementar a produção social, mas como único método para a produção de seres humanos desenvolvidos em suas múltiplas dimensões.

Pensar numa formação humana omnilateral, mas, também, numa educação pública e gratuita são contribuições teóricas que permitem aos trabalhadores refletirem sobre o poder popular para poder cumprir essa função social, conforme defendida por Marx (2007^a, p. 58):

Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc.

A luta pelo acesso ao conhecimento de forma gratuita e igualitária tem requerido aos trabalhadores romper com as relações dominantes de poder e privilégios (ABRANTES, 2015; SCHLESENER, 2015; MCLAREN, 2016). Marx (2012) orienta os trabalhadores pela emancipação da classe trabalhadora, o que significa não a luta por novos privilégios e

monopólios, mas por iguais direitos e deveres, e pela abolição de todo domínio de classe. Além disso, tece a crítica à educação popular sob a subvenção do Estado.

Os limites do Estado capitalista com relação à educação popular da classe trabalhadora ficam evidentes quando emerge sua ligação com o capital, o qual ele se revela como um ente necessário para manutenção da divisão de classes (BARBOZA; LIMA, 2012). O saber vem sendo apropriado para difundir e manter ideologias hegemônicas, e os atores educacionais, que operam dentro do Estado, imprimem sua ideologia, por meio de suas ações (SILVA, 2011; PINTO; OLIVEIRA, 2019).

O poder ideológico das classes dominantes às dominadas influencia a escola, a religião, os meios de comunicação. De tal modo que os dominados incorporam o poder exercido pelas classes dominantes consensualmente, o que explica a realidade social existente. Porém, os conflitos são inevitáveis, e, quando eles emergem, o Estado desvela sua natureza violenta e opressora (OSÓRIO, 2019).

As formas de governo que o Estado assume para garantir essa ordem de dominação se intensificam em países latino-americanos, sendo mais frequentes nas democracias blindadas, ditaduras ou governos neofascistas. É por isso que análises críticas mais precisas sobre a conjuntura política e social são de suma importância, haja vista que elas podem mobilizar mudanças nas correlações de força entre os dominantes e os dominados.

Logo, a luta política dos trabalhadores envolve ações antiestatais. Isso não significa dizer que se devam negar as ações por dentro do Estado, mas entender que elas são limitadas e que é preciso alçar outras formas de relações sociais que não sejam capitalistas. Formas de lutas anticapitalistas ocorrem sob uma lógica comunal que tem como valor um trabalho não expropriado. Pensar nessas outras experiências de sociedade se faz em formações críticas presentes em Conselhos, em Movimentos Sociais, ou seja, em espaços de socialização de conhecimento entre trabalhadores.

Formações políticas críticas podem auxiliar os trabalhadores nesse desafio, pois ampliam o escopo político do pensamento crítico dos trabalhadores (SANTOS *et al.*, 2015; CARNUT *et al.*, 2019). Portanto, são estratégicas para fortalecer, manter e ampliar propostas emancipatórias (LUSA *et al.*, 2019). Ao desvelarem assuntos como economia, política e cultura, no sentido da filosofia da práxis revolucionária, explicitam como essas formações podem ser conduzidas conforme os interesses da classe trabalhadora (SCHLESENER, 2019).

O exercício de uma práxis educativa permanente auxilia os movimentos dos trabalhadores a aproximarem-se de suas reivindicações mais imediatas, refletindo sobre as contradições da sociedade e no enfrentamento político para a construção de uma nova

hegemonia. A teoria de Gramsci retoma ‘A Ideologia Alemã’ para enfatizar o conceito de ideologia como uma visão de mundo que perpassa a realidade histórica que se apresenta (SANTOS; GOULART, 2016).

Nesse mesmo íterim, as teorias e práticas pedagógicas da luta da classe trabalhadora pela Pedagogia Socialista, Educação Popular e Pedagogia do Movimentos contribuem para socializar os conhecimentos a partir de uma matriz teórica revolucionária, na qual os conhecimentos estão vinculados à emancipação humana (MARIANO; LOMBARDI, 2019). Diversas formações políticas promovidas pelos movimentos sociais basearam seus conteúdos programáticos nessa tríade pedagógica, incluindo esses educadores críticos como leituras obrigatórias.

As bases político-pedagógicas da Educação Popular freiriana foram influenciadas tanto pelo pensamento crítico da tradição marxista quanto pelo pensamento social cristão de inspiração igualitarista e humanista, que se encontra na base da Teologia da Libertação (SILVA; REIS, 2020; MENDES; CARNUT, 2022). Por isso, foram expressas por uma dupla influência que se estendeu aos movimentos populares e socialistas latino-americanos. Essas influências possibilitaram adotar estratégias de emancipação/libertação inscritas nos marcos de um processo de radicalização da questão social (COSTA; LOUREIRO, 2017; GAUTHIER; TARDIF, 2014).

A pedagogia freiriana vem influenciando o pensamento crítico dos trabalhadores por mais de cem anos. Dialoga com os oprimidos, com aqueles que zelam por uma prática de liberdade, que percebem que o caminho se faz caminhando, com os trabalhadores que lutam para melhorar a história das pessoas. Dá esperança, mas não aquela do verbo esperar, mas do *esperançar*, discutindo suas ideias de forma generosa e acolhedora. Não é à toa que ele toca quem luta pela educação crítica, e ele educa a partir da construção coletiva, na qual a participação ativa das pessoas conduz ao conhecimento da realidade concreta da sociedade.

Freire argumenta que os protagonistas ou agentes revolucionários não se originam do nada. São formados dialeticamente pelas circunstâncias. Para revolucionar a sociedade, é preciso revolucionar o pensamento, e, ao mesmo tempo, para revolucionar o pensamento, é necessária a revolução da sociedade. Não se trata, portanto, de uma atividade individual, mas de uma luta coletiva, que inclui o pensamento e a fala como uma atividade social (MCLAREN, 2021).

No Brasil, a Pedagogia do Movimento tem sido uma referência de interesse pedagógico mais voltada aos movimentos sociais, como pelo Movimento Sem-Terra ou, ainda, pelo

Movimento dos Atingidos por Barragens. Suas referências teóricas retomam as ideias do partido político pecebista (Partido Comunista Brasileiro – PCB), que remetem à antiga hegemonia comunista, às concepções metodológicas freirianas e incorporam leituras de intérpretes nacionais a respeito da sociedade brasileira (CALDART, 2017; PERRUSO, 2017).

Incorporar leituras desses intérpretes em formações políticas críticas tem propiciado discutir a formação social do capitalismo brasileiro, bem como a origem da questão social nesse contexto, além de entender mais sobre o processo de dependência desse capitalismo e suas formas de espoliação do trabalho assalariado. Ter mais clareza sobre esses pontos permite aos trabalhadores lutarem politicamente por uma nova sociabilidade, com o otimismo da ação e o pessimismo da crítica.

Pensar em todas essas influências críticas nas formações políticas dos trabalhadores nos revela que elas continuam sendo atuais e imprescindíveis para a luta política. Compreender suas particularidades exige dedicação contínua, em uma sociedade na qual os trabalhadores estão sendo superexplorados. É preciso força e resistência às adversidades. Nesse sentido, mobilizar ações políticas para a práxis revolucionária permanece sendo a aposta.

6.1.4 Considerações Finais

As contribuições teóricas marxistas constituem-se em possibilidades pedagógicas que favorecem que os trabalhadores reflitam sobre os problemas que os afligem sobre sua realidade concreta. Ao discutirem suas percepções sobre a sociedade existente, localizam-se nessa luta de classes e conseguem desmistificar a ilusão de que o Estado é um ente neutro atuando para o bem comum da sociedade. Pelo contrário, age para garantir a ordem social em vigência, mantendo os interesses da classe dominante com relação à dominada.

Almejar essa superação de classes, desejando uma sociedade diferente, mais justa e igualitária, com uma educação pública e gratuita a todos, tem sido a ambição da classe trabalhadora. É com objetivo de aprofundarem seus conhecimentos nessa luta política que os trabalhadores têm mostrado cada vez mais interesse por formações políticas críticas.

A perspectiva teórica marxista contribui para desenvolver a consciência crítica revolucionária. Aposta na potencialidade histórica transformadora da classe trabalhadora. Além de que seus pressupostos teórico-filosóficos e metodológicos auxiliam na compreensão das complexidades da realidade de vida dos trabalhadores.

A partir dos fundamentos do materialismo-histórico dialético ou, ainda, da pedagogia-histórico-crítica, os trabalhadores conseguem ampliar seus conhecimentos dentro de um ordenamento do real, apropriando-se das contradições intrínsecas da dinâmica de sua realidade social, sob a lógica interna do capital, marcada pela busca do valor.

Os conceitos da pedagogia socialista agregam na construção dessa práxis revolucionária, ao passo que retomam os fundamentos histórico-práticos da politecnicidade, cuja visão buscava resgatar a formação omnilateral de construir um processo formativo que permitisse desenvolver as múltiplas habilidades do ser humano. A educação passa a ser um instrumento que alia o saber e o fazer a serviço da libertação dos trabalhadores explorados, pois estimula a construção de um agir político voltado para a transformação da realidade.

A pedagogia freiriana segue a mesma premissa, de uma educação popular como uma prática de liberdade. Entende a educação como uma forma capaz de libertar os seres humanos de sua condição de oprimidos. Numa incessante luta política pela desalienação, pelo trabalho livre, mediada por relações horizontais e dialógicas que direcionam as pessoas para emancipação.

A pedagogia dos Movimentos, embebida por essas matrizes teóricas, propicia espaços de troca desses conhecimentos entre os partícipes desses movimentos sociais. Isso faz com que eles contextualizem suas realidades sociais, dentro de seu período sócio-histórico atual, o que permite que essas pedagogias sejam concretizadas na prática do dia a dia. Em consequência disso, apreender leituras de intérpretes da formação social de países latino-americanos acaba por contribuir para analisar as particularidades dos trabalhadores superexplorados e o seu legado colonial escravocrata.

Apreender com essas pedagogias revolucionárias contribui para estimular a ação política dos trabalhadores, que, envolvidos com o impulso de subverter a lógica do capital, podem criar caminhos de transformações radicais concretas. Portanto, essa luta política é um processo ativo, consciente e contínuo, que requer alinhamento pedagógico e, acima de tudo, organização política.

6.1.5 Referências Bibliográficas

ABRANTES, A. A. Educação escolar e acesso ao conhecimento: o ensino como socialização da liberdade de pensar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 132-140, jun. 2015.

ALVES, A.J.L. A determinação onto-societária do educar ou para uma crítica da vontade educativa. **Verinotio – Revista On-line de Educação e Ciências Humanas**. N. 1, ano I, Outubro de 2004, periodicidade semestral – ISSN 1981-061X.

ALVES, H.; ESCOREL, S. Massa marginal na América Latina: mudanças na conceituação e enfrentamento da pobreza 40 anos após uma teoria. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.99-115, 2012.

ARAUJO, O.H.A. Didática e a prática docente na escola básica em uma perspectiva crítica de educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 1, p.277-287, abr. 2019.

BARBOZA, D.R.; LIMA, J.A.B. Processo de formação crítica e processo social: a questão da ideologia em Gramsci. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 29, v. 10, p. 65-8, 2012.

BATISTA, E.L.; LIMA, M.R. Dermeval Saviani – uma trajetória de luta e compromisso com a educação transformadora. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 203-215, dez. 2013.

CALDART, R.S.; VILLAS BÔAS, R.L. **Pedagogia socialista**: legado da revolução de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 1ª edição.

CARNUT, L. et al. ‘Passei a entender a influência do capital na saúde pública...’: formação política crítica dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 11, p. 182-192, 2019.

_____. Sistematização de experiências como método para elaborar a crítica política. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, SP, v. 8, n. 16, p.01-19, abr. 2020.

CIAVATTA, M. Marx: 200 anos – A teoria, a política e a educação. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 41, v. 16, p. 49–67, 2018.

COSTA, C.A.; LOUREIRO, C.F. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.111-121, jan.-abr. 2017.

DALMAGRO, S. L.; BAHNIUK, C. A classe trabalhadora e suas lutas no capitalismo contemporâneo: sínteses do debate marxista. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, p.42-59, 2019.

DARDER, A. **Reinventing Freire – A Pedagogy of Love**. New York: Routledge. 2017.

ESTEFANE, A.; THIELEMANN, L. Latin American Marxism and the Atlantic. **Oxford Research Encyclopedia of Latin American History**. 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/abstract/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-402>. Acesso em 25 de julho de 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 51ª edição, 2021.

GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (Orgs.). **A Pedagogia: teoria e prática da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Lucy Magalhães 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, L.D. *et al.* Pedagogia socialista e política educacional: debate acerca da politécnica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 3, p.214-222, dez. 2019.

HAMADA, I.A. O trabalho pedagógico e suas possibilidades enquanto práxis no contexto da perspectiva crítica, histórica e cultural. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, v. 23, n. 2, nov. 2017. ISSN 1981-061X.

HOLST, J. D. Conceptualizing training in the radical adult education tradition. **Adult Education Quarterly**, v. 59, n. 4, p.318-334, 2009.

LOPES, T. T. V. *et al.* “Nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional...”: percepção dos trabalhadores da saúde pública brasileira sobre sua formação política crítica. **Revista Educación, Política y Sociedad**, v. 7, n. 1, p.146-167, 2022. <https://doi.org/10.15366/rebs2022.7.1.006>

LUSA, M.G. *et al.* A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 536-547, set./dez. 2019. ISSN 1982-0259.

MARIANO, A.S.; LOMBARDI, J.C. Método de formação política da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 1, p.203-209, abr. 2019.

MARX, K. **Crítica do programa de Gotha**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Tradução: Rubens Enderle. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **O Manifesto Comunista**. 5ª. reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846**. Tradução: Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007a.

_____. **A Sagrada Família**. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2007b.

MASCARO, A. L. **Crise e golpe**. São Paulo: Boitempo, 2018, 207 p.

MATA, V. A. Educação e liberdade: a pedagogia histórico crítica e a emancipação humana. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 66, p.211-221, dez 2015.

MCLAREN, P. **Che Guevara, Paulo Freire, and the Pedagogy of Revolution**. Lanham: Rowman & Littlefield. 2000.

_____. Revolutionary critical pedagogy: Staking a claim against the macrostructural unconscious. **Critical Education**, v. 7, n. 8, 2016. Disponível em:

<http://ojs.library.ubc.ca/index.php/criticaled/article/view/186144>. Acesso em: 20 de Out. de 2022.

_____. Paulo Freire, un hombre atemporal. **Perfiles educativos**, Ciudad de México, v. 43, n. spe, p.22-35, 2021. <https://doi.org/10.22201/iisue.24486167e.2021.especial.61018>. Acesso em: 20 de Out. de 2022.

MENDES, S. J.; CARNUT, L. Educação política em Freire e a crítica marxista: reflexões teórico-históricas. **Crítica Revolucionária – Revolutionary Criticism**, 2, e004, 2022.

OSÓRIO, J. **O Estado no centro da mundialização**: a sociedade civil e o tema do poder. / Jaime Osório: Tradução: [de] Fernando Correa Prado. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 357p.

PAIVA, B. A. et al. Classes trabalhadoras latino-americanas: um debate sobre seus fundamentos no capitalismo dependente. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 22, n. 43, p.123-140, jan./jun. 2022.

PELOSO, R. (Org.). **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PERRUSO, M. A. Pedagogia freireana e marxismo: a formação política na Via Campesina Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2017.

PINTO, F. M.; OLIVEIRA, R. C. Educação, formação humana e estado na contemporaneidade: breves reflexões. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2019.

SAES, D.A.M. Educação e socialismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v. 1, n. 18, p. 73-83, 2004.

SANTOS, G. et al. Emancipação e a expansão recente da educação superior no Brasil: nexos com a teoria crítica. **SER Social**, Brasília, v. 17, n. 37, p. 368-389, jul.-dez./2015.

SANTOS, P. H. A.; GOULART, D. C. Formação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: uma análise de seu projeto político. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20, n.37, p.142-154, jul./dez. 2016.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 11^a ed. 2013.

SCHLESENER, A. H. Direção política e educação: a noção de vanguarda nos escritos de Gramsci. **Crítica Marxista**, n. 49, p. 9-27, 2019.

SCHLESENER, A. H. Marx e a educação: observações acerca de a ideologia alemã e teses contra Feuerbach. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 2, p.163-175, dez. 2015.

SILVA, J.C. A questão educacional em Marx: alguns apontamentos. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p.72-81; fev. 2011.

SILVA, L.B.; REIS, R.S. Quem tem medo de Paulo Freire? Um ensaio a partir da formação social brasileira. **Universidade e Sociedade**, n. 66, p. 60-73, jul. 2020.

VASQUEZ, A. S. **O valor do socialismo**. Tradução: Leila Escorsim Netto. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 192p.

6.2 ARTIGO 2: PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES DE SAÚDE SOBRE A EXPERIÊNCIA, A IMPORTÂNCIA E A (RE)SIGNIFICAÇÃO (DE)EM UM CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA CRÍTICO

Resumo

Pensar em uma formação política crítica é compreender a necessidade de criar um espaço de educação dedicado à liberdade, em que o processo educativo seja permanente e voltado para aumentar e amplificar o horizonte do entendimento crítico das pessoas daquilo que fazemos. A presente investigação constitui um estudo qualitativo que tem como público-alvo os trabalhadores de saúde que participaram do Curso de Formação Política realizado pela parceria entre a Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e o Coletivo de Formação Política (CFP). No qual o objetivo foi analisar o processo de ensino-aprendizagem deste curso, compreendendo as percepções desses trabalhadores sobre a experiência, a importância e a (re)significação desta formação política em saúde. Com relação a experiência educativa, a maior parte dos trabalhadores conseguiu acompanhar o curso, participando ativamente das atividades propostas. Os trabalhadores compreenderam que foi uma experiência importante, porque faz reflexões sobre o papel social e profissional, há poucas discussões sobre esse tema nos cursos de saúde e para entender como a saúde se insere nesse cenário político. Entre as potencialidades e as fragilidades, eles destacaram a relação temporal do curso, a (des)construção do conhecimento, a abordagem pedagógica e a metodologia, como quesitos que contribuiriam para ressignificarem os conteúdos trabalhados nessa formação. Portanto, o curso de formação política possibilitou um processo de ensino-aprendizagem, que corroborou numa práxis pedagógica favorável para discutir assuntos da conjuntura política atual, numa perspectiva crítica.

Palavras-Chave: Educação; Saúde Coletiva; Formação Política; SUS; Pensamento crítico.

Abstract

Thinking about critical political training is to understand the need to create a space for education dedicated to freedom, in which the educational process is permanent and aimed at increasing and broadening the horizon of people's critical understanding of what we do. The present research constitutes a qualitative study that has as its target audience the health workers who participated in the Political Education Course held by the partnership between the Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) and the Coletivo de Formação Política (CFP). In which the objective was to analyze the teaching-learning process of this course, understanding the perceptions of these workers about the experience, the importance and the (re)signification of this political training in health. Regarding the educational experience, most of the workers were able to follow the course, actively participating in the proposed activities. The workers understood that it was an important experience, because it makes reflections about the social and professional role, there are few discussions about this theme in health courses, and to understand how health is inserted in this political scenario. Among the potentialities and weaknesses, they highlighted the course's temporal relation, the (un)construction of knowledge, the pedagogical approach, and the methodology, as issues that contributed to re-signify the contents worked in this training. Therefore, the political training course made possible a teaching-learning process that corroborated a favorable pedagogical praxis to discuss issues of the current political conjuncture from a critical perspective.

Keywords: Education; Collective Health; Political Formation; SUS; Critical thinking.

6.2.1 Introdução

Pensar em uma formação política crítica é compreender a necessidade de criar um espaço de educação dedicado à liberdade real ou, em outros termos, em liberdade humana (e não em termos da liberdade liberal). Neste tipo de formação, o processo educativo deve ser permanente e voltado para aumentar e amplificar o horizonte do entendimento crítico das pessoas daquilo que fazemos enquanto sujeitos políticos. Esta formação, exige, portanto, um trabalho sério, ao mesmo tempo gentil e rigoroso. Prescinde formar, reformular, formar permanentemente os educadores sem manipulá-los. Ou seja, forjar a prática educativa pelas experiências que temos, por reflexões sobre essas vivências, a fim de entender teoricamente o que elas significam (FREIRE; HORTON, 2011).

Construir essa reflexão teórico-crítica sobre a política que seja de interesse para classe, requer que seus interesses sejam o guia desta formação. Quando se pensa no caso dos trabalhadores de saúde isto envolve desmistificar os processos alienantes, fragmentados e descontextualizados do campo político-ideológico deste setor com o todo social, permeados pela relação entre a política, o poder político, o Estado e as classes sociais (LOPES *et al.*, 2022). Conhecer como a sociedade é concebida a partir dessa rede de relações possibilita ampliar a visão sobre política para além dos espaços institucionais, especialmente espaços estatais e de partidos políticos. É entender que a política é multifacetada, sendo mais do que uma luta pelo poder, mas saber da importância do poder político, pois ele constitui o núcleo articulador de qualquer projeto emancipatório que almeja transformar as bases da dominação e da opressão (OSÓRIO, 2019).

Particularmente na área da saúde pública, as experiências educativas que trabalham esse tema têm se alinhado com uma produção de saberes influenciada por práticas de educação popular e de educação permanente. A indução dessas práticas educativas contribui na formação e no trabalho em saúde, além de qualificar formações no Sistema Único de Saúde (SUS) (PULGA *et al.*, 2020). Embora sejam práticas que fomentem a transformação das ações de saúde e provoquem novas formas de cuidar (portanto, muito bem-vindas) estas propostas de educação buscam a democratização ainda dentro do horizonte da ordem social burguesa. Neste sentido, podemos considerar que, mesmo válidas, ainda são incipientes para as mudanças sociais (LABEGALINI; BALDISSERA, 2021) que visam superar o modo de produção capitalista.

Espaços formativos alinhados com uma perspectiva crítica devem organizar o processo de ensino-aprendizado dos trabalhadores de várias formas, sendo uma preocupação recorrente: como fazer propostas formativas capazes de mobilizar essa mudança societária, para que não

haja lugar para opressão e a exploração? Krupskaya (2017), assim como outros educadores críticos, concordam com essa questão, uma vez que esta questão nos possibilita refletir sobre nossos hábitos de organização, no papel da escola ao preparar as condições materiais para o desempenho dos objetivos de aprendizagem e em como as pessoas escolhem seus caminhos para alcançar seus propósitos.

No decorrer da história, organizações brasileiras e internacionais proporcionaram aos trabalhadores experiências educativas que tiveram a teoria marxista como referência. Essas formações políticas contribuíram não só para qualificar a militância para a luta de classes, como também para despertar a consciência de classe, localizando os trabalhadores como protagonistas (PELOSO *et al.*, 2012). As conquistas inerentes à classe trabalhadora não são conseguidas facilmente, pelo contrário, são fruto do compromisso e da coragem de pessoas que decidiram atuar unidas (HARNECKER, 2018). É de interesse da classe trabalhadora conhecer essas experiências, até mesmo para refletir sobre como elas podem ser estratégicas para alterar a conjuntura política de determinado tempo social. No caso dos profissionais da saúde pública brasileira, isto tem se verificado na conjuntura pré-pós golpe de 2016, os quais procuraram por outras formações políticas que suscitavam a emancipação societária.

Um exemplo desse tipo de formação é o Curso de Formação Política da Associação Paulista de Saúde Pública em parceria com o Coletivo de Formação Política, ao passo que se propôs a reunir os trabalhadores de saúde para ampliar suas compreensões sobre os desafios da saúde pública, sob a luz de uma matriz teórica crítica marxista (CARNUT *et al.*, 2019a). Ao desenvolverem suas reflexões a respeito do mundo do trabalho, esses trabalhadores têm construído novos significados políticos críticos a respeito da saúde e ampliado sua visão desde sua inserção no modo de produção capitalista (BULGARELI *et al.*, 2018). Logo, este tipo de formação vem adensando seu escopo crítico sobre a relação política e a Saúde Coletiva, adquirindo uma visão totalizante em sua situação de clivagem de classe. Sendo este um processo de ensino-aprendizagem que possibilita a desconstrução de conhecimentos políticos orientados pela perspectiva de ‘políticas públicas’, em que a visão é mais institucional do que propriamente emancipadora (CARNUT *et al.*, 2019b).

Este curso, em específico, além de trabalhar um tema que desperta o interesse dos trabalhadores da saúde nesta conjuntura supracitada, teve como diferencial ser construído a partir de uma metodologia ativa de aprendizagem, método pedagógico que vem sendo cada vez mais usado como uma inovação importante nesta área (MARQUES *et al.*, 2021). É neste contexto em que a formação política em saúde ganhou centralidade no seio da classe trabalhadora do setor que analisar as experiências de práticas pedagógicas deste tipo e

envergadura ganham relevo. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as percepções dos trabalhadores de saúde sobre sua experiência, a importância e a (re)significação desta formação política em saúde quando participaram como cursistas deste processo educativo.

6.2.2 Percurso metodológico

A presente investigação constitui um estudo qualitativo que tem como público-alvo os trabalhadores de saúde que participaram do Curso de Formação Política realizado pela parceria entre a Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e o Coletivo de Formação Política (CFP). Este curso foi criado em 2017 por professores e trabalhadores da área da saúde com o objetivo de organizar um processo de trabalho de base (PELOSO, 2012), em que a orientação é a formação política crítica marxista da classe trabalhadora neste setor.

Entre as opções pedagógico-metodológicas, justifica-se o local por corresponder a um espaço não institucionalizado que se propõe a discutir questões que afligem a classe trabalhadora. Além disso, enfatiza-se três elementos do processo de ensino-aprendizagem segundo a perspectiva de Paulo Freire (2013, p.15-30): “ensinar exige criticidade”; “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” e “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Por fim, utiliza-se de metodologias ativas de ensino-aprendizagem (MITRE *et al.*, 2008) a partir de uma mescla de três estratégias: *Questões Disparadoras*, *Tempestade de Ideias* e *Sala de Aula Invertida*. Todas essas três estratégias se articulam para favorecer, no espaço de sala de aula, o tempo de leitura necessário para embasar cientificamente as discussões.

Este curso é dividido em 3 módulos. Um primeiro módulo (módulo I) de introdução as discussões sobre os desafios contemporâneos da saúde pública na realidade brasileira e um segundo e terceiro módulo (módulo II e III) de aprofundamento dos temas, ampliando o grau de complexidade dos textos e das discussões. O módulo I foi alvo o escolhido para esta análise. Este módulo é construído por cinco encontros, com duração de quatro horas cada, no qual trabalham-se as seguintes perguntas disparadoras: Encontro 1 - *A Política Pública é Política? Onde está o SUS?*; Encontro 2 - *O Estado brasileiro e a Constituição Cidadã: Direitos Reconhecidos ou Negados?*; Encontro 3 - *A Saúde como Negócio? Formas de Restrição do Direito à Saúde no Brasil*; Encontro 4 - *Reforma Sanitária Brasileira: quais rumos foram tomados?*; Encontro 5 - *O que fazer? Dilemas e perspectivas para a Saúde Coletiva*).

A forma de trabalho nestes encontros se orientou por uma dinâmica metodológica que incluía leituras individuais de textos de Karl Marx, de textos marxistas⁶ e de autores da saúde

⁶Usamos o termo ‘marxista’ em referência aos textos produzidos pelos seguidores da tradição marxista; ‘marxiano’, aos manuscritos de Marx, de sua própria autoria.

coletiva, com discussões subsequentes. Nos pequenos grupos, com no máximo 10 pessoas, os trabalhadores discutiam pontos das leituras que chamaram a atenção em conjunto com os moderadores⁷, que instigavam os participantes a responderem à questão disparadora do respectivo encontro, produzindo uma síntese. Essa produção teórica disparava a discussão em grande roda, onde esta discussão era potencializada pelo compartilhamento das experiências dos trabalhadores e contribuições dos facilitadores⁸, responsáveis por conduzirem esse momento pedagógico. Ao final de cada encontro, havia ainda a avaliação do dia para perceber como estava sendo esse percurso de ensino-aprendizagem.

Além dessa avaliação diária, o curso proporcionava outra modalidade de avaliar e compreender como os trabalhadores experienciavam seu processo educativo. Tratava-se de um formulário com perguntas semiestruturadas, no qual havia diversos tópicos relacionados à experiência vivenciada no curso. Esse instrumento possibilitava contribuir com um olhar individual desse trabalhador sobre sua formação. Do ponto de vista metodológico-analítico, este estudo buscou compreender quais foram as percepções desses trabalhadores de saúde sobre algumas dessas perguntas que eles foram convidados a responder.

As perguntas desse formulário que este estudo analisa são: “Comente se você conseguiu acompanhar o Curso dando o máximo de esforço de si nos estudos”; “Você acha que o curso é importante para a formação política dos envolvidos na área da saúde? Por quê? Explique com suas palavras.”; “Coloque os pontos POSITIVOS que você percebeu no curso” e “Coloque os pontos NEGATIVOS que você percebeu no curso”. Compreende-se que a primeira pergunta se relaciona diretamente com a percepção da experiência; a segunda, sobre como esses trabalhadores concebem a importância desse curso de formação política; e a terceira e a quarta revelam como esse curso é (re)significado por esses trabalhadores, quando identificam as potencialidades e as fragilidades desse percurso.

Optou-se por analisar apenas as respostas dos trabalhadores de saúde que cursaram as turmas 1 a 10 do módulo I do Curso de Formação Política, que possuíam 18 anos ou mais e ainda apresentaram 75% de presença. Os participantes que não se enquadravam nesses critérios foram excluídos. Os dados obtidos foram analisados a partir da Análise de Conteúdo Clássica (BAUER, 2010) do tipo frequencial, cujas unidades de análise foram as proposições (sentenças,

⁷ Moderadores. São intitulados moderadores aqueles trabalhadores de saúde que já participaram do curso de Formação Política anteriormente, que participam dos processos pedagógicos para ampliar seu aprendizado sobre os temas que são discutidos no decorrer do curso.

⁸ Facilitadores. São professores ou alunos de pós-graduação que tem qualificação teórica sobre os temas e que tem como papel precípua a condução da discussão da grande roda, articulando as produções dos pequenos grupos com os objetivos de aprendizagem propostos para cada encontro.

frases e orações). Este tipo de análise apresenta-se como a mais apropriada para uma primeira aproximação com o conteúdo, visando uma interpretação textual inicial.

O processo analítico se iniciou com a organização dos dados brutos. Dos 169 trabalhadores que responderam o formulário avaliativo proposto ao final das atividades formativas, 131 foram formados em São Paulo-SP, 23 em Campina Grande-PB e 15 em Ribeirão Preto-SP. Das 10 turmas analisadas, 04 foram ministradas na modalidade intensiva, em dias consecutivos. Em praticamente todas as turmas, os encontros transcorriam no período diurno, exceto em uma delas que foi concebida à noite. As proposições nas quais os discursos desses trabalhadores foram decompostos, puderam ser agrupadas em categorias de análise, por semelhança léxico-semântica.

O acesso a esses dados foi possível após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, concedido pela instituição proponente Faculdade de Saúde Pública (FSP), sendo disponibilizados pelos profissionais da gestão da APSP e do CFP. Vale salientar que, para manter a confidencialidade das respostas dos participantes desse estudo, os trabalhadores de saúde foram identificados por códigos alfanuméricos.

6.2.3 Resultados e Discussão

Os conteúdos identificados nos discursos dos trabalhadores foram agrupados em categorias temáticas, sendo dispostos em quatro tabelas. A Tabela 1 é resultado da percepção dos trabalhadores sobre a experiência desse curso, a Tabela 2, sobre a compreensão sobre a importância do curso e as Tabelas 3 e 4, referentes a (re)significação desse processo formativo. Sendo que a Tabela 3 traz os dados de modo mais amplo e a Tabela 4, de forma mais detalhada. Importante ressaltar que esse estudo não pretende discutir todas as categorias de análise encontradas, apenas as mais frequentes.

Tabela 1. Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos trabalhadores sobre sua experiência no decorrer do curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017 - Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil.

Número de categorias	Categorias temáticas	n	%
1	Conseguiu acompanhar, participando ativamente do curso	91	36%
2	Gostaria de ter lido mais os textos para um melhor aproveitamento	37	15%
3	Conseguiu acompanhar, mas teve dificuldade com textos ou discussões	32	13%
4	Não conseguiu acompanhar o curso totalmente, como queria.	29	11%
5	O curso fez eu me sentir estimulada em estudar	20	8%

6	O curso proporcionou aproximações e mergulhos por meio da metodologia	17	7%
7	Gostaria de ter tido mais tempo para dedicar ao curso	13	5%
8	Precisei faltar por motivos pessoais	9	4%
9	Não fui aos eventos culturais	5	2%
Total		253	100%

Fonte: pesquisa direta

Foi possível perceber que o conteúdo mais frequente na percepção dos trabalhadores sobre *a experiência da formação política aos envolvidos na área da saúde* foi a categoria ‘*Conseguiu acompanhar, participando ativamente do curso*’ (91; 36%). Como é possível observar nas seguintes respostas dos trabalhadores:

Sim, acho que participei ativamente do curso. Me esforcei durante as discussões com os colegas e na elaboração dos pontos. Porém, em geral não falei abertamente para turma nos momentos finais das aulas. (T6)

Consegui acompanhar o curso me doando ao máximo nas leituras em sala de aula, no compartilhar com os colegas nos pequenos grupos e estando aberta para ouvir. (T86)

A participação ativa é reconhecida por eles no envolvimento das leituras, compartilhamento de conhecimentos e disponibilidade para ouvir e falar o que pensa. Essa entrega é crucial para construir coletivamente a aprendizagem. De acordo com eles, eles conseguiram vivenciar essa experiência de forma plena, dando o máximo de esforço de si.

O modo como descreveram essa experiência é resultado de um processo formativo alicerçado numa abordagem progressista de aprendizagem. No qual, o desenvolvimento intelectual é marcado pelo entendimento de que o indivíduo constrói sua própria história, por meio do compartilhamento de ideias, informações, responsabilidades, decisões e cooperações entre as pessoas (BEHRENS, 2013). Pelo relato desses trabalhadores sobre sua experiência, eles percebem que a abordagem metodológica utilizada contribuiu para eles acompanharem o curso, como foi possível observar pelos relatos supracitados.

A segunda categoria mais frequente foi ‘*Gostaria de ter lido mais os textos para um melhor aproveitamento*’ (37, 15%), conforme descrito nos excertos:

Gostaria de ter aproveitado mais. Não consegui ler os textos com antecedência em minha casa e nem pós encontros. Isso ainda está como meta. (T4)

O máximo, infelizmente, não. Poderia ter lido mais os textos com antecedência. Porém buscava sempre estar atenta a tudo que era compartilhado nos eixos. (T58)

Ler os textos na íntegra, ou ainda, aprender com essas leituras foi um desejo nem sempre atingido pelos trabalhadores. Embora o espaço de leitura fosse privilegiado pelo método

pedagógico, processos de leitura e a produção de sínteses subsequentes requerem um nível de compreensão dos textos diferentes para cada pessoa. Algumas pessoas que apresentam níveis de compreensão maiores são capazes de interiorizar as estratégias com relação à leitura e a síntese melhores do que outras. Consequentemente, àquelas que apresentam níveis menores de compreensão sentem que precisam de mais tempo para concretizar as tarefas recomendadas para terem um melhor proveito delas (NADAL *et al.*, 2021).

Ainda que as pessoas tenham tempos de aprendizado diferentes, a forma de ler os textos, fichando os conteúdos para apreendê-los pela reprodução não era a proposta pedagógica, podendo contrapor-se com a expectativa dos trabalhadores. Em curtos espaços de tempo, compreende-se que o conhecimento se limita àquilo que faz mais sentido, sendo um exercício de desconstruir o formato de realizar leituras e de se relacionar com o conhecimento.

De forma semelhante se apresentou a terceira categoria mais frequente ‘*Conseguiu acompanhar, mas teve dificuldade com textos ou discussões*’ (32%), sendo respostas mais enfáticas diante da dificuldade sentida:

Tive certa dificuldade em acompanhar por vezes, uma vez que não faz tanto tempo que me inseri nessas discussões e ainda não tenho tanto acúmulo. Mas mesmo assim tenho certeza que aprendi bastante, todas as discussões foram muito ricas e fizeram bastante sentido para mim, mesmo aquelas que fizeram meu mundo cair hahahah. Peguei muitas referências e pretendo continuar lendo cada vez mais. (T10)

Considero de extrema importância ler os autores clássicos, como citado anteriormente, contudo é uma leitura densa. Então, avalio que dei o melhor de mim nos estudos e na participação do curso, o que não exclui a dificuldade que senti em ler os clássicos. (T12)

A experiência de ler textos de autores clássicos pode ser um desafio para trabalhadores de saúde. Por isso, não ocultam o quanto essa dificuldade refletiu no andamento das discussões. Ainda assim, foram discussões potentes e ricas que trouxeram sentido a eles.

A inserção desses trabalhadores a teorias críticas revolucionárias, que trazem contribuições significativas para uma dinâmica educativo-emancipatória, de longe será uma experiência fácil (FERREIRA *et al.*, 2022; GONÇALO CRUZ; DOMINGUEZ, 2019). Pelo contrário, os trabalhadores se deparam com uma educação problematizadora que suscita a possibilidade de superar as contradições de classe, ao aproximá-los de leituras críticas de sua realidade. Dado o modelo opressivo na consciência do oprimido, romper com essa lógica instalada é difícil, mas imprescindível quando pensamos no papel educacional pautado no diálogo freiriano transformador. Possivelmente, se essas leituras fossem mais problematizadas nos cursos de saúde, essa dificuldade seria menos perceptível.

No que tange a essa experiência educativa, 160 proposições da Tabela 1 (64%) mencionam que os trabalhadores conseguiram acompanhar o curso de formação política. Alguns tiveram mais dificuldades do que outros, o que é legítimo em todo processo de ensino-aprendizagem. Mesmo assim, entendem que participaram ativamente das atividades propostas, embora alguns gostariam de ter lido mais os textos para aproveitarem melhor as discussões e as trocas de conhecimento.

Para a maior parte desses trabalhadores, a experiência desse curso foi exitosa, pois atingiu sua função precípua de criar um ambiente de ensino-aprendizagem, cujo conhecimento é construído pela participação ativa dos trabalhadores, a partir da dedicação das pessoas as discussões, as sínteses e as leituras. O curso conseguiu estimular a interação dos participantes, permitindo o compartilhamento de ideias e de experiências prévias. As dificuldades foram percebidas, porém também serviram como inspiração para continuar os estudos em outros espaços formativos, alinhados numa perspectiva crítica.

Com o propósito de entender o que esses trabalhadores compreenderam sobre a importância desse curso de formação política no seu processo de ensino-aprendizagem, analisamos os dados provenientes da Tabela 2.

Tabela 2. Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre a importância do curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil.

Número de categorias	Categorias temáticas	n	%
1	Porque nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional	52	21%
2	Os cursos de saúde discutem muito pouco ou quase nada de política	37	15%
3	É importante para que os profissionais da área da saúde entendam de que forma a saúde se insere no cenário político	34	14%
4	O curso possibilita analisar com um olhar mais crítico a realidade em que estamos vivendo e passando	32	13%
5	O curso é fundamental à ampliação da compreensão do Estado brasileiro, incluindo aí as políticas públicas	31	13%
6	Porque nós saímos diferentes do que entramos em nossos ideais e concepções	16	7%
7	Uma formação para qualquer pessoa que houver interesse em discutir política	14	6%
8	É fundamental entender a saúde como mais uma frente na luta política em defesa dos nossos direitos	12	5%
9	O curso elucida a uma visão menos romântica da Saúde Pública	8	3%

10	Pois sua metodologia é ativa e faz com que participamos de forma mais integral e crítica	4	2%
11	É um curso de formação que contribui pra emancipação humana	2	1%
Total		242	100%

Fonte: pesquisa direta

A primeira categoria desta tabela foi '*Porque nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional*' (52, 21%), cujos excertos apontaram:

Acredito que sim. Este curso consegue fazer-nos refletir sobre o nosso papel social e profissional. Além de conseguirmos mais profissionais pensando da mesma forma e lutando pela mesma causa. (A4)

Sim, muito...pois grande parte dos profissionais atuantes na área da saúde acaba engolido pelas tarefas diárias sem refletir, discutir e problematizar sobre o trabalho em saúde e o modo de produção capitalista. Sendo assim, não se torna consciente sobre o seu papel e sobre como pode se organizar e contribuir para mudança do *status quo*. (A79)

O curso possibilita despertar a consciência do quanto os trabalhadores de saúde se enxergam como sujeitos críticos e ativos nos processos de mudança. Promove reflexões do quanto o papel desses profissionais é mais do que um domínio de técnicas e execução de procedimentos, contribuindo para entender que sua atuação é política. De que sua prática profissional e de militância está imbricada, de tal forma que pensar criticamente sobre essa práxis permite ampliar a compreensão sobre as intervenções, programas e políticas existentes no dia a dia de trabalho.

Costumeiramente, os trabalhadores de saúde, em especial no campo da saúde coletiva, discutem 'política' pela via de 'políticas públicas'. Contudo, política não se restringe a essa visão institucional. Há de se resgatar o conceito de saúde na visão de 'totalidade social', apresentado pelo sanitarista Floreal Ferrara, que aborda a relação entre política e saúde à luz da perspectiva marxista. Defende que a crise sanitária não se limita a crise das instituições, e sim, ela está atrelada a fragilidade e a servidão do Estado frente a dinâmica de acumulação capitalista e aos interesses econômicos das 'elites políticas' e suas frações (CARNUT; IANNI, 2019). Espaços formativos que retomem esse pensamento crítico podem mobilizar os trabalhadores a repensarem sobre sua práxis, como foi possível perceber pelas respostas desses trabalhadores.

A segunda categoria intitulada de '*Os cursos de saúde discutem muito pouco ou quase nada de política*' (37, 15%) pode ser sintetizada por:

Com certeza. Os cursos de saúde discutem muito pouco ou quase nada de política, que na verdade é o que determina como a área de saúde irá servir à sociedade. (A65)

Os espaços formativos em que se trabalham conteúdos políticos dentro da estrutura curricular dos cursos de saúde possuem pouco espaço, sendo praticamente ausentes. Embora seja um tema reconhecido como importante para os trabalhadores, facilitadores e moderadores, há a necessidade de fortalecer a dimensão política crítica nessas formações, ainda que, encerradas institucionalmente. A proposta é instigar reflexões que estimulem uma compreensão mais crítica sobre a sociedade possibilita mais conhecimentos para tomada de decisões políticas, contribuindo para atuação profissional em saúde (DAVID *et al.*, 2019). Diante dessa fragilidade, formações políticas não institucionalizadas parecem contribuir melhor para suprir essa lacuna, ao passo que aprofundam a compreensão do tema e discutem as estratégias de enfrentamento.

Na sequência, a terceira categoria *‘É importante para que os profissionais da área da saúde entendam de que forma a saúde se insere no cenário político’* (34, 14%) pode ser exemplificada pelas respostas:

Acredito que sim, independentemente da posição política de cada um, é importante que os profissionais da área da saúde, entendam de que forma a saúde se insere no cenário político e que estejam abertos a estudar, e se aprofundar no assunto ao invés de caírem no senso comum e achismos. (A67)

Sim é importante, pois possibilita a compreensão de muitos processos de trabalho e o que enxergamos atualmente na saúde pública sem compreender de fato como ocorre e o porquê ocorre. (A123)

Os processos de trabalho da saúde pública e da iniciativa privada são permeados pelos interesses político-econômicos inerentes da sociedade capitalista. Ao fomentar discussões que abordam esse assunto baseado em evidências científicas críticas, o curso estimula a compreensão do contexto político que esse trabalhador está inserido na área da saúde. Auxiliando a analisar a conjuntura atual, para além das opiniões pautadas pelo senso comum e achismos. Nesse sentido, há uma construção de novos significados políticos críticos a respeito da saúde e sua inserção no modo de produção capitalista (BULGARELI *et al.*, 2018).

A quarta categoria foi *‘O curso possibilita analisar com um olhar mais crítico a realidade em que estamos vivendo e passando’* (32, 13%), podendo ser representada pelos seguintes excertos:

Vejo que há um importante trabalho de qualificação de crítica e politização, de forma que vejo a possibilidade de ser um "trabalho de base". (A70)

Muito importante, pois é necessário o conhecimento crítico para entender a dinâmica da sociedade e em especial a da saúde. (A116)

Os trabalhadores reconhecem que o estímulo ao pensamento crítico contribui para promover discussões sobre política, pois favorece um ambiente propício para discutir questões relacionadas a dinâmica da sociedade, sobretudo referente à saúde. Nesse sentido, os conteúdos foram problematizados para instigar a crítica e a reflexão desses trabalhadores, com uma intenção de abrir a mente para outras perspectivas e apresentar pensamentos diferentes do discurso hegemônico (GONÇALO CRUZ; DOMINGUEZ, 2019). Mediante a resposta desses profissionais, essa postura foi avaliada como importante.

Por fim, a quinta categoria ‘*O curso é fundamental à ampliação da compreensão do Estado brasileiro, incluindo aí as políticas públicas*’ (31, 13%), pode ser reportada pelas proposições:

Acho que o curso traz contribuições importantes na discussão sobre o Estado, modelo econômico e fatores que permeiam a formulação de políticas públicas. Como dito antes, o curso contribui para desmistificar o SUS como o grande salvador da nossa sociedade, possibilitando contextualizá-lo num cenário mais amplo. [...] (A68)

Não apenas na área da saúde, mas trata-se de um curso fundamental à ampliação da compreensão do *modus operandi* do Estado brasileiro, incluindo aí as políticas públicas (A74)

O curso possibilita não só ampliar a compreensão sobre as políticas públicas, como também discutir sobre a complexidade do Estado brasileiro. Ao refletir sobre esses assuntos, permite que os trabalhadores desconstruam a ideia de que as políticas públicas sejam a aposta primordial e passem a considerar novas possibilidades de atuação política. O Estado e a sociedade civil conformam uma lógica de reprodução da ordem social, adequados aos interesses de dominação e exploração das classes dominantes (OSÓRIO, 2019). Portanto, o curso permite refletir sobre os limites dessas políticas públicas e da aposta por dentro do Estado pela classe trabalhadora.

Após analisarmos as categorias mais frequentes da Tabela 2, podemos verificar que das 242 proposições encontradas, 186 (76%) compreenderam a formação política como sendo importante. Isso porque, o curso possibilita despertar a consciência crítica dos trabalhadores, ao promover reflexões sobre seu papel social e profissional. Discutir política, embora seja um tema reconhecidamente importante, é pouco abordado nos cursos de saúde, quando acontece é sob o formato de políticas públicas. Por isso, essa formação política é compreendida como valiosa, pois auxilia no entendimento de como a saúde se insere no cenário político; proporciona um olhar mais crítico sobre a realidade que vivem; e amplia a compreensão do Estado brasileiro, inclusive, no âmbito de políticas públicas. Para esses trabalhadores, é um curso que poderia ser

integrado na formação dos profissionais de saúde, pois contribui para fortalecer sua atuação política em prol de uma práxis revolucionária.

A partir das tabelas 3 e 4, analisou-se como os trabalhadores (re)significaram seu processo de ensino-aprendizagem, no qual foi descrito as cinco categorias que os profissionais perceberam com relação as potencialidades e as fragilidades do curso, também intitulados como pontos positivos e negativos de cada categoria temática.

Tabela 3. Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre os pontos positivos e negativos que perceberam no curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil.

Número de categorias	Categorias temáticas	N	%
1	Relação temporal do curso	125	16%
2	Processo de (des)construção de conhecimento	104	12%
3	Abordagem pedagógica	98	12%
4	Moderadores e Facilitadores	96	12%
5	Metodologia ativa de aprendizagem	95	11%
6	Espaço de trocas e compartilhamento de experiências	83	10%
7	Leituras e escolha dos textos	76	9%
8	Não houve grandes pontos negativos	50	6%
9	Lanche e noção prática do comer como ato político	35	4%
10	Atrações Culturais	32	4%
11	Infraestrutura e localização do curso	18	2%
12	Acesso ao curso	9	1%
13	Espaço avaliativo	8	1%
Total		829	100%

Fonte: pesquisa direta

Tabela 4. Categorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nos discursos dos participantes sobre os pontos positivos e negativos que perceberam no curso de formação política da I a X Turma do Curso de Formação Política em Saúde. Associação Paulista de Saúde Pública. Maio, 2017- Dezembro, 2018. São Paulo, SP, Brasil.

Número de categorias	Categorias temáticas	N	%
	Relação temporal do curso	125	15%
1	Horário/duração do curso adequados e respeito ao tempo das atividades	38	
	Tempo curto para tantas reflexões, pontualidade ou ter somente cinco encontros	87	
2	Processo de (des)construção de conhecimento	104	13%

	Debate horizontal dos textos devido a participação ativa do grupo na construção de olhares mais críticos e reflexivos	60	
	Fez ampliar os conhecimentos para colocar em prática no nosso dia a dia na base	11	
	Processo de desconstrução, em que os temas/conteúdos são importantes e não se esgotam em si mesmos	18	
	Senti falta de diálogo com outras linhas de pensamento e/ou ausência de algumas temáticas ou de ter uma base sobre os assuntos abordados.	15	
	Abordagem pedagógica	98	12%
	A organização dos eixos e a abordagem pedagógica foi apropriada para induzir reflexões durante todo o processo de aprendizagem	76	
3	Modelo engessado dos encontros, muito conteúdo, sendo cansativo em muitos dias juntos	13	
	Pensar como é possível sair mais tranquilo do encontro final; ter definições do segundo módulo e o curso ser itinerante pelo país todo.	6	
	Falta conseguir fazer a autocrítica, estar atento ao que foi proposto para não sair do combinado.	3	
4	Moderadores e Facilitadores	96	12%
	Moderadores/Facilitadores altamente preparados e competentes	81	
	Assiduidade dos participantes, moderadores e facilitadores	4	
	As interferências dos facilitadores e moderadores durante as fases de concretização das ideias nos grupos e no debate	7	
	Discutir os textos dos próprios facilitadores e eles não estarem junto	2	
	A falta de representatividade dos facilitadores: a variação entre negros, mulheres...	2	
5	Metodologia ativa de aprendizagem	95	11%
	A experiência do uso da metodologia ativa foi significativa e transformadora	93	
	Metodologia ativa pode prejudicar a expectativa dos professores sobre a discussão ou distorcer o papel do professor, do aprendiz e do processo de aquisição do conhecimento	2	
6	Espaço de trocas e compartilhamento de experiências	83	10%
	Clima acolhedor, de empatia e de boa vontade entre facilitadores e participantes	47	
	Pluralidade da turma	17	
	Encontros coletivos do curso estreitaram as relações de amizade	5	
	Não conhecer bem os colegas, saber suas inquietações, suas lutas e aflições, mas não permitir que a discussão orbite apenas nas vivências.	14	
7	Leituras e escolha dos textos	76	9%
	A escolha dos textos é um ponto auge do curso	55	
	Textos complexos, que poderiam ser disponibilizados com maior antecedência; leituras fragmentadas dificultaram a compreensão das ideias; faltou leituras complementares; pessoas que não fizeram leitura prévia	21	
8	Não houve grandes pontos negativos	50	6%
	Não consigo identificar grandes pontos negativos neste momento	50	
9	Lanche e noção prática do comer como ato político	35	4%
	Gostei do lanche e da noção prática do comer como ato político	33	
	Trouxe um certo desconforto no curso a proporção que uma simples sugestão de alimentação ocasionou e ter mais lanche	2	
10	Atrações Culturais	32	4%
	Atrações culturais trazem visão sensível ao debate	30	
	Nem todos conseguiram participar das culturais	2	
11	Infraestrutura e localização do curso	18	2%

	Infraestrutura e localização do curso adequado	6	
	Espaço/Infraestrutura: sala pequena, cadeiras sem apoio para anotações, ficou presa no elevador e barulhos que atrapalham a leitura	12	
12	Acesso ao curso	9	1%
	Valor do curso acessível	6	
	As vagas disponíveis não conseguiram atender quem gostaria de participar e turmas com número grande de participantes	3	
13	Espaço avaliativo	8	1%
	Avaliação final: escuta nossas sugestões e as insere no decorrer do curso	4	
	Fazer avaliação final em todos os encontros	3	
	Se é que posso dizer negativo, preferia chamar de: Podemos melhorar	1	
Total		829	100%

Fonte: pesquisa direta

A primeira categoria temática, cujas proposições foram mais frequentes, foi a '*Relação temporal do curso*' (125, 15%), no qual representa como ponto positivo o '*Horário/duração do curso adequados e respeito ao tempo das atividades*' (38, 30%) e ponto negativo o '*Tempo curto para tantas reflexões, pontualidade ou ter somente cinco encontros*' (87,70%), retratados pelos seguintes excertos, respectivamente:

Metodologia boa; organização com o tempo para o seguimento do cronograma; conteúdo excelente. (B64)

Acho que o mais difícil é o tempo, parece que sempre é curto para tantas reflexões. (C4)

O tempo destinado às atividades, a carga horária do curso, a pontualidade são elementos que na organização pedagógica devem ser levados em consideração para fluir o processo de ensino-aprendizagem de forma leve. Nessa formação política, a maioria dos trabalhadores considerou o tempo curto para tantas reflexões. Entretanto, alguns deles consideraram a organização do tempo como um aspecto bom. Diante da complexidade do tema, da empolgação da discussão, a interpretação se o tempo foi suficiente vai diferir. Porém, quando essa resposta é tão frequente, a equipe pedagógica pode reavaliar o método, em especial quando se prioriza que cada pessoa tem um nível singular de aprendizagem (NADAL *et al.*, 2021).

A segunda categoria foi '*Processo de (des)construção de conhecimento*' (104, 13%), em que a potência foram as subcategorias: '*Debate horizontal dos textos devido a participação ativa do grupo na construção de olhares mais críticos e reflexivos* (60, 58%)', '*Fez ampliar os conhecimentos para colocar em prática no nosso dia a dia na base*' (11, 11%) e '*Processo de desconstrução, em que os temas/conteúdos são importantes e não se esgotam em si mesmos*' (18, 17%) A seguir foram apontados os excertos positivos de cada categoria supracitada:

Grande interação entre profissionais das mais variadas formações e capacidade dos articuladores e facilitadores de trabalhar com conteúdos densos e tão pouco tempo, atingindo os objetivos propostos. (B112)

Fez ampliar os conhecimentos para colocar em prática no nosso dia a dia na base. Foi um processo de bastante desconstrução e de possibilidade em criar laços para formas de resistência. (B158)

A metodologia de sala invertida é sensacional, pois permite que o educando seja protagonista de seu saber, embora seja cansativo. As pessoas são acolhedoras e abertas ao diálogo. Os temas são importantíssimos e não se esgotam em si mesmos. (B155)

Essas proposições demonstram que o curso se baseia pelo paradigma emergente da educação, no qual se alicerça com a abordagem progressista. Trata-se de uma abordagem que se caracteriza como um sujeito ativo, criativo, reflexivo, participativo e crítico. Neste, o papel do facilitador/mediador é orientado por uma práxis que promove a relação entre os conteúdos e a realidade da vida em sociedade, na busca por uma prática transformadora. Para isso, busca envolver os trabalhadores pelo diálogo crítico, a partir de discussões horizontais (BEHRENS, 2013). Todos os elementos presentes nesses registros.

Ainda que tenham considerado esses pontos como valiosos para seu processo de ensino-aprendizagem, houve o descontentamento sintetizado pela seguinte subcategoria: ‘Senti falta de diálogo com outras linhas de pensamento e/ou ausência de algumas temáticas ou de ter uma base sobre os assuntos abordados.’ (15, 14%). Como se observa nos seguintes excertos:

Senti falta de algumas temáticas como gênero e raça/etnia (C15)

Não aborda qualquer tese antagônica com as marxistas. (C121)

Senti falta de outras opções de pensadores pra fazer comparações (C139)

As críticas dizem respeito a ausência de discussões com outras perspectivas teóricas que não sejam marxistas, ou ainda de temas que não foram aprofundados como gênero, raça e etnia. Embora esses temas possam ser encontrados em outras formações políticas, como ocorre no curso da Escola Nacional de Florestan Fernandes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MARIANO; LOMBARDI, 2019), não foi uma opção escolhida pela equipe pedagógica desse curso. Isso não impede de que a partir das críticas provenientes desses trabalhadores, a equipe pedagógica repense seu referencial teórico e incorpore novos temas ou outras linhas de pensamento para futuras turmas.

A terceira categoria foi ‘*Abordagem pedagógica*’ (98, 12%), constituída pela subcategoria ‘*A organização dos eixos e a abordagem pedagógica foi apropriada para induzir*

reflexões durante todo o processo de aprendizagem’ (76, 78%). Destacaram-se as seguintes proposições como qualidade do curso:

Didática, conteúdo e forma de ensino muito bem elaborado, para melhor compreensão das aulas. (B123)

A dinâmica pedagógica (B137)

A abordagem pedagógica, cuidadosamente pensada e organizada para produzir conhecimentos de forma democrática e autônoma contribuiu para que os trabalhadores compreendessem melhor o teor do curso. O que reforça a importância de que práticas educativo-emancipatórias podem ser opções metodológicas interessantes, quando se busca desenvolver pedagogias que permitem aos trabalhadores significar suas realidades a partir de teorias histórico-cultural e histórico-crítica (FERREIRA *et al.*, 2022).

Com relação aos pontos negativos relacionados à dinâmica pedagógica, foram destaques: *‘Modelo engessado dos encontros, muito conteúdo, sendo cansativo em muitos dias juntos’* (13, 13%), *‘Pensar como é possível sair mais tranquilo do encontro final; ter definições do segundo módulo e o curso ser itinerante pelo país todo.’* (6, 6%) e *‘Falta conseguir fazer a autocrítica, estar atento ao que foi proposto para não sair do combinado.’* (3, 3%).

Representado pelas proposições:

O tempo escasso para escrever a síntese. Falta de uma atividade diferente a cada encontro. Precisa enxugar o planejamento do último eixo. (C62)

Não consigo precisar no momento pontos negativos, a não ser a indefinição se teremos o segundo módulo. (C125)

Não tenho pontos negativos a acrescentar..., mas acho que é sempre bom estar atento ao que foi proposto para não sair do combinado. Se atentar à tempos de fala por exemplo para que não seja injusto com os demais participantes. (C155)

As críticas ao formato do curso emergiram desde a falta de diversidade metodológicas nos encontros, como a sensação de falta de tempo para as tarefas designadas, tendo como sugestão diminuir a quantidade delas no último encontro. Além delas, salientam que estar atento ao que foi proposto é fundamental. O que dialoga com o texto de Freire (1982), quando nos ensina sobre as virtudes do educador. Sobretudo, quando ressalta sobre a coerência do que se diz e o que se faz. Outro ponto, refere-se a ter mais informações sobre o segundo módulo, o que é legítimo daqueles que pretendem dar continuidade nos estudos sobre esse tema.

A próxima categoria ‘Moderadores e Facilitadores’ (96, 12%) revelou ainda mais sobre as impressões dos trabalhadores sobre o papel dos educadores. Os elogios se enquadraram nas

subcategorias: ‘Moderadores/Facilitadores altamente preparados e competentes’ (81, 84%) e ‘Assiduidade dos participantes, moderadores e facilitadores’ (4, 4%). Sendo representadas pelas respostas:

Os facilitadores foram fundamentais neste processo. (B20)

Dinâmica, mediadores/facilitadores bem preparados, ambiente acolhedor, temas atuais (B97)

Metodologia de ensino, entrosamento, assiduidade. (B119)

A qualidade do processo de ensino-aprendizagem requer preparo técnico da equipe pedagógica e assiduidade de todos os trabalhadores. Conforme o estudo de Ordoñez (2020), a qualidade do trabalho educativo prescinde o educador ter domínio em quatro dimensões da prática pedagógica: a dimensão temática, a dimensão metodológica, a dimensão científica e a dimensão ética. Sendo a assiduidade um valor ético atribuído não só aos facilitadores e moderadores, como também aos demais participantes.

Embora o trabalho educativo possa ser considerado de qualidade, não significa que é perfeito. Nesse sentido, as fragilidades da equipe foram sintetizadas nas subcategorias: ‘*As interferências dos facilitadores e moderadores durante as fases de concretização das ideias nos grupos e no debate*’ (7, 7%); ‘*Discutir os textos dos próprios facilitadores e eles não estarem junto*’ (2, 2%) e ‘*A falta de representatividade dos facilitadores: a variação entre negros, mulheres...*’ (2, 2%). Percebidas nas proposições:

Acho que muitas vezes os participantes eram cortados/silenciados. Faltou mais possibilidade de trocas e discussões. Falta de conseguir fazer a autocrítica. Alguns pontos citei pessoalmente nos momentos das avaliações. (C154)

A ausência do prof. X⁹ foi a coisa mais negativa. Eu saí de Belém-PA com o intuito de escutá-lo como prof. Isso não tem a ver com as pessoas do curso. Tem a ver com a minha expectativa e admiração por seu trabalho. Achei desrespeitoso não avisarem com antecedência sobre sua ausência. Foi impactante pra mim. (C80)

A falta de representatividade dos facilitadores, no caso todos homens saibam e tal, acho importantíssimo para a identidade do curso a variação entre negros, mulheres.... (C8)

Na dialética de ensinar e aprender, uma mediação que cria condições para novos aprendizados a partir de uma relação dialógica, amorosa e ética por meio da confiança é a ideal (VIEIRA *et al.*, 2020). Entretanto, inúmeras são as tensões que podem comprometer a qualidade dessa interação entre facilitadores/moderadores e trabalhadores. Tais como a forma como são

⁹ O nome do professor em questão foi ocultado para preservarmos seu anonimato.

realizadas as interrupções nas discussões, não conseguir fazer a autocrítica, ou ainda, estar ausente quando era esperada sua presença. Em um curso de formação política, em especial, a falta de representatividade de mulheres e/ou negros, também é pertinente para pensar sobre quem está exercendo esse papel formativo.

A última categoria a ser discutida foi '*Metodologia ativa de aprendizagem*' (95,11%), em que os trabalhadores compreenderam como positiva a subcategoria: '*A experiência do uso da metodologia ativa foi significativa e transformadora*' (93, 98%). Demonstrada pelas respostas:

Eu gostei da metodologia, que nos possibilita construir o conhecimento em conjunto e sai daquela lógica de "palestrinhas" (B16)

Ah, muitos! Mas a forma da aula invertida ou exposição ativa foi sensacional! (B86)

A ideia de que educação não é resultado de “palestrinhas”, mas de uma prática pedagógica inovadora, comprometida com a produção de conhecimento construída a partir da participação coletiva e democrática das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, perpassa pelo entendimento de que a opção metodológica atingiu o propósito de ser ativa (MITRE *et al.*, 2008). A proposta da sala de aula invertida tem sido uma estratégia de ensino e aprendizagem centrada no estudante, que entrelaça diversos conceitos, entre eles o da aprendizagem ativa e colaborativa. Portanto, tem sido cada vez mais utilizada em cursos de saúde (BOLELLA; CESARATTI, 2017) como foi o caso dessa formação política.

Os trabalhadores desse curso observaram como ponto negativo, a subcategoria: '*Metodologia ativa pode prejudicar a expectativa dos professores sobre a discussão ou distorcer o papel do professor, do aprendizado e do processo de aquisição do conhecimento*' (2, 2%). Representada pelos excertos:

Apesar das "metodologias ativas de aprendizagem" despertarem um grande fascínio principalmente na atualidade (em especial nos cursos em saúde), de certo modo, por conta da minha aproximação com as discussões da área da Educação, entendo que ela distorce o papel do professor, do aprendizado e do processo de aquisição do conhecimento. Contudo, compreendo a escolha por ela. Podemos debater sobre isso em outra oportunidade! (C12)

O curso teve poucos pontos negativos. Mas acredito que alguns textos mereciam um pouco mais de envolvimento dos facilitadores em ajudar no debate em cada grupo, como o do eixo 2. Acredito que a metodologia ativa garante essa liberdade dos alunos, mas talvez isso prejudique a expectativa dos professores sobre a discussão que pretendem focar no eixo. (C16)

O trabalhador C12 destaca o papel do professor, do aprendizado e do processo de aquisição do conhecimento como distorcido. Em métodos ativos de aprendizagem, a figura do professor para a ser vista por um facilitador, em que articula, media e instiga a construção do conhecimento. Este, é produzido a partir de estratégias crítico-reflexivas, que tem como objetivo problematizar os conteúdos, buscando a interpretação da realidade circundante (BEHRENS, 2013; VIEIRA *et al.*, 2020). Com base nesse conceito, o papel do professor não será de impor o conhecimento ao aluno, nem almeja que o conhecimento seja adquirido. Essa ideia de abordagem pedagógica que a ação docente se preocupa com a reprodução do conhecimento está vinculada a uma prática conservadora de ensino. Diferente da opção metodológica proposta neste curso de formação política.

O segundo trabalhador, ainda que reconheça que o método ativo contribui para fomentar a liberdade dos trabalhadores, preocupa-se com a expectativa dos professores sobre a discussão. O fato dele escrever ‘expectativa dos professores’, ao invés de ‘expectativa do grupo ou da turma’ sugere que ele também está imbuído de uma concepção de educação aos moldes tradicionais. Com relação a essa preocupação, se os rumos da discussão não estiverem a contento dos facilitadores e moderadores, cabe a eles retomarem os objetivos de aprendizagem para que eles possam ser alcançados.

Diante do exposto até o momento, conclui-se que as cinco categorias mais frequentes permitiram com que analisássemos as potências e fragilidades dessa formação política com relação ao tempo do curso, o processo de (des)construção de conhecimento, a abordagem pedagógica, a visão sobre o papel desempenhado pelos moderadores e facilitadores e a compreensão deles sobre a experiência da metodologia ativa de aprendizagem.

6.2.4 Considerações Finais

A experiência da formação política voltada aos trabalhadores de saúde foi descrita como um curso que a maioria conseguiu acompanhar dando o máximo de esforço de si. Participaram ativamente das atividades propostas, interagiram uns com os outros, compartilhando ideias e experiências prévias. Alguns trabalhadores gostariam de ter lido mais os textos, outros relataram dificuldade com as leituras ou discussões. Ainda assim, perceberam que esse é um momento de aproximação com o tema, sentindo-se estimulados em continuar seus estudos em outros espaços que se inspiram numa perspectiva crítica.

Compreenderam que o curso é importante, pois proporciona que reflitam sobre seu papel social e profissional. Percebem que há uma lacuna de aprendizagem sobre o tema nos cursos saúde, por isso, formações como esta, em espaços não institucionalizados, contribuem para

suprir essa demanda. Além disso, este curso de formação política auxilia no entendimento de como a saúde se insere no cenário político e amplia a compreensão sobre como funciona o Estado e as políticas públicas. Tais compreensões, permitem que os trabalhadores entendam os limites sobre as apostas que vêm sendo feitas pela classe e reflitam estrategicamente sobre novas possibilidades de atuação política.

A (re) significação do curso foi obtida pelo relato dos pontos positivos e negativos do curso. As opções pedagógico-metodológicas permitiram que o curso fosse percebido como uma experiência significativa e transformadora, apreciaram a abordagem pedagógica, assim como o preparo dos facilitadores e moderadores. Criticaram o modelo engessado dos encontros, bem como o tempo curto designado para as atividades, ou ainda, algumas interferências nas discussões. Refletir sobre esses pontos permite ter uma dimensão de como foi esse processo de ensino-aprendizagem. Portanto, pode se tornar uma fonte de aprendizado para trabalhadores interessados em formações políticas críticas.

Não foi o objeto dessa investigação olhar para os participantes que desistiram desse curso, pelos mais variados motivos. Pelo contrário, o limite assumido foi privilegiar as percepções daqueles que concluíram seu processo de ensino-aprendizagem. Assim, aspira-se em novos estudos observar se esse curso mobilizou mudanças políticas de sua realidade concreta.

6.2.5 Referências Bibliográficas

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.W; GASKELL, Georg. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. 8a Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.189-217.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 120p.

BOLELLA, V. R.; CESARATTI, M. L. R. Sala de aula invertida na educação para as profissões de saúde: conceitos essenciais para a prática. **Rev. Eletr. Farm.**, v. 14, n. 1, p.39-48, 2017.

BULGARELI, J. V. *et al.* Produção de novos significados políticos na formação crítica de trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. v.8, n.10, p. 106-119. 2018.

CARNUT, L. *et al.* 'Passei a entender a influência do capital na saúde pública...': formação política crítica dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 11, p.182-192, 2019a.

CARNUT, L. *et al.* Teoria política marxista e saúde coletiva: percepção de trabalhadores em um processo de (de)formação crítica. **Revista Lusófona de Educação**, [S.l.], v. 44, n. 44, aug. 2019b. ISSN 1646-401X. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6863>>. Acesso em: 18 mai. 2019b.

CARNUT, L; IANNI, A. M. Z. Salud es politica: pensamiento social de Floreal Antonio Ferrara y sus contribuciones para repensar “lo político” en la salud. **Revista Gerencia y Políticas de Salud**, v.18, n.36, 2019.

DAVID, H. M. S. *et al.* Curso para a formação histórico-política na graduação em saúde: análise de uma construção partilhada. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, 2019.

FERREIRA, A. L; GOMES, G. K., HENNING, L. M. P. Educação emancipadora: contribuições da teoria freiriana e das teorias histórico-cultural e histórico-crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.1, 2022, p.0703-0715.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do Educador**. São Paulo: Vereda - Centro de Estudos em Educação, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47a. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GONÇALO CRUZ, M. M. N.; DOMINGUEZ, C. With a little help from my peers: professional development of higher education teachers to teach critical thinking. **Revista Lusófona de Educação**, 44, 141-157, 2019. doi: 10.24140/issn.1645-7250.rle44.09

HARNECKER, Marta. **Ideias para a luta**: doze artigos para o debate militante. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 67p.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **A construção da pedagogia socialista**: escritos selecionados. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 344p.

LABEGALINI, C. M. G.; BALDISSERA, V. D. A. **A construção de práticas educativas contra-hegemônicas**: uma análise da influência das políticas e programas de saúde. 2021. Janeiro/dez; v. 13, p.150-157. DOI: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcfo.v13.7461>.

LOPES, T. T. V. *et al.* “Nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional...”: percepção dos trabalhadores da saúde pública brasileira sobre sua formação política crítica. **Revista Educación, Política y Sociedad**, v. 7, n. 1, p.146-167, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.15366/reps2022.7.1.006>>

MARIANO, A. S.; LOMBARDI, J. C. Método de formação política da escola nacional Florestan Fernandes do MST. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n.1, p. 203-209, abr 2019.

MARQUES, H. R. *et al.* Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 03, p. 718-741, nov. 2021.

MITRE, S. M. *et al.* Metodologias ativas na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl 2, p.2133-2144, 2008.

NADAL, E. *et al.* Intervencion em escritura de sínteses a partir de fuentes: impacto da comprension. **Revista Mexicana de Investigacion Educativa**, v. 26, n. 88, 2021, p.95-122.

ORDOÑEZ, J. M. La calidad en la docência universitaria. Una aproximación desde la percepción de los estudiantes. **Educación**, Lima, v. 29, n. 56, p. 116-145. 2020.

OSÓRIO, J. **O Estado no centro da mundialização**: a sociedade civil e o tema do poder. Tradução Fernando Correa Prado, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 357p.

PELOSO, Ranulfo (Org.) **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 152p.

PULGA, V. L. (Org.) *et al.* **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. v. 1. 307 p.

VIEIRA, S. L. *et al.* Diálogo e ensino-aprendizagem na formação técnica em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, 2020.

6.3 ARTIGO 3: AÇÃO POLÍTICA APÓS EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO POLÍTICA CRÍTICA: PERCEPCÕES DE TRABALHADORES DA SAÚDE¹⁰

Resumo

A ação política dos trabalhadores de saúde envolve um movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Sob essa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar a ação política dos trabalhadores de saúde para entender se o curso de formação política crítica, ministrado pela parceria entre a Associação Paulista de Saúde Pública e o Coletivo de Formação Política, contribuiu para mobilizar mudanças políticas na vida desses trabalhadores. Essa análise transcorreu pelo método qualitativo de investigação, em que os trabalhadores foram selecionados e entrevistados, a partir de um roteiro orientador de perguntas. As entrevistas foram realizadas remotamente, sendo gravadas e transcritas. Os dados brutos foram organizados em duas categorias: ‘O curso faz a diferença para a luta política’ e ‘Ação política voltada à transformação societária’, que foram divididas em 10 e 3 subcategorias, respectivamente. O curso deixa sua marca pela criticidade das discussões, fortalecendo posicionamentos políticos para uma prática mais aguerrida, que apresente uma perspectiva de ação mais revolucionária. Além disso, os trabalhadores concebem que os afazeres diários não estão dissociados da política. Compreendem que o curso fomentou uma visão totalizante de como é o mundo e de como pensar nas formas de agir para transformar a sociedade.

Palavras-chave: Formação política, Educação crítica, Ação política; SUS.

¹⁰ Este artigo foi submetido à revista científica *Geminal: Marxismo e Educação em Debate* (ANEXO 3).

Abstract

The political action of health workers involves a dynamic, dialectical movement between doing and thinking about doing. Under this perspective, this study aims to analyze the political action of health workers to understand if the critical political training course, given by the partnership between the São Paulo Association of Public Health and the Political Training Collective, contributed to mobilize political changes in the lives of these workers. This analysis was carried out through the qualitative research method, in which the workers were selected and interviewed, based on a guiding script of questions. The interviews were conducted remotely, being recorded and transcribed. The raw data were organized into two categories: 'The course makes a difference for the political struggle' and 'Political action aimed at societal transformation', which were divided into 10 and 3 subcategories, respectively. The course leaves its mark by the criticality of the discussions, strengthening political positions for a more acute practice, which presents a more revolutionary perspective of action. Besides, the workers conceive that their daily tasks are not disassociated from politics. They understand that the course has fostered a totalizing vision of what the world is like and how to think of ways to act to transform society.

Keywords: Political formation, Critical education, Political action; SUS.

6.3.1 Introdução

A ação política na vida de trabalhadores envolve uma luta por melhores condições existenciais, entre as quais se encontra a luta para aprimorar a saúde desta classe. No Brasil, a mobilização dos trabalhadores da saúde pública, em grande parte, tem se voltado para defender os valores e os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Consequentemente, chamam para si a responsabilidade política desta luta, buscando na formação política crítica um caminho para compreender seu papel social e profissional no atual contexto sócio-histórico (DANTAS, 2018a; LOPES *et al.*, 2022). Analisar criticamente esse contexto da luta por melhores condições de saúde e de serviços de saúde pública permite ampliar a visão sobre as condições materiais do Estado brasileiro.

Sob o argumento aparente da crise político-econômica desse Estado, enquanto na essência a crise é do capital, há um aumento da precariedade nas condições de vida dos trabalhadores, assim como se agravam os ataques ao SUS. Um exemplo disso na atual conjuntura tem sido a destruição da universalidade do SUS via Atenção Primária a Saúde (APS), a partir da implantação do novo modelo de alocação de recursos financeiros (MENDES *et al.*, 2022). Assim como ocorreu com a universalidade de acesso, os direitos sociais são reduzidos e as políticas sociais se transformam em ações pontuais e compensatórias, a depender da correlação de forças entre as classes, segmentos de classe e do grau de consolidação da democracia e da política social implementada pelos Estados (BEHRING; BOSCHETTI, 2011).

Entre as formas de dominação política assumida pelo Estado capitalista brasileiro, assume-se que há a predominância de um regime do tipo democrático-liberal. Embora os elementos democráticos sejam majoritários, e até positivados juridicamente, historicamente coexistem elementos ditatoriais que refletem a persistência de uma sociabilidade conservadora e de ranço escravocrata. Esses elementos estruturam sistematicamente o regime aos moldes de uma democracia cada vez mais blindada às aspirações e às reivindicações advindas dos setores populares (DEMIER, 2017). Compreender a conjuntura política do Brasil, bem como o papel dos movimentos que garantem a ideologia do governo e suas políticas, elucidada o contexto de agudização da crise econômica vivenciada a partir de 2007-2008 e como este cenário de crise produziu um solo fecundo às tendências do pensamento e das ações neofascistas (CARNUT, 2022). Essas circunstâncias políticas adversas redirecionaram à práxis dos trabalhadores a uma ação transformadora de maneira incontornável.

A mobilização dessas ações tem sido mais ou menos radicalizadas¹¹ pelos trabalhadores. Há aquelas categorias ou grupos nos quais a luta política tem investido nas disputas por dentro das formas institucionais, que tem como horizonte a conciliação de grandes conflitos em acordos nacionais, não produzindo movimentos de ruptura com a classe dominante muito menos com a ordem social vigente. Outros grupos e categorias assumem uma práxis revolucionária, em que a ação política estimula uma formação política que instiga um novo projeto societário, cuja prática social seja livre, solidária e emancipada (MARINI, 2022; RODRIGUES; BICALHO, 2022). Estes dois caminhos da luta se diferenciam, portanto, gerando grupos de trabalhadores mais reformistas e outros mais revolucionários.

As diferentes posturas políticas desses trabalhadores frente a sua realidade concreta tendem a disputar mais intensamente – em certos contextos históricos – o suposto consenso existente promovido pela democracia burguesa na sociedade civil. É nesse movimento vivo e dialético entre o pensar e o agir que as alianças são feitas, a direção é escolhida e o projeto social, político e econômico é tensionado. Assim, a vontade e a ação política para transformar devem convergir na união dos trabalhadores, movimentos sociais, sindicatos, partidos visando mudar as pessoas e suas relações com o propósito de transformar a sociedade (RODRIGUES; BICALHO, 2022). É neste sentido que a potencialidade dos trabalhadores como sujeitos histórico-sociais passa a ser capazes de superar o domínio de classes, conquistando assim o caminho para sua emancipação.

Com a perspectiva de que a luta é coletiva, ora por dentro do Estado, ora por fora, é que os trabalhadores devem ser táticos e estratégicos, criando condições para possibilitar as transformações desejadas. O aprofundamento da crise, assim como seus efeitos perversos sobre as condições de vida, deve servir como combustível para arregimentar forças imediatas em lutas de caráter anticapitalistas, voltadas para conquistas efetivas de um processo emancipatório ou mesmo para conquistar a reversão de alguns retrocessos sociais estabelecidos pelas ofensivas conservadoras (GOUVEA *et al.*, 2022).

Apostar no pessimismo da crítica e no otimismo da vontade da ação política parece ser um dos caminhos no sentido de uma práxis revolucionária (GRAMSCI, 1920). Isso inclui, pensar em formas de agir em defesa do SUS, sem perder de vista o olhar crítico da totalidade. Nesse prisma, a formação política crítica constitui um espaço de aprendizado que pode

¹¹ As ações humanas são expressões práticas do movimento de luta política. Elas podem ser conservadoras ou transformadoras. Entende-se por ações radicalizadas àquelas que apresentam um potencial maior para subverter a lógica do capital, conferindo-lhes um caráter contra hegemônico, emancipatório, insurgente e anticapitalista (ou seja, ‘ir na raiz dos problemas’).

mobilizar, organizar e qualificar os trabalhadores no campo teórico-prático para transformar essa organização do poder burguês (FREIRE; NOGUEIRA, 1993). Em virtude disso, este estudo tem como objetivo analisar a percepção das mudanças da ação política dos trabalhadores do SUS após passarem pelo curso de formação política crítica realizado pela Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e pelo Coletivo de Formação é Política (CFP). Ou seja, tem o intuito de verificar se esta experiência possibilitou que os profissionais de saúde refletissem sobre sua atuação política, a ponto de modificar sua realidade concreta.

6.3.2 Percurso Metodológico

Este estudo tem como estratégia metodológica a investigação qualitativa. O cenário de pesquisa é o curso de formação política realizado pela Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e pelo Coletivo de Formação é Política (CFP). A APSP tem sido um espaço não institucionalizado, que vem arregimentando forças na reorganização da classe trabalhadora da saúde. Mantém até o momento uma parceria com o CFP, que congrega professores e trabalhadores da saúde com o intuito de reorganizar um processo de trabalho de base (PELOSO, 2012) neste setor.

O curso se trata de uma formação política crítica marxista, que tem como público-alvo construir saberes juntos com trabalhadores do SUS, militantes, graduandos e pós-graduandos na área da saúde coletiva, saúde em geral e/ou que trabalhem com direitos sociais. O propósito desse curso é abordar criticamente os conceitos teóricos de política e de Estado, em paralelo com as discussões próprias do campo da saúde coletiva. Em especial, refletir sobre os desafios contemporâneos da saúde pública na realidade brasileira (CARNUT *et al.*, 2019a; CARNUT *et al.*, 2019b).

Esse curso é constituído por 3 módulos, sendo o primeiro o foco dessa pesquisa. Ele contempla 20 horas de carga horária total, sendo subdividido em 05 encontros (denominados Eixos Temáticos), desenvolvidos em 04 horas/aula cada um. Esses eixos temáticos são trabalhados com métodos ativos de aprendizagem. Cada um dos encontros tem perguntas disparadoras, que apresentam de 3 a 5 objetivos de aprendizagem. As perguntas são: Eixo 1: A Política Pública é Política? Onde está o SUS?; Eixo 2: O Estado brasileiro e a Constituição Cidadã: Direitos Reconhecidos ou Negados?; Eixo 3: A Saúde como Negócio? As Formas de Restrição do Direito à Saúde no Brasil?; Eixo 4: Reforma Sanitária Brasileira: quais são os rumos?; e Eixo 5: O que fazer? Dilemas e perspectivas para a Saúde Coletiva.

O curso é composto por facilitadores² e moderadores³ (integrantes do CFP) no processo de ensino-aprendizagem. Intitulam-se facilitadores, os professores que criam condições materiais para desenvolver uma consciência crítica e reflexiva em torno das questões relacionadas a prática de vida destes indivíduos. Os moderadores são trabalhadores de saúde que instigam como responder à questão disparadora do dia, através do processo de ‘tempestade de ideias’ realizado pelos grupos de aprendizagem (BULGARELI *et al.*, 2018).

Tanto os facilitadores, quanto os moderadores são responsáveis por mediar as discussões, articulando as reflexões com os objetivos de aprendizagem. Contudo os facilitadores, trabalham com mais afinco as discussões quando os participantes estão dispostos em grande roda (totalidade da turma). Enquanto os moderadores, suas responsabilidades se centram nos pequenos grupos de aprendizagem (05 a 10 trabalhadores).

A participação dos integrantes da APSP é mais ativa com relação a parte administrativa, são responsáveis pela inscrição, certificação, gestão financeira e por ceder a sede da associação na cidade de São Paulo- SP, onde são realizados os encontros presenciais. Até julho de 2022, foram realizadas 13 edições do módulo 1, sendo 11 ministradas em encontros presenciais e 2 em formato remoto emergencial, devido a pandemia do coronavírus. Entre as edições presenciais, 09 ocorreram em São Paulo- SP, 01 em Ribeirão Preto- SP e 01 em Campina Grande- PB. Cada edição presencial contou com 40 vagas aproximadamente.

Os temas desse processo de ensino-aprendizagem, além de seguir uma perspectiva marxista, também se basearam na visão pedagógica de Paulo Freire (2013, p. 15-30). Abordagem que entende que “ensinar exige criticidade”; “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” e “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Com relação às estratégias metodológicas ativas de aprendizagem, os recursos escolhidos foram problematizar os conteúdos a partir de questões disparadoras, tempestade de ideias e sala de aula invertida. Essas três abordagens se articularam para favorecer as reflexões e discussões fomentadas na sala de aula (BULGARELI *et al.*, 2018; CARNUT *et al.*, 2019b; LOPES *et al.*, 2022).

² Facilitadores. São professores ou alunos de pós-graduação que tem qualificação teórica sobre os temas e que tem como papel precípua a condução da discussão da grande roda, articulando as produções dos pequenos grupos com os objetivos de aprendizagem propostos para cada encontro.

³ Moderadores. São trabalhadores de saúde que já participaram do curso de Formação Política anteriormente, que participam dos processos pedagógicos para ampliar seu aprendizado sobre os temas que são discutidos no decorrer do curso.

A dinâmica de aprendizagem dos encontros incluiu tempos de leitura individual dos textos de Karl Marx, de teóricos marxistas e de profissionais no campo da Saúde Coletiva. Após essas leituras, os trabalhadores discutiam os pontos que mais chamaram sua atenção com os moderadores e, em seguida, com os facilitadores. O conhecimento foi sendo construído em conjunto pelos partícipes desse processo de ensino-aprendizagem, de forma dialogada e significativa. Ao final de cada encontro, havia a avaliação do dia, no qual os trabalhadores podiam compartilhar críticas e sugestões. Concluído o curso, eles eram convidados a preencher um formulário digital com o objetivo de avaliar esse processo educativo como um todo.

Entender como aconteceu esse curso é fundamental para a compreensão do cenário de aprendizagem desta pesquisa, que tem como público-alvo os trabalhadores de saúde, militantes, graduandos e pós-graduandos em saúde coletiva, saúde geral ou interessados pelo tema, que participaram no primeiro módulo desse curso de formação política crítica, entre as turmas 1 a 10, no formato presencial.

Foram incluídos os participantes que concluíram o curso, maiores de 18 anos, que possuíam 75% de frequência e que concluíram o preenchimento do instrumento avaliativo ao término do curso. Foram excluídos aqueles que não se enquadravam nos critérios de inclusão, que não foram localizados, não apresentavam disponibilidade ou não quiseram participar dessa pesquisa.

Para a seleção da amostra, foi adotada a estratégia de escolha dos sujeitos por variedade de tipos. Nessa abordagem, as pessoas foram incluídas pelo critério da homogeneidade fundamental, amostra fechada pelo número de tipos de informantes e conforme características eleitas pela pesquisadora. O critério da homogeneidade fundamental pode ser definido por uma mesma característica ou variável a todos os sujeitos da amostragem (TURATO, 2013). O fato de todos serem participantes do módulo I desse curso de formação política para trabalhadores de saúde, apresenta-se como uma particularidade em comum.

A pluralidade de elementos dessa amostra consistiu em 4 tipos, sendo eles: os trabalhadores de saúde, os trabalhadores de educação, os que possuíam militância institucional prévia e os que não possuíam militância prévia institucional. A partir do momento em que os sujeitos foram selecionados tanto pelo critério de homogeneidade fundamental, quando pelos critérios de inclusão e exclusão, a amostra foi fechada. Importante salientar que todos esses critérios para a seleção da amostra foram definidos segundo o arbítrio e interesse científico da própria pesquisadora.

Após os trabalhadores serem selecionados, a escolha metodológica para coleta foi as entrevistas semiestruturadas. Essa técnica permite o encontro entre pesquisadora e entrevistado,

no qual o conhecimento sobre o tema é construído a partir dessa interação relacional. Entre os modos de conduzi-la, optou-se pela entrevista semidirigida, também chamada de semiestruturada. Uma vez que é uma técnica usada quando o pesquisador conhece as perguntas, mas não pode prever a resposta (TURATO, 2013).

Para conduzir essas entrevistas, foi utilizado um roteiro norteador de perguntas. Esse instrumento foi validado, a partir de uma fase pré-teste. Neste pré-teste uma trabalhadora que participou do curso foi convidada a ser nossa entrevistada piloto. As suas respostas contribuíram para avaliar se as perguntas formuladas estavam apropriadas para responder o objetivo deste estudo.

Após a validação do roteiro, um(a) trabalhador(a) de cada uma das 10 turmas do Módulo I foram selecionadas para essa pesquisa, conforme os critérios listados anteriormente. Esses trabalhadores foram contatados e convidados a participarem das entrevistas remotas, conforme as orientações de pesquisa para ambientes virtuais instituídos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 2021).

Assim, o convite individual aos candidatos a participarem da pesquisa foi enviado por e-mail. À medida que eles aceitavam, as entrevistas foram agendadas por meio da plataforma Google Hangouts Meet. Eles foram informados que as entrevistas seriam gravadas e armazenadas em um e-mail criado para esta finalidade. O acesso a esses dados foi restringido aos autores dessa pesquisa, para preservar a privacidade e o sigilo dos dados pessoais desses trabalhadores. Além disso, os nomes ou qualquer material que identifique sua participação foi omitida. Para identificá-los, optou-se por usar números. Dessa forma, os trabalhadores foram representados por T1, T2, T3...até o T10.

O momento subsequente transcorreu por meio de um processo de aculturação, em que a pesquisadora assimila as ideias e costumes desses trabalhadores, embebida por uma imersão temporária desses dados. Essa etapa corrobora para organização desse material para análise, no qual há um preparo inicial desses dados, a pré-análise, a categorização e a subcategorização. Trata-se de um momento em que há a sistematização dos dados para torná-los significativos e válidos para serem interpretados (TURATO, 2013). Ou seja, uma fase de organização dos dados brutos em lapidados.

O processo de interpretação das falas desses trabalhadores se orientou por uma análise qualitativa de conteúdo clássica (BAUER, 2010), do tipo frequencial. Cujas unidades temáticas (UT) de análise foram as proposições relativas à percepção dos trabalhadores sobre o conteúdo acerca da percepção da ação política dos trabalhadores após a experiência de formação política

crítica. Essas proposições foram agrupadas por ideias léxico-semânticas semelhantes, produzidas pela impregnação dessas falas pela pesquisadora/analista.

Esta etapa de sistematização dos dados corroborou para a construção de categorias e subcategorias, que foram interpretadas e articuladas com artigos da literatura, resultando na discussão e considerações finais desse estudo. A fundamentação utilizada como base para discuti-los foi a matriz teórica crítica marxista, que é pautada a partir de uma visão materialista histórico-dialética, por uma pedagogia histórico-crítica, por uma educação socialista, emancipatória e revolucionária.

Vale ressaltar, que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo, como o CAEE número 48282821.8.0000.5421.

6.3.3 Resultados e Discussão

6.3.3.1 População do estudo

O módulo I da formação política formou um total de 169 trabalhadores desde a primeira turma até a décima. Dos 10 selecionados (um por turma), todos aceitaram o convite para participar da pesquisa. Suas entrevistas foram devidamente gravadas e transcritas, após a anuência do termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE.

Neste grupo de pessoas entrevistadas, tivemos 8 que se identificam com o gênero feminino e 2 do masculino. A faixa etária variou de 26 a 47 anos. No que se refere as categorias profissionais, apresentaram: 2 pós-graduandas, 2 profissionais da educação, 1 assessora de políticas públicas e 6 trabalhadores do SUS Todos consideram que possuem militância prévia institucional (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil da população do estudo segundo gênero, idade, categoria profissional e militância prévia institucional. São Paulo, 2022.

Entrevista	Gênero	Idade	Categoria profissional	Militância prévia institucional
1	Feminino	26	Trabalhadora do SUS	Sim
2	Feminino	27	Pós-Graduanda	Sim
3	Masculino	29	Trabalhador do SUS	Sim
4	Feminino	33	Trabalhadora do SUS	Sim
5	Feminino	34	Trabalhadora do SUS	Sim
6	Feminino	35	Assessora de políticas públicas	Sim
7	Feminino	38	Pós-Graduanda; Trabalhadora da Educação	Sim

8	Feminino	40	Trabalhadora do SUS	Sim
9	Feminino	41	Trabalhadora do SUS	Sim
10	Masculino	47	Trabalhador da Educação	Sim

Fonte: pesquisa direta.

Esses dados foram obtidos a partir de um questionário fechado, que eles responderam instantes antes do início da entrevista. Entretanto, quando questionados se era a mesma profissão que possuíam quando cursavam a formação política, 3 responderam que sim e 7, não. Foi possível entender que dois desses trabalhadores estavam na graduação quando realizavam o curso. As pessoas que cursavam pós (2), hoje atuam na universidade ou no serviço público. Outros, ainda que tenham permanecido em suas funções iniciais, adquiriram mais atribuições. Além disso, puderam expor o envolvimento deles com sindicatos de trabalhadores (3). Neste campo de pessoas tão plural, com diferentes formações acadêmicas, há uma conexão pelo interesse que elas tinham pelas áreas da saúde, educação, políticas públicas, pesquisa e militância.

É preciso dizer também que alguns desses trabalhadores não exerceram o papel único e exclusivo de estudantes dessa formação política. Isso porque, 04 deles após o curso continuaram seus estudos sob a perspectiva de moderadores. Destes 04, uma delas assumiu, inclusive, a função de facilitadora desse processo formativo. Não só foi possível identificar essa participação direta com o curso, como também 02 trabalhadoras assumiram cargos administrativos da APSP, onde coordena em parceria com o CFP a permanência deste curso para novas turmas de interessados nesse saber. Trata-se, portanto, de trabalhadores engajados a aprofundar seus conhecimentos teóricos e aplicá-los em suas próprias vivências, articulando a teoria com a prática.

6.3.3.2 A interpretação dos relatos dos estudantes do curso de formação política

Os dados coletados referentes às respostas das entrevistas resultaram em 72 unidades textuais sobre as percepções desses trabalhadores sobre a ação política após experienciarem o módulo I do curso de formação política. Estas unidades textuais foram agrupadas em 02 categorias construídas no decorrer do processo de análise. A primeira mais relacionada a experiência formativa, intitulada “O curso faz a diferença para a luta política” e a segunda, referente à atuação política dos trabalhadores: “Ação política voltada à transformação societária”. Essas duas categorias foram subdivididas em subcategorias, conforme identificadas pela Tabela 2.

Tabela 2. Categorias e subcategorias temáticas relacionadas aos conteúdos identificados nas entrevistas dos trabalhadores que cursaram o módulo I de formação política sobre ação política. São Paulo, 2022.

Categorias	Subcategorias	n	%
O curso faz a diferença para a luta política	Amplia a visão crítica sobre os temas	11	15%
	Contribui para a vida, para a militância e para atuação política	10	14%
	Faz pensar em mudanças, então agir nessas mudanças	6	8%
	Mobilizou sentir parte de um coletivo, pelos momentos felizes de compartilhamento de teorias e de experiências	5	7%
	Constrói uma rede de relações com pessoas militantes, no qual hoje está na luta juntos	5	7%
	Mais pessoas poderiam ter contato com o curso, fazer para o povão mesmo	4	6%
	Desconstrói esse lugar da educação nesse molde mais tradicional, valorizando a educação mais emancipadora	4	6%
	Dispara a necessidade de compreender e estudar melhor o marxismo e pedagogias críticas	3	4%
	Falta representatividade nos sujeitos que discutem as perspectivas críticas	2	3%
	O espaço protegido, como uma forma de estar em grupos onde poderia discutir	2	3%
TOTAL PARCIAL		52	73%
Ação política voltada à transformação societária	Ação política é a todo momento, não temos fazeres dissociados da política	8	11%
	Ter visão de totalidade para conseguir interpretar e agir no mundo	6	8%
	É existir e resistir, dando vazão a nossa voz e a outras que talvez não estariam sendo ouvidas.	6	8%
TOTAL PARCIAL		20	27%
Total GERAL		72	100%

Fonte: pesquisa direta.

Ao comparar as duas categorias de análise: ‘O curso faz a diferença para a luta política’ (73%) e ‘Ação política voltada à transformação societária’ (27%). Evidencia-se que a ação política é minoritária em detrimento da mobilização da consciência. O que está de acordo com a compreensão de Paulo Freire (1979), quando diz que a educação não modifica o mundo (em sua concretude), ela desperta a consciência das pessoas para transformá-lo.

Em uma análise preliminar das subcategorias, proporcionalmente, pode-se inferir que 63% dos conteúdos foram aspectos apresentados como potencialidades e 9% foram críticas construtivas para ampliar o acesso e a representatividade do curso. Já os 27% dos conteúdos restantes apresentaram assuntos mais relacionados à ação política dos trabalhadores. Entre eles, o mais frequente (11%) foi a percepção de que todas as ações são políticas, portanto, elas podem

mudar ou não a sociedade. Cabe aos trabalhadores serem protagonistas dessa ação política que desejam para o mundo.

Dentro da categoria ‘O curso faz a diferença para a luta política’ foram elencadas 10 subcategorias. Sendo que o conteúdo mais frequente nas percepções desses trabalhadores sobre a mobilização da ação política após a experiência do curso foi a ‘Ampla a visão crítica sobre os temas’ (11UT; 15%). Como se pode observar na seguinte fala:

[...] o que o curso ficou muito marcado pra mim é ter um olhar um pouco mais crítico pelas coisas, sair do olhar apaixonado pra olhar mais crítico e compreender SUS, saúde pública dentro de um Estado capitalista com uma lógica neoliberal, das influências que tudo isso coloca assim, então acho que o curso trouxe muito essa visão, que aí eu levei pros espaços, pra onde eu fui. (T8)

O módulo I dessa formação política deixou sua marca pela criticidade das discussões, aguçando o olhar desses trabalhadores para análises mais críticas sobre a saúde, as políticas públicas, as ações do Estado e a conjuntura política. Foi um curso que contribuiu para desromantizar alguns temas, ampliando seu olhar para outras perspectivas que não haviam sido pensadas anteriormente.

Trazer uma visão menos romântica do campo da saúde pública tem sido um aspecto importante para compreender os desafios da saúde pública. Pois ajuda os trabalhadores a desconstruírem a formação tradicionalmente realizada pela saúde coletiva sobre ‘o político’ e a ampliarem o entendimento de que ‘o político’ na saúde pública não se restringe apenas à execução das políticas públicas. Corrobora, portanto, a melhorar o entendimento de como funciona a política de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) dentro da sociabilidade capitalista (CARNUT *et al.*, 2019b; LOPES *et al.*, 2022).

Uma perspectiva crítica sobre os assuntos discutidos transcende o espaço formativo do curso. Ao passo que esse conhecimento faz sentido para o trabalhador, o curso possibilita que o trabalhador repense sobre como age politicamente na prática do dia a dia, como bem disse a entrevistada:

[...] ter acesso as discussões, os textos [...] as reflexões do curso me fizeram enxergar outros panoramas e outros modelos de concepções de saúde, de práticas de gestão, de tecnologias em saúde de forma geral. E isso me fortaleceu para algumas inquietações que eu sentia [...] eu gostaria de ser uma profissional que tivesse uma prática mais crítica daquilo que eu estou fazendo. Aquilo está servindo a quem? Quem é o paciente que está ali? Como foi o acesso que ele teve? Acho que o curso me mobilizou, me deu uma “fortalecida”, acho que autoestima para dar vazão a minhas inquietações que sozinha, eu achava que era besteira, assim, tipo, ...Era meio tímida ainda em relação àquilo que eu pensava. (T2)

O curso contribuiu para suscitar esses questionamentos sobre sua prática profissional. Embora elas não estivessem ausentes, a experiência formativa do curso fortaleceu seus posicionamentos críticos. O apoio teórico-prático que obteve foi um elemento que estimulou a

expressar com mais veemência suas convicções, sustentando com mais força a profissional que ambiciona ser.

É possível identificar que o conhecimento técnico-político, juntamente com a presença dos militantes e trabalhadores de saúde e da educação, proporcionou que ela pudesse ter uma maior consciência sanitária. Pode ampliar sua interpretação sobre a relação público-privada da saúde, apreender mais sobre a luta dos trabalhadores do SUS (DANTAS, 2018b). Apropriar-se dessa análise crítica permitiu que ela além de ter uma leitura da realidade dos sanitaristas, pudesse repensar suas táticas e estratégias em sua trajetória profissional no campo da saúde.

Contudo, não só pensar sobre a ação política individual, mas também no âmbito da luta coletiva, como aponta a entrevistada:

Acho que só fortalece o caráter coletivo do curso assim, que cada um está lá no seu espaço, naquele trabalho, assim, no popular, bem de formiguinha ali, do cotidiano, mas acho que é... O curso, por todo o arcabouço teórico que ele tem, ele amadurece a nossa formação profissional, nosso caráter político, assim, de entender as nuances, fazer o *link* com o desmonte das políticas públicas, a importância de ler os clássicos também. Acho que vem aí nesse direcionamento da resistência, assim, contra...Não só contra esse desgoverno atual⁴, mas na construção de uma sociedade de fato emancipada, para além dessa exploração do capital sobre o trabalho. (T4)

Portanto, a entrevistada evidencia que a experiência desse curso alinhado com essa matriz teórica crítica ampliou a visão desses trabalhadores, contribuindo para aplicar essa teoria na prática. Ora com ações políticas individuais, ora a partir de lutas coletivas. Um agir político cuja práxis é enfrentar o que está posto, construindo melhores condições de vida e de trabalho e em busca de uma sociedade verdadeiramente livre.

A formação crítica possibilita contestar as relações de poder em toda a sociedade, busca alternativas igualitárias, ainda mais sob ameaça do autoritarismo de direita neoconservador/neoliberal/neofascista que pode ser observado em vários países do mundo (HILL, 2021). Sobretudo no governo fascista de Bolsonaro, que especialmente em relação à saúde, demonstrou descaso ao combate do coronavírus. Expôs o quanto a sociedade fascistizada atacou enfermeiras e enfermeiros que denunciavam as mortes da categoria pela falta de condições de trabalho, agiu contra a ciência, estimulando o uso de medicamentos sem comprovação científica de sua eficácia frente ao tratamento dessa doença (CARNUT; MENDES, 2020).

O recrudescimento do fascismo no Brasil é tão crível, que se revela de forma mais desmascarada, após a derrota democrática de Bolsonaro ao segundo mandato das eleições presidenciais, com ataques à democracia. Quando houve manifestações em todo o país, com

⁴ Refere-se ao governo de Jair Messias Bolsonaro, vigente no Brasil entre os anos de 2018 até 2022.

pedidos de intervenção federal, com o intuito de desfazer o Congresso e o Supremo Tribunal e manter o presidente da república no poder sem a necessidade de uma nova eleição. Em uma dessas manifestações, inclusive, há filmagens das pessoas realizando saudações nazistas, ao som do hino nacional.

Essa ideia dialoga com a segunda subcategoria, que foi ‘Contribui para a vida, para a militância e para atuação política.’ (10 UT, 14%). Relatam o curso como uma proposta completa. Alguns desses apontamentos foram destaques nas falas:

O curso como um todo nessa perspectiva mais conceitual teórica, o curso como um todo. ...mas o grande diferencial do curso para mim foi essas outras vivências para além do teórico. Eu nunca tinha tido experiência com metodologias ativas de aprendizado. Soube que existia isso, a partir do curso de formação. As nossas próprias partes mais culturais também, atrelando sempre a arte⁵ mais crítica. (T7)

[...] eu me lembro de detalhes das discussões, da alimentação, do cuidado que se tinha, então tu ressignificar a alimentação, eu lembro que eu ficava emocionada cada vez que tinha lanche, porque ali era um espaço de nutrição mesmo, então o cuidado com o preparo, a questão da arte estar muito presente no momento, então fez parte da semana de formação, eu acho que bem especial é entender que também faz parte da academia discutir a formação política dos sujeitos. (T8)

Eu acredito que a vivência em si. A troca de experiências foi muito importante para o meu crescimento enquanto militante sindical. (T10)

Embora o curso já tenha ocorrido há um tempo, os trabalhadores demonstraram como as escolhas pedagógicas que incluem a metodologia, a arte, o espaço da alimentação e todas as outras trocas de experiências agregaram na formação política deles de modo construtivo. Pois apresentam conteúdos teóricos e vivências que despertam a consciência política, sendo significativa para haver uma militância mais ativa.

A arte, por exemplo, tem possibilitado a produção de conhecimentos indispensáveis na formação humana. A partir de suas diversas expressões, ela passa a ser uma estratégia para refletir as determinações mais essenciais da vida social concreta. Enquanto um instrumento que reflete o mundo real, ela pode expressar as opressões, os descasos e as injustiças. Portanto, pode ser uma forma de resistência popular e de luta do sujeito revolucionário para promover sua emancipação humana (DIOGENES *et al.*, 2019).

Com relação às discussões sobre a alimentação, faz-se urgente e necessário discutir criticamente sobre o modo de produção e comercialização de alimentos, sobre ações de combate

⁵ Constituiu como atividade pedagógica do curso de formação política um espaço de expressão artística, em que houve uma atriz para representá-la aos cursistas. Segundo Leandro Konder (2013, p.25), “A arte proporciona um conhecimento particular que não pode ser suprido por conhecimentos proporcionados por outros modos diversos de apreensão do real. Se renunciarmos ao conhecimento que a arte – e somente a arte – pode nos proporcionar, mutilamos a nossa compreensão da realidade. E, como a realidade de cuja essência a arte nos dá mais imediata, a renúncia ao desenvolvimento do conhecimento artístico e, por conseguinte, a renúncia ao desenvolvimento do estudo das questões estéticas acarretam a perda de uma dimensão essencial na nossa autoconsciência”.

estrutural à fome, como tem se revelado a produção e distribuição de alimentos produzidos pelos pequenos produtores de agricultura familiar, ou ainda, quais são as formas de doação de alimentos fornecidos pelos movimentos sociais de reforma agrária, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para periferias e comunidades (GUERRA; CARNUT, 2021). Refletir sobre esse tema permite que ações políticas sejam desenvolvidas na direção de uma mudança estrutural que supere essa lógica do capital.

Produzir processos críticos-reflexivos sobre esses temas, assim como proporcionar vivências práticas foi uma das tônicas dessa formação política. Compartilhá-las uns com os outros permitiu trabalhar esses assuntos sob outras linguagens, que foram relevantes tanto para o crescimento individual, quanto para a ação política da militância.

A terceira subcategoria foi ‘Faz pensar em mudanças, então agir nessas mudanças’ (6UT; 8%), em que os trabalhadores conceituam ação política como sendo:

[...] você sair de algo mais individual, assim, desde uma parte educacional, de você se formar, de você entender mais sobre o mundo, como se dão as relações no lugar onde a gente vive, nesse lugar do entendimento, mas também pensar em mudanças, então agir nessas mudanças, é participar de coletivos, tentar fazer reuniões, passeatas, acho que também essas duas coisas. (T1)

[...] é você participar ativamente, [...], mas uma ação mais coletiva, é algo muito caro hoje, é onde a gente possa discutir, pensar, é problematizar e fazer intervenções também que visem mudanças sociais para o bem comum, almejando uma sociedade mais igualitária, menos desigual, que possa ter acesso aos seus direitos e um estado que possa fornecer esse direito, através das políticas todas, então acho que hoje eu tenho entendido isso assim né. (T9)

Para essas trabalhadoras, ação política decorre de uma participação ativa em espaços coletivos, cujo objetivo é agir em prol de mudanças sociais voltadas para o bem comum por uma sociedade mais igualitária, justa e acessível. Para isso, apostam no Estado como sendo uma via para garantir o acesso aos direitos sociais e às políticas públicas. Embora a mobilização popular pela via estatal seja um caminho que abre concessões a direitos e melhores condições de vida das pessoas, é importante ressaltar que suas ações políticas são limitadas quando o objetivo é uma sociedade de fato emancipada.

Isso porque, o Estado possui uma relação intrínseca com a lógica do capital. Nesse sentido, há uma ilusão em torno da ideia de que o Estado é o pilar da produção do interesse coletivo. O Estado se apresenta como companheiro indissociável da produção e circulação de mercadorias. Propõe-se a ser fiador da moeda, garante a confiança dos produtores no resultado de seu trabalho. Em outras palavras, não é um ente neutro, pois ele age para manter a integridade da ordem social vigente (CORREIA, 2015).

Na aparência, o capitalismo faz com que vejamos o Estado como única maneira de expressão da satisfação dos interesses coletivos e, mais, como um agente que eterniza esses

interesses. No entanto, por trás dessa aparência, a riqueza do capitalismo não se expressa nesses moldes, mas pelo valor do trabalho. É importante que os trabalhadores saibam que o valor do trabalho é que compõe a riqueza do capitalismo.

Sendo o Estado um instrumento burguês que protege os interesses de classe e as transações de mercado para permitir a acumulação capitalista, a forma jurídica é fundamental para garantir a forma valor. O direito se torna um elemento funcional à intenção capitalista-burguesa de formar uma sociedade dividida em classes. É este elemento que a priori parece não pertencer a ninguém, pelo contrário, dirige-se a todos, que na essência se revela uma manifestação do procedimento regulatório burguês (AKAMINE *et al.*, 2020). A partir desse entendimento, se o interesse é mudança por uma sociedade emancipada, as ações políticas devem se dirigir a superação das classes. Em que as ações transcendem o ideário reformista do Estado para o sentido de uma práxis revolucionária.

Nessa mesma subcategoria, há um excerto que a trabalhadora descreve especificamente sobre os limites de sua ação política, quando diz:

Tenho as duas vivências. A questão dos movimentos sociais não institucional. [...] E tenho também agora uma outra vivência, que é institucional, que é dentro dos limites que a lei impõe. Então, muitas vezes, a gente quer fazer algumas coisas de cunho político, dentro de uma política pública. E estar no legislativo é muito truncado. Porque apesar da população ter uma ideia geral de que o Legislativo faz lei, a limitação institucional que é dada pela lei, do que o Legislativo pode legislar é muito limitada. [...] A institucionalidade acaba engessando a capacidade de agir, né. A gente quer fazer mais coisa, mas fica engessado no que a Constituição Federal permite, no que a Lei Orgânica do Município permite. Então, eu tenho essas duas vivências, assim. A do Movimento Social parece que a gente pode muita coisa e ao mesmo tempo a gente tem pouca força de atuação, de fazer mudanças e tudo mais. [...] Então, tem essas contradições, né, na verdade. (T6)

A partir de suas vivências, consegue perceber que a mudança societária não será apenas pelo poder Estatal. Contudo, também não significa que ela deve ir somente no sentido antiestatal. É entender que a luta política deve pensar nas formas de relações capitalistas, assim como requer outras formas de relações sociais, o que inclui, o exercício em Conselhos, em Movimentos Sociais... abarca, portanto, frentes estatais e antiestatais. Uma luta por dentro do Estado, por fora e para além.

A quarta e a quinta subcategorias apresentaram 5 unidades temáticas, correspondendo a 7% dos conteúdos no total. A subcategoria ‘Mobilizou sentir parte de um coletivo, pelos momentos felizes de compartilhamento de teorias e de experiências’ pode ser representada pela seguinte fala:

Demais, demais, mobilizou muito, mobilizou para eu me sentir parte novamente de um coletivo, mobilizou pelos momentos felizes de compartilhamento. [...] os encontros com as pessoas, você sentir o afeto com seus pares é muito bom, estar em pares, e principalmente naquele momento que eu estava... (T5)

Essa trabalhadora traz os laços do afeto como sendo táticos e estratégicos para a ação política. É, a partir do acolhimento, da sensação de que aqui é o “meu lugar”, que gera o sentimento de companheirismo na luta. Em um mundo tão adverso para a classe trabalhadora, com inúmeros desmontes, injustiças e dores, espaços de amizade e afeto são imprescindíveis. Muitas vezes, apenas a consciência crítica não é suficiente para mobilizar a luta, o que faz os laços de amizade, identidade de classe, solidariedade, empatia e emoções valores que devem ser levados em consideração para a luta política.

A subcategoria ‘Constrói uma rede de relações com pessoas militantes, no qual hoje está na luta juntos’, complementa a anterior, quando os trabalhadores apontam que a formação política:

[...] além de mobilizar, também me fez construir uma rede de relações com pessoas de uma certa militância também do curso no qual hoje eu tenho relação e que a gente ta na luta juntos (T9)

Eu tenho mantido contato com os profissionais que estiveram comigo naquele curso, conosco naquele curso na realidade, né?! São pessoas que até hoje a gente conversa, tem um debate. [...] E isso tem contribuído de forma significativa e positiva para minha vivência diária (T10)

É esperado que em espaços onde se privilegia o afeto e oferece a sensação de acolhimento, os laços de amizade sejam instituídos. Muitas vezes no trabalho ou na vida, as pessoas que estão no entorno nem sempre estão alinhadas com seus pensamentos ou com sua maneira de enxergar o mundo. Em espaços formativos assim, há um encontro com seus “pares”, com pessoas que também militam pela saúde, por melhores condições de vida.

A partir das trocas, seja pelas discussões, seja pelas outras experiências que o curso oferece, os vínculos são estreitados e as amizades surgem de modo leve. As experiências em comum, assim como as histórias de luta por condições humanas de existência aproximam os trabalhadores entre si, unindo-os por laços de solidariedade de classe (KRUPSKAYA, 2017). Esses contatos não necessariamente se findam com o término do curso. Pelo contrário, permanecem. Sendo reforçados por outros momentos de luta e espaços de militância. Alguns deles, inclusive, passam a fazer parte do cotidiano de algumas delas, como expressaram as falas dos trabalhadores acima.

Como pode ser percebido, as atividades de exercitar o pensamento e favorecer a socialização propostas pelo curso de formação política atravessaram os sentimentos dos trabalhadores. As ações, as relações uns com os outros, os objetos de estudo, o espaço pedagógico está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocados. Esse processo envolveu sentimentos, que abriu portas para as emoções. A expressão delas contribuiu para o aprendizado social, já que são as emoções que guiam primordialmente as

eleições dos encontros entre os sujeitos (LE BRETON, 2009). Nesse sentido, o desencadear das emoções disparado pelo curso teve uma intencionalidade pedagógica de favorecer o adensamento das interações sociais gerando vínculo social, que foi nutrida no decorrer da trajetória pessoal desses trabalhadores.

Diante do curso ter afetado esses trabalhadores de múltiplas formas, consideraram que ele poderia ter um alcance de pessoas ainda maior. Essa ideia resultou na sexta subcategoria ‘Mais pessoas terem contato com o curso em si, fazer pro povão mesmo’, representada pelo excerto:

[...] Eu ficava vendo aquela experiência e no desafio de fazer uma atividade formativa dessas para pessoas comuns, que não conseguem alcançar a leitura por exemplo de textos da densidade que a gente lia, como a gente produziria uma formação política geral assim né para a população e que pudesse impactar. A gente trouxe pessoas que também já estavam sensibilizadas, que também tem um certo, a um alcance intelectual e acadêmico, mas eu não sei se ele caberia pôr em fazer numa comunidade, com os conselheiros de saúde, usuário, que é o que eu gostaria de fazer (risos), que são coisas que eu gostaria de fazer pro povo mesmo, pro povão mesmo. (T9)

A experiência do curso suscitou o desejo dele ser produzido para trabalhadores que se encontram nas comunidades, nos conselhos de saúde, não ser um conteúdo restrito a uma fração dos trabalhadores. Para isso, reconhece que haveria escolhas pedagógicas que deveriam ser repensadas, como por exemplo a seleção dos textos. Ler os textos clássicos marxistas e de outros educadores críticos não é trivial, inclusive nas formações acadêmicas, gerando dificuldade para compreendê-los (GONÇALO CRUZ; DOMINGUEZ, 2019). O que poderia ser um desafio ainda maior para trabalhadores sem o hábito de leituras científicas.

Propagar esse conhecimento crítico é fundamental para haver uma ação política mais ampla. Isso porque não há separação entre “pensar” e “fazer”. Analisar e discutir os problemas relativos ao país constitui por si só um ato político, no qual a forma de ação é ligada à responsabilidade social do intelectual (TRAGTENBERG, 2004). Nesse sentido, ter formações políticas que pautem os problemas sociais, a partir de linguagens mais acessíveis a classe trabalhadora, podem e devem ser pensadas como instrumento de luta política.

Tendo em vista que a educação é um ato político, assim como um ato político é educativo, a sétima subcategoria foi ‘Desconstrói esse lugar da educação nesse molde mais tradicional, valorizando a educação mais emancipadora’ (4UT, 6%), representada pela seguinte fala:

Não em termos de conteúdo, mas em termos de forma, com certeza. Essa questão das práticas mais de sala invertida, de conseguir ouvir melhor as pessoas. Acho que isso foi também um ganho para mim muito grande. De poder desconstruir esse lugar da educação nesse molde mais tradicional, de que tem alguém que fala e alguém que escuta. [...] Porque as pessoas estão quase que vocacionadas e instrumentalizadas para chegar na sala de aula e se sentar e ouvir, como se ela fosse um pote nulo de conhecimento. Então, valorizar aquilo que as pessoas trazem também é materialismo

histórico-dialético. Eu comecei a compreender mais essa relação do próprio método que eu sempre estudei e estive inserida, de uma outra perspectiva, dessa educação mais emancipadora. (T7)

A forma como é ministrado os conteúdos guarda em si as opções políticas que os educadores estabeleceram para dialogar com os educandos/trabalhadores. Assumir uma postura pedagógica mais democrática, horizontalizada, estimula aprender com o educando a falar com ele porque o ouviu, ao mesmo tempo, que ensina o educando a ouvir também, que vai contra uma prática educativa mais autoritária, sob a lógica da obediência (FREIRE, 2016; BIDINOTTO; FAGUNDES, 2020).

A escolha metodológica da sala de aula invertida auxilia na compreensão do conteúdo (BOLELLA; CESARATTI, 2017). Este formato pedagógico favorece a interação dos estudantes, rompendo com a abordagem tradicional da educação, que atua a partir de uma visão mecanicista do ensino-aprendizagem, que culmina pela reprodução do conhecimento. A abordagem utilizada por esse curso de formação política parte do pressuposto que o trabalhador constrói o seu conhecimento. Essa ação pedagógica faz com que ele busque ser um sujeito crítico e reflexivo, capaz de conhecer sua realidade para transformá-la (BEHRENS, 2013).

Uma educação política crítica, como é possível observar nesse curso formação política, contribui para estimular os trabalhadores a lutarem por sua emancipação ideológica de impregnação simbólica proporcionada pela burguesia (MENDES, CARNUT, 2022). Isso porque esse curso desconstrói esse lugar da educação, comunicando seu conhecimento de modo acessível, dialógico e suscitando pensar na própria atuação política do trabalhador. O curso ajuda a pensar em como são reproduzidos os discursos e as práticas que se deseja mudar. Faz refletir sobre os limites e possibilidades das práticas políticas, quando estão esvaziadas de elementos políticos revolucionários, no qual pode ser problematizado caminhos de enfrentamento e resistência.

Além disso, o curso ‘Dispara a necessidade de compreender e estudar melhor o marxismo e pedagogias críticas’ (3UT, 4%), título da oitava subcategoria, expressa pelo excerto:

[...] lá foi um disparador da minha necessidade de compreender e estudar melhor o marxismo, então eu estou sempre fazendo alguma coisa, compra livro e acho que tudo isso começou mesmo na formação política, esse *start* de ‘ok’ para minha militância, eu preciso aprofundar e consolidar melhor esses conceitos e com certeza o curso tem um papel bem importante. (T8)

Há uma intencionalidade dessa trabalhadora em continuar os estudos críticos após o curso, do qual ela concretizou quando adquiriu livros e passou a aprofundar seus conhecimentos teóricos alinhados com a matriz marxista.

Um militante ativo e sério deve estudar muito, pois assim ele poderá compreender o que está acontecendo em sua volta, entender o funcionamento do sistema existente, estudar as leis de desenvolvimento da sociedade humana, conhecer a história das formas econômicas, o desenvolvimento da propriedade, a divisão do Estado, entender pelo ordenamento do real, como é determinada a ordem social vigente (KRUPSKAYA, 2017). Isso porque a teoria e a prática revolucionária são indissociáveis.

Com base nessa premissa, sua formação política deve ser orientada para superar o modo de produção capitalista. Por isso, estudar os fundamentos histórico-práticos da politecnicidade, ou ainda, da pedagogia histórico-crítica. Por isso, que se deve apreender o debate contemporâneo a luz de pedagogias críticas socialistas, Freirianas e de Movimentos, além de incorporar leituras de intérpretes da formação social de países latino-americanos.

A nona subcategoria se refere a ‘Falta representatividade nos sujeitos que estavam discutindo as perspectivas críticas’ (2UT; 3%), pautada pela trabalhadora pelo excerto:

[...] no curso eu senti falta de representatividade nessas questões de raça/cor, tal como essas questões de gênero, pensando no sujeito de quem estava discutindo. Pelo menos na minha memória, que eu puxei aqui, a maioria das discussões eram questionadas e lideradas por homens, né?! Então, eu acho que eu senti muita...tal como o gênero, quando eu olho para a perspectiva de raça/cor no curso, eu senti falta também...eu acho que tinha só uma mulher, mas agora não me vem o nome. (T2)

Embora sejam conhecimentos fundamentais para a vida, a voz de quem os ecoa predomina de homens brancos. Essa categoria traz ao debate a necessidade de ocupar esses lugares de fala mulheres, negros, os mais variados gêneros... Quem emana o discurso inspira e torna referência, por essa razão é importante que formações como esta suscitem a representatividade como uma ação política.

A exclusão sistemática de alguns grupos de trabalhadores na esfera da ação política mantém uma condição de sub-representação e de marginalidade no debate político. A mulher negra, de todos os segmentos sociais marginalizados, é uma das que mais sente essa ausência de referência nos espaços institucionais de poder. Falar de representatividade é falar de uma vida de luta política para ocupar todos os espaços (SILVA; SILVA, 2019), sendo um deles o lugar de quem está no papel de facilitador/moderador, como menciona essa trabalhadora.

A assimetria social associada à raça/cor, classe, gênero e origem regional faz com que haja a necessidade de incorporar uma perspectiva interseccional em análises histórico-críticas da formação social brasileira. Em que considere o racismo e o sexismo observado nas relações de produção hierarquizantes e hierarquizadas. Compreender a forma sistemática de discriminação que tem a raça como elemento central, auxilia o entendimento de como as ações

conscientes e/ou inconscientes se deságuam em assimetrias e em privilégios a depender do grupo social a que se identificam (ALMEIDA, 2018; SANTOS; SILVA, 2022).

Em que pese que seja essencial ter, por exemplo, mulheres negras em posições de liderança em cursos de formação política crítica, é preciso avaliar se elas apresentam o desenvolvimento de uma argumentação teórico-política crítica madura para ocupar esses espaços. Apenas a vivência em situações de opressão, que já é de suma importância, não necessariamente contribui na reflexão teórico-crítica fundamentada para o exercício desse papel social. A prioridade deve se assentar na ideia de garantir lideranças políticas que problematizem essa questão social, que suscite caminhos para liberdade. Se for mulheres negras alinhadas com essa perspectiva teórico-crítica será um ganho para todos.

Por fim, a décima subcategoria trouxe à tona ‘O espaço protegido, como uma forma de estar em grupos onde poderia discutir’ (2UT, 3%), apontado na fala desse trabalhador:

Era um espaço de bastante proteção, um espaço protegido. Que eu acho que, hoje em dia, eu não sei se eu não estou nesses espaços, né, com tanta frequência, mas era um espaço que produzia isso, essa coisa da continuidade, do segmento, de ir para cima de uma maneira mesmo interessante. (T3)

Por vezes, expor seus pensamentos e posicionamentos políticos podem gerar represálias, ser coibidos por diferentes formas, o que gera medo. Não à toa, a história alerta o quanto o uso indiscriminado da força da violência pelo Estado reprimiu e continua sendo usada como um recurso de opressão. Dessa forma, é preciso cautela da classe trabalhadora, saber quais as batalhas que deseja confrontar e entender que a luta não é individual, mas coletiva. Em virtude disso, ter espaços protegidos de fala são significativos. É onde se pode verdadeiramente se expressar de forma livre.

Um espaço pedagógico protegido de fala e de escuta do coletivo zela pelo protagonismo de cada um dos participantes. Constitui um ambiente em que eles podem se sentir acolhidos para poder pensar, falar e problematizar coletivamente sobre todos os assuntos que desejarem (SILVA; RONSONI, 2022). Nesse sentido, esse ambiente permite que as incompreensões, as dúvidas e os erros sejam diluídos em grupo, portanto, se tornem constitutivos do processo de ensino-aprendizagem. Esses momentos nem sempre acontecem no movimento dialético da realidade concreta. Portanto, essa experiência pode ser considerada uma inspiração, pois procura criar cenários de aprendizagem que privilegiam a autonomia e a reflexão crítica de seus participantes.

Neste momento, a discussão se volta para a segunda categoria ‘Ação política voltada à transformação societária’, cuja primeira subcategoria foi a ‘Ação política é a todo momento, não temos fazeres dissociados da política’ (8 UT, 11%), presente na proposição:

Tudo que você faz é política, assim, desde criar um filho, a forma como você escolhe, né, se você vai ir para uma educação mais violenta ou por uma educação respeitosa, né. O ser humano que você está formando dentro de casa. Quando você atua na educação, né, o que você vai levar para os alunos de base, assim, né. Tem autores que são é... latino-americanos, que tem outra visão de mundo. O material que você escolhe para trabalhar com os alunos, [...] tudo que a gente faz na vida é política. Até alimentação é política. É tudo política, não tem o que não seja. (T6)

Essa trabalhadora nos faz refletir sobre a ação política como cada escolha que tomamos na vida, desde o modo que educamos uma criança, a seleção de materiais para formar as pessoas, o que nos alimentamos...assim por diante. A formação humana está entrelaçada com as atitudes políticas realizadas no dia a dia, que estão imbricadas com nossos valores, signos, crenças e cultura. Conseqüentemente, elas serão expressas na maneira que educamos uns aos outros. Em que pode ser uma forma mais autoritária, opressora ou mais democrática, dialógica. Pode refletir os preconceitos raciais, de gênero, sexuais, religiosos ou considerá-los tabus que não podem ser problematizados em espaços sociais como escolas ou em casa. Portanto, podem ser formas de ações de confronto de ideias ou impregnadas por posturas mais conservadoras, que desejam manter as estruturas sociais historicamente construídas.

Nesse sentido, as formas de ação política são manifestações que podem perturbar o status quo, confrontando ideias, tradições, comportamentos, outros modos de fazer, sentir e dizer. Por essa razão, há um repertório diverso de práticas políticas que podem culminar em ações individuais ou coletivas. Organizados por movimentos partidários ou por grupos não institucionalizados.

Trata-se de ações políticas que podem ser ‘expressivas’, quando recorrem a performances artísticas, com o uso de fantasias, máscaras, bonecos gigantes, cartazes. O que inclui, criação de conteúdos de cultura musical e de mídia para protestar. Ações ‘de confronto’ marcadas por ocupações em espaços públicos, como por exemplo mobilizações estudantis em escolas/ universidades. Ou ainda, ações ‘violentas’ que constituem formas de ação contra a propriedade pública ou privada ou geridas por um confronto direto por pessoas em manifestações públicas. A violência eclode como atos de protesto. Porém, geram um rompimento entre os cidadãos e os atores mobilizados. Sendo rejeitados pela opinião popular (SANDOVAL, 2020).

Na sequência, a subcategoria mais frequente foi ‘Ter uma visão de totalidade para conseguir interpretar e agir no mundo’, expressa pelo excerto:

[...] você precisa ter uma visão de totalidade para conseguir interpretar o mundo, sua vida até sua carreira docente também, então muita coisa marcou, quando você se dá conta de que é uma peça num todo e que esse todo só vai funcionar junto. Esse todo não vai rodar, se essa peça, eu, enquanto trabalhadora, não fizer minha parte. (T5)

A visão de como interpretar e agir no mundo é fruto do modo que se percebe as experiências prévias, os valores, as crenças e o registro das memórias e da história pregressa. Portanto, é construída a partir de um processo crítico-reflexivo sobre a concepção de mundo e sua interpretação dele. Acessar a visão totalizante marxista contribui para unificar a classe trabalhadora, ao passo que permite reflexões integradoras sobre os diferentes aspectos constitutivos da vida social (CARNUT *et al.*, 2019a). Essa visão vai de encontro com a concepção de mundo capitalista, que divide a sociedade em classes, fragmentando os iguais, fazendo-os pensar que são diferentes entre si. Nesse ínterim, aqueles que almejam transformar sua realidade, devem alçar uma práxis revolucionária, que deseje superar essa lógica hegemônica.

Para concluir, a última subcategoria foi ‘É existir e resistir, dando vazão a nossa voz e a outras vozes que talvez não estariam sendo ouvidas’, contida no excerto:

Ação política não está só com uma questão de militância, sabe. Eu acho que a gente é político também nos espaços que a gente existe e (re)xiste. Então, eu acho uma ação política a gente como mulher, estar galgando espaços de poder em diferentes espaços/ organizações de saúde ou não. Dar vazão a nossa voz, mesmo com a síndrome da impostora⁶, mesmo com a ansiedade, mesmo sem espaços. Eu considero isso uma ação política. Acho que as nossas formas de ser, assim. Se a gente pegar nessa perspectiva de ser a gente, nessas perspectivas mais identitárias, então, o fato de você ter uma origem humilde e você utilizar isso para se conectar com as pessoas dentro de uma lógica na saúde ou não, enfim. Eu considero ação política a gente existir e (re)existir. É para além da militância, que eu acho muito importante, mas para mim ação política é você existir, é isso. (T2)

Essa trabalhadora traz a ideia de um agir político para se impor enquanto um ser social e político que luta para existir e (re)existir (SILVA; SILVA, 2019). Enxerga-se como um ser político com potencialidade de ocupar os diferentes espaços de poder social. Entretanto, conquistar esses lugares não é uma tarefa fácil, pelo contrário exige lidar com sentimentos de medo, insegurança, ansiedade – lutas individuais e militar por lutas mais identitárias de raça, de gênero, de classe – lutas coletivas. Travar essas lutas políticas significa dar voz a seus posicionamentos, como também de outras pessoas que não tiveram o mesmo acesso. Portanto é uma responsabilidade, que inclusive põe em risco a sua própria vida, uma vez que disputa o poder político e busca por processos emancipatórios.

Em suma, a ação política dos trabalhadores pós-curso acontece a todo momento, a partir de todas as escolhas que fazem ao longo do dia. São expressas pelos seus valores, pela seleção de leituras, em suas opiniões sobre os mais diversos assuntos que são inerentes à vida.

⁶ Síndrome da impostora é caracterizada por pensamentos que reforçam a perda de confiança em si. Em que há uma percepção de incompetência ou insuficiência. São pessoas que tendem ser perfeccionistas, como não alcançam, enxergam-se como ‘impostores’. Sentindo a sensação de fracasso ou decepção.

Acontecem no cotidiano do trabalho, como também em ações mais organizadas em partidos, sindicatos, movimentos sociais, coletivos. Por meios institucionais pela universidade/Legislativo e não institucionais. São ações que se constroem nos espaços que os trabalhadores ocupam, resistindo e existindo. Atravessam suas vidas por meios tangíveis e intangíveis em um movimento dialético pautadas a partir da perspectiva histórico crítica de sua realidade concreta.

Ao passo que os trabalhadores entendem o contexto que estão inseridos nessa conjuntura política atual, apreendem também sobre os limites e potencialidades de sua luta política. Levam em conta quais são os riscos, bem como avaliam suas táticas e estratégias para arregimentar forças para alcançar as mudanças que ambicionam para transformar a sociedade. Sabem que suas ações podem determinar mudanças estruturais, por isso reforçam a importância de espaços formativos como processos valiosos para enfrentar os desafios de saúde pública.

Com relação aos limites do método e achados desse artigo, é possível afirmar que o fato das entrevistas terem sido realizadas a distância contribuiu para que os trabalhadores fossem encontrados com facilidade, promovendo registros de diferentes regiões do país. Contudo, encontros presenciais poderiam suscitar outros contornos de subjetividade. Ainda com relação aos trabalhadores entrevistados, a pesquisadora apresenta um vínculo relacional com alguns deles de outros espaços de luta política. Esses laços afetivos podem ter favorecido para romper potenciais barreiras de contato, corroborando para emergir falas provocadas não só pelas perguntas disparadoras, como também produzidas por essa relação de afeto. Suas respostas orientaram a direção dessa pesquisa, de modo que poderia haver diferentes percepções se fossem outras pessoas entrevistadas ou outra pesquisadora.

Além disso, essa pesquisa corrobora com outros estudos de que mudanças na ação política dos trabalhadores de saúde após uma experiência de formação política crítica são possíveis. Sugerem caminhos, dialogam com seus pares, faz com que se elucide como as escolhas pedagógicas dessa formação (re)significaram seus conceitos, interferindo na direção de sua práxis. A partir de suas memórias, foi possível analisar seu lócus de ação concreta, entendendo como elas veem acontecendo e como poderiam acontecer em futuras propostas de formação política crítica.

6.3.4 Considerações finais

A experiência da formação política da APSP/CFP contribuiu para mobilizar mudanças na ação política dos trabalhadores de saúde, ao passo que foi um curso valorizado por diferentes razões. Ele deixa sua marca pela criticidade das discussões, amplia o olhar crítico para as

políticas públicas, as ações do Estado, a conjuntura política. Fortalece posicionamentos políticos para uma prática mais aguerrida em defesa de um Sistema Público de Saúde gratuito e de qualidade, que apresente uma perspectiva de ação mais revolucionária.

Com relação as trocas teóricas e de vivências práticas, esse curso transcende espaço-tempo. Pois, sentiram-se afetados pelas expressões artísticas, pelo momento de ressignificação política que foi o espaço da alimentação, pelas discussões... Esses elementos pedagógicos favoreceram uma relação de vínculo com os demais trabalhadores. Elos de amizade que se estendem até os dias de hoje. Portanto, estimulou a construção de uma rede de relações que se revelou ser tática e estratégica, pois contribui para enfrentamentos de luta em outros espaços de militância.

O formato metodológico por ser baseado numa construção coletiva de aprendizagem, permitiu trabalhar conteúdos críticos, a partir da sala de aula invertida. Essa práxis educativa além de desconstruir formatos tradicionais de expor os conteúdos, corroborou para despertar o interesse deles para estudos sobre o método, a matriz teórica marxista e pedagogias críticas. Ainda assim, não foi uma experiência que teve representatividade de frações sociais marginalizadas em espaços de referência de conhecimento intelectual. Ocupar esse lugar de fala permanece sendo uma ação política que deve ser suscitada. Por fim, o curso contribui para haver um espaço protegido onde se pode discutir política livremente, sem censuras ou represálias.

Trazem a percepção de que as escolhas diárias demarcam uma posição política. Portanto, tudo é política, desde a forma como se educa uma criança até uma ação mais combativa, de discutir a luta em grupos políticos, participar de passeatas, movimentos ou entrar em partidos políticos. Perpassa ter uma visão totalizante de como é o mundo e sob quais formas de agir se transforma a realidade concreta. Significa ter coragem para existir e (re)existir por determinada causa, pois ela que dá sentido à vida, e pode representar o protagonismo político da luta de muitos que não estão sendo ouvidos.

6.3.5 Referências Bibliográficas

- AKAMINE, O. J *et al.* **Léxico Pachukaniano**. Marília: Lutas Anticapital, 2020. 272p.
- ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, Georg. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. 8a Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.189-217.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 120p.
- BEHRING, E.R.; BOSCHETTI, I. **Política Social: fundamentos e história**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 213 p.
- BIDINOTTO, T.S.; FAGUNDES, M.C.V. Reflexões sobre o ato educativo emancipatório a partir das obras de Paulo Freire –professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar e pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 5, p.24511-24522, maio. 2020.
- BOLELLA, V.R.; CESARATTI, M.L.R. Sala de aula invertida na educação para as profissões de saúde: conceitos essenciais para a prática. **Rev. Eletr. Farm.**, v. 14, n. 1, p.39-48, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, DF, 24 fev. 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 08 de jun. 2021.
- BULGARELI, J. V. *et al.* Produção de novos significados políticos na formação crítica de trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Fortaleza (CE), ano 8, n. 10, p.106-119, out. 2018.
- CARNUT, L. *et al.* Teoria política marxista e saúde coletiva: percepção de trabalhadores em um processo de (de)formação crítica. **Revista Lusófona de Educação**, v. 44, p.99-115, 2019a.
- CARNUT, L. *et al.* “Passei a entender a influência do capital na saúde pública...”: formação política crítica dos trabalhadores do sistema único de saúde. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 1, p.182-192, abr. 2019b.
- CARNUT, L. Marxist Critical Systematic Review on Neo-Fascism and International Capital: Diffuse Networks, Capitalist Decadence and Culture War. **Advances in Applied Sociology (online)**, v. 12, p.227-262, 2022.
- CARNUT, L.; MENDES, A. Crise do capital, estado e neofascismo: Bolsonaro, saúde pública e atenção primária. **Revista da sociedade brasileira de economia política**, v. 57, set.–dez. 2020.

CORREIA, M. O. G. Por uma crítica imanente sobre os limites das políticas públicas de direitos sociais e o Estado na produção do bem comum no modo de produção capitalista. **Saúde soc**, v. 24, n. 1, abr.-jun., 2015.

DANTAS, A. V. Saúde e luta de classes: em busca do quê e como fazer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p.1715-1716, 2018a.

DANTAS, A. V. Saúde, luta de classes e o ‘fantasma’ da Reforma Sanitária Brasileira: apontamentos para sua história e crítica. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. especial 3, p. 145-157, nov. 2018b.

DEMIER, Felipe. **Da ditadura bonapartista à democracia blindada**. In: MATTOS, Marcelo B. (Org.) Estado e formas de dominação no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência Editoras, 2017. Cap.3, p.67-101.

DIÓGENES, L. A. S.; RABELO, J. J.; RIO, C. P. O. A arte como estratégia de luta para a emancipação humana. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, v. 9, p.190-203, 2019.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12.^aed. Tradução: Moacir Gadotti & Lilian Lopes Martin. 12.^aed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à práticas educativa**. 47.^a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, P. **Professora Sim; Tia Não; Cartas a quem ousa ensinar**. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 42p.

GONÇALO CRUZ, M. M. N.; DOMINGUEZ, C. With a little help from my peers: professional development of higher education teachers to teach critical thinking. **Revista Lusófona de Educação**, v. 44, p.141-157, 2019. doi: 10.24140/issn.1645-7250.rle44.09

GOUVEA, M. M. *et al.* Dependência e marxismo: história, teoria e práxis revolucionária. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 1, p.01-17, abr. 2022.

GRAMSCI, A. **Discorso agli anarchici** (L'Ordine Nuovo, 3-10 aprile 1920, I, n.43) (tratto da raccolta L'Ordine Nuovo 1919-1920, ed. Einaudi pag. 396-401). Disponível em: <http://www.nuovopci.it/classic/gramsci/dianarc.htm>. Acesso em: 26 Set. 2022.

GUERRA, L. D. S.; CARNUT, L. O capitalismo também mata pela boca alimentação e crítica marxista. Desafios contemporâneos para a luta contra a fome. **Crítica revolucionária - Revolutionary Criticism**, v. 1, p. 1-27, 2021. https://doi.org/10.14295/2764-4979-RC_CR.v1-e002.

HILL, D. Neo-fascismo, Capitalismo e Educadores Marxistas. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 3, e117660, 2021.

KONDER, L. **Os Marxistas e a arte**. 2.^a ed., 2013.

KRUPSKAYA, N. **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 344p.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções / David Le Breton: tradução de Luís Alberto Salton Peretti – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOPES, T. T. V. *et al.* “Nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional...”: percepção dos trabalhadores da saúde pública brasileira sobre sua formação política crítica. **Revista Educación, Política y Sociedad**, v. 7, n. 1, p.146-167, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.15366/rebs2022.7.1.006>>

MARINI, R. M. A luta pela democracia na América Latina. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 1, p.646-657, abr. 2022.

MENDES, A. *et al.* Análise crítica sobre a implantação do novo modelo de alocação dos recursos federais para atenção primária à saúde: operacionalismo e improvisos. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro-RJ. v. 38, n. 2. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00164621>

MENDES, S. J.; CARNUT, L. Educação política em freire e a crítica marxista: reflexões teórico-históricas. **Crítica Revolucionária - Revolutionary Criticism**, 2, e004, 2022.

PELOSO, R. **Trabalho de base**: seleção de roteiros selecionados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RODRIGUES, G. G.; BICALHO, R. O sujeito histórico e a filosofia da práxis: a contribuição de Gramsci para o processo revolucionário. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 1, p.635-645, abr. 2022.

SANDOVAL, J. El repertorio de acción política em el ciclo de movilizaciones estudiantiles chilenas. **Revista de Estudios Sociales**. v. 72, p.86-98, 2020. <https://doi.org/10.7440/res72.2020.07>

SANTOS, F. B.; SILVA, S. L. B. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19. **Rev. Direito e Práx.**, v. 13, n. 3, jul-set, 2022.

SILVA, P. E.; RONSONI, E. A. Educação Popular em Saúde e a promoção de reabilitação psicossocial: relato de experiência em um CAPS AD. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 21, n. 2, p.309-326, maio-ago. 2022.

SILVA, A. F. L.; SILVA, G. M. B. “Falando a voz dos nossos desejos”: os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**, Rio Grande, v. 3, n. 1, p.42-56, jan.-jun. 2019.

TRAGTENBERG, M. **A delinquência acadêmica**. In: _____. Sobre educação, política e sindicalismo. 3a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das dimensões da formação do ser social está relacionada com sua formação política. O ato de aprender implica um esforço permanente de sucessivas aproximações e distanciamentos com os assuntos de interesse. Ao identificar o curso de formação política em saúde como uma estratégia para abordar criticamente os conceitos da economia política sob uma perspectiva teórica marxista, houve a necessidade de avaliar como aconteceu esse processo de ensino-aprendizagem. Assim como avaliar as percepções dos trabalhadores que cursaram esse curso para entender como essa experiência contribuiu com a ação política na sua realidade.

Com relação a perspectiva teórica utilizada, observou-se que ela contribui para desenvolver a consciência crítica revolucionária. Os pressupostos teórico-filosóficos e metodológicos auxiliam na compreensão das complexidades da sociedade em que vivemos. Apropriar-se de fundamentos como o materialismo histórico-dialético, a pedagogia histórico-crítica, os ideários histórico-práticos da politecnicidade, a pedagogia freiriana, de movimentos ou ainda das interpretações sobre a formação social de países latino-americanos, ampliam as análises dos trabalhadores sobre seus problemas conjunturais. De modo que passam a apresentar um alinhamento pedagógico para a luta política.

Sob a influência desses referenciais de base marxista, o caminho didático para mediar esse conhecimento com os trabalhadores foi construído por um conjunto de decisões. Essas escolhas pedagógicas orientaram tanto aquilo que foi ensinado, como também aquilo que foi apreendido pelos trabalhadores. A partir dessa experiência puderam perceber se acompanharam o curso dando o máximo de si, refletiram sobre o seu papel social e profissional, (re)significaram a experiência ao identificarem os pontos que mais gostaram e os que poderiam melhorar. Sem deixar de revelar o que sentiram dificuldade, entendendo que elas fizeram parte do processo de aprendizagem.

Após vivenciarem esse processo formativo, compreenderam que o curso de formação política contribuiu para mobilizar mudanças na ação política deles. A visão crítica do curso, assim como outros aspectos teórico-práticos foram valorados como expressões que marcaram sua atuação política. Destacaram como ações políticas: todas as escolhas do cotidiano, a visão totalizante da sociedade e o agir político como um ato de existência e resistência.

Portanto, esse processo de ensino-aprendizagem baseado na perspectiva teórica marxista possibilitou que esses trabalhadores fossem afetados em sua formação enquanto ser social. A partir do despertar de consciência de classe, aproximaram-se da teoria revolucionária e de seus companheiros de luta. Aprender essa visão permitiu expressassem esses

conhecimentos por diversas formas de ação política. Transformaram-se em trabalhadores que reconhecem seu protagonismo político-social na história da luta de classes. Aprendem com ela e se reinventam a partir dela com vista de alcançar sua emancipação humana.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, Georg. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.189-217.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 120p.

BEZERRA, C. S. *et al.* A parceria UFJF / Escola Nacional Florestan Fernandes – MST: A experiência e a produção de conhecimentos do curso de especialização em estudos Latino Americanos. **Libertas**, Juiz de Fora, edição especial, p.1 -23, 2007.

BOGO. A. (Org) **Teoria da organização política III**: escritos de Sun Tzu, Maquiavel, Clausewitz, Trotsky, Giap, Fidel Castro, Carlos Fonseca, Florestan Fernandes / Ademar Bogo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 440p

BOLELLA, V. R.; CESARATTI, M. L. R. Sala de aula invertida na educação para as profissões de saúde: conceitos essenciais para a prática. **Rev. Eletr. Farm.**, v. 14, n. 1, p. 39-48, 2017.

BRAGA, J. C; GOES DE PAULA, S. Saúde e Previdência: estudos de política social. In: BRAGA, J. C; GOES DE PAULA, S. **Capitalismo e pensamento econômico**: a questão da saúde. São Paulo: Hucitec, 1981. p.1-40.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, DF, 24 fev. 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 08 de jun. 2021.

BULGARELI, J. V. *et al.* Produção de novos significados políticos na formação crítica de trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. v. 8, n.10, p. 106-119. 2018.

CAMPUS E COMUNIDADE. Projeto de extensão “Curso de Formação Política” começa neste sábado. **Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF**, Juiz de Fora, 16 de mar. 2018. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/03/16/projeto-de-extensao-curso-de-formacao-politica-comeca-neste-sabado/>. Acesso em: 21 de abr. 2020.

CARNUT, L. *et al.* 'Passei a entender a influência do capital na saúde pública...': formação política crítica dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 11, p. 182-192, 2019b.

CARNUT, L. *et al.* Teoria política marxista e saúde coletiva: percepção de trabalhadores em um processo de (de)formação crítica. **Revista Lusófona de Educação**, v. 44, p. 99-115, 2019a.

CARNUT, L. *et al.* Sistematização de experiências como método para elaborar a crítica política. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 8, n. 16, p. 01-19, abr. 2020.

CENTRO DE CIDADANIA DA PRAIA VERMELHA: Curso de extensão: Formação Política – 2018.2. **Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Ementa-Formao-Poltica-1.pdf> Acesso em: 23 de maio. 2020.

CICLO NACIONAL DE FORMAÇÃO: teoria revolucionária para uma prática revolucionária. **Revolução Brasileira**, 2020. Disponível em: <https://revolucaobrasileira.org/formacao/> Acesso em: 15 de mar. 2020.

CLACSO. Diploma Superior en Formación Política. **Consejo Latino-Americano de Ciencias Sociales - CLACSO**, Argentina, jun - ago. 2021. Disponível em: <https://www.clacso.org/diploma-superior-en-formacion-politica/> Acesso em 04 de nov. 2022.

CLASSE ESQUERDA. Conheça nossos cursos. **Classe Esquerda**, 2020. Disponível em: <https://classeesquerda.com/cursos>. Acesso em: 25 de maio, 2020.

CORREIA, M. O. G. Por uma crítica imanente sobre os limites das políticas públicas de direitos sociais e o Estado na produção do bem comum no modo de produção capitalista. **Saúde soc**, v. 24, n. 1, abr.-jun., 2015.

COSTA, L. Curso de Realidade Brasileira chega pela primeira vez a Guarulhos. **Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 15 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/15/curso-online-gratuito-e-oportunidade-para-entender-revolucoes-latino-americanas>. Acesso em: 22 de set. 2020.

CURSO DE FORMAÇÃO DO PCB. Introdução ao Pensamento de Marx. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PATV-Vt0pKQ>. Acesso em: 28 de jun. 2020.

DAVID, H. M. S. L. *et al.* Curso para formação histórico-política na graduação em saúde: análise de uma construção partilhada. **Rev. Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 17, 2019.

ELAHP. Curso Online - 50 anos do triunfo da Unidade Popular chilena. **Escuela Latinoamericana de Historia y Política**, 26 de ago. 2020. Disponível em: <https://elahp.com.br/curso-livre-50-anos-do-triunfo-da-unidade-popular-chilena/>. Acesso em: 25 de set. 2020.

ENGELS, F. Introdução. *In*: Marx, K. **A Guerra Civil na França**. (p.187-198). São Paulo: Boitempo, 2011, p.187-198.

ESCOLA MARXISTA. 5ª Escola Marxista. **PCO**, set-nov. 2021. Disponível em: <https://escolamarxista.pco.org.br/>. Acesso em: 12 de nov. 2022.

ESQUERDA MARXISTA. Universidade Marxista Brasil. **Corrente Marxista Internacional**, 13 de ago. 2020. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/universidadebr>. Acesso em: 18 de maio 2020.

FERNANDES, R. S. et al. Potencialidades da Educação Popular em tempos de pandemia da Covid-19 na Atenção Primária à Saúde no Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, 2022.

FJM. Categoria: Formação Política. **Fundação João Mangabeira**, Brasília, 09 de maio. 2011. Disponível em: <http://www.fjmangabeira.org.br/category/formacao-politica/>. Acesso em: 18 de maio 2020.

FLCMF. Plataforma de cursos / Formação política: curso I Curso Marx. **Fundação Lauro Campos e Marielle Franco - FLCMF**, 2020. Disponível em: <https://www.laurocampos.org.br/curso/>. Acesso em: 22 de jun. 2020.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio: Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HARNECKER, M. **Estratégia e Tática**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021. 128p.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Movimento Consulta Popular: das origens à formação de uma organização política. Entrevista especial com Ricardo Gebrim. **Revista IHU ON-LINE**, 2007. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/8819-movimento-consulta-popular-das-origens-a-formacao-de-uma-organizacao-politica-entrevista-especial-com-ricardo-gebrin>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LEMOS, Lis. Ciclo de palestras para formação política e cidadã promove primeiro encontro em 30 de abril. **Grupo PET/ Conexões de Saberes da UFPB**, João Pessoa-PB, 24 de abr. 2018. Disponível em: <http://www.ufpb.br/antigo/content/ciclo-de-palestras-para-forma%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-e-cidad%C3%A3-promove-primeiro-encontro-em-30-de-abril>. Acesso em: 22 de jun. 2020.

LOPES, T. T. V. *et al.* “Nos faz refletir sobre o nosso papel social e profissional...”: percepção dos trabalhadores da saúde pública brasileira sobre sua formação política crítica. **Revista Educación, Política y Sociedad**, v. 7, n. 1, p.146-167, 2022. <https://doi.org/10.15366/rep2022.7.1.006>

MANOEL, J. A formação política e o caminho ao marxismo - parte 1. **YouTube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ajdc8ukMtdA> Acesso em: 25 de maio, 2020.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro Primeiro. Tradução: Barbosa R, Kothe FR. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural; 1985. V.2. Tomo 1 (Os Economistas).

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

- MASCARO, A. L. B. **Estado e forma política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MENDES, A.; CARNUT, L. Crise do capital, Estado e neofascismo: Bolsonaro, saúde pública e atenção primária. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 57, p. 174-210, 2020.
- MENDES, S. J.; CARNUT, L. Educação política em freire e a crítica marxista: reflexões teórico-históricas. **Crítica Revolucionária**, v. 2, n. 4, 2022.
- MENDES; A. N. **Tempos turbulentos na saúde pública brasileira: impasses do financiamento no capitalismo financeirizado**. São Paulo: Hucitec, 2012.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo-SP: Boitempo, 2008.
- MITRE, S. M. *et al.* Metodologias ativas na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl 2, p. 2133-2144, 2008.
- MONTEIRO, J. Que a universidade se pinte de povo. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 129, p. 265-284, 2017.
- MST. Organização e trabalho de base. **O Caderno de Formação nº 39**. Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 1. ed., dez 2015.
- MÜLLER, M. L. **Exposição e Método Dialético em “O Capital” Boletim Seaf**. Belo Horizonte, v. 2, p. 17-41, 1982.
- NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NUESTRA AMÉRICA. O Curso Nuestra América – Revoluções. **Nuestra América**, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/nuestraamerica>. Acesso em: 22 de set. 2020.
- OLIVEIRA, E. *et al.* Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.
- PCO. Formação Política Marxista é na 42ª Universidade de Férias do PCO. **PCO**, 26 de jun. 2018. Disponível em: < <https://pco.org.br/2018/06/26/formacao-politica-marxista-e-na-42a-universidade-de-ferias-do-pco/> > Acesso em: 25 de out. 2020.
- PELOSO, R. *et al.* **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- PEREIRA, N. M. Vivência de extensão em formação política pela sétima arte: o cinema como possibilidade de mobilização para aprendizagens. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.164-172, jan./jun 2018.
- PERRUSO, Marco A. Pedagogia freireana e marxismo: a formação política na Via Campesina Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2017.
- PREVITALI, F. S. **Formação política pela sétima arte**: o cinema como prática pedagógica e de cidadania. *In*: Previtali, F. S.; Guimarães, E. da F.; Soares, E. G.; Andrade, J. (Org.). **A Formação política pela sétima arte: o cinema como prática pedagógica e de cidadania**. 1ed.Uberlândia: Navegando Editores, 2019, v. 1, p. 15-24

PSOL CARIOCA. Verão da formação: Marxismo – o resumo de três aulas em vídeo. **Núcleo de Formação do PSOL Carioca**, Rio de Janeiro, fev. 2019. Disponível em: <https://psolcarioca.com.br/2020/01/27/verao-da-formacao-o-resumo-de-tres-aulas-em-video/>. Acesso em: 25 de março, 2020.

PSTU. Formação Marxista. **Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado - PSTU**, 2020. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/formacao/#1587138589425-9ef266f9-a915>. Acesso em: 25 de out., 2020.

REGA BRASIL. Formação Política. **Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil - REGA Brasil**, 13 de out. 2018. Disponível em: <https://regabrasil.wordpress.com/2018/10/13/formacao-politica/>. Acesso em: 22 de jun. 2020.

REVOLUÇÃO BRASILEIRA: apresentação. **Revolução Brasileira**, 2020. Disponível em: <https://revolucaobrasileira.org/11/02/2019/revolucao-brasileira-apresentacao/>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

RODRIGUES, J. P.; SOUSA, C. J. A pedagogia histórico-crítica e o desenvolvimento emancipatório da subjetividade humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0674-0687, mar. 2022.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. 160 p. ISBN 978-85-7496-324-2.

SAVIANI, D. O legado de Karl Marx para a educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 72-83, mai. 2018.

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO PCB. Programa Nacional de Formação Política. **Escola Nacional de Quadros do PCB**, 10 de jan. 2010. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal/docs/pnformacao.html>> Acesso em: 22 de jun. 2020.

SILVA, A. F. L.; SILVA, G. M. B. “Falando a voz dos nossos desejos”: os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**, Rio Grande, v. 3, n. 1, p. 42-56, jan.-jun. 2019.

SOARES, C. B. *et al.* Oficinas emancipatória como intervenção em saúde do(a) trabalhador(a). **Rev. Bras. Saude. Ocup.**, São Paulo, n. 43, v. 1, 2018.

SOUZA, I. DE. CRB (Curso Realidade Brasileira) no Piauí: Darcy Ribeiro e o Povo Brasileiro – Um Livro Manifesto. **Revista Labor**, v. 1, n. 15, p. 36-61, 16 mar. 2017.

TRIVINOS, A, N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. *In: _____*. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 30-79.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

UJC. Lançamento da 2ª edição da revista O Futuro. **União da Juventude Comunista - UJC**, 22 de set. 2020. Disponível em: <https://ujc.org.br/lancamento-da-2a-edicao-da-revista-o-futuro//>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

UTT, J.; SHORT, K. G. Critical Content Analysis: a flexible method for thinking with theory. **Understanding & Dismantling Privilege**, v. VIII, n. 2, p.1–7, 2018.

WOOD, E. M. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. *In*: WOOD, E. M. **O materialismo histórico e a especificidade do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011. p.25-154.

9 ANEXO 1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: “Uma perspectiva da economia política na formação de profissionais de saúde”. Realizada por Tarsila Teixeira Vilhena Lopes, doutoranda do Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

Essa pesquisa pretende compreender o potencial transformador do curso de formação política voltado para profissionais de saúde realizado pela Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e pelo Coletivo de Formação é Política (CFP). Sua opinião sobre esse assunto é importante para avaliar se houve mudanças na atuação dos participantes do curso de formação política e para entender quais foram os efeitos dessas mudanças na ação política desses trabalhadores.

O Sr(a) foi escolhido porque participou do módulo I do curso de formação política promovido pela APSP e CFP, entre as turmas de 01 a 10, porque você tem mais de 18 anos e tem capacidade para entender o que pretendo lhe perguntar.

Sua participação será da seguinte maneira: primeiro precisarei que me informe sua idade e qual categoria profissional que você se enquadra. Depois disso, precisarei que responda algumas perguntas sobre sua atuação política e se o curso contribuiu para gerar mudanças em sua atuação profissional, conforme o roteiro norteador de perguntas.

Devido a atual situação pandêmica que vivemos, essa entrevista será realizada de maneira virtual, por meio da plataforma Google Hangouts Meet. Essa entrevista será gravada e armazenada em um e-mail criado somente para essa finalidade.

O benefício é que você contribui para gerar um conhecimento que poderá ser útil a qualquer pessoa da sociedade - professores, militantes ou trabalhadores.

Como risco, existe a possibilidade de ocorrer vazamento das informações, sentir desconfortável durante a entrevista, não querer responder alguma das perguntas, sentir medo ou preocupação com relação ao efeito de sua resposta e em como ela será transmitida. Para minimizá-los, o acesso ao conteúdo das gravações será restrito apenas a mim e a meu orientador. O modo como você e os demais entrevistados serão identificados será por números, será omitido seus nomes. Assim, será mantida sua privacidade e sigilo de seus dados pessoais em todas as fases da pesquisa.

Com relação aos riscos sobre desconfortos gerados na fase de entrevista, eles serão reduzidos com a lembrança de que você poderá desistir em qualquer momento e que poderá recusar responder qualquer questão. Para evitar preocupações com sua rotina, a entrevista será agendada de acordo com sua disponibilidade.

O Sr(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O Sr(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a sua recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de qualquer benefício, você possui garantia ao direito à indenização diante

de eventuais danos decorrentes da pesquisa que absorverá qualquer gasto relacionado garantindo assim não oneração de serviços de saúde. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com respeito e seguirão padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais dos participantes de pesquisa. Seu nome, ou qualquer material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma **cópia** assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido será enviada eletronicamente ao Sr(a), caso aceite participar dessa pesquisa. O estudo poderá ser interrompido mediante aprovação prévia do CEP quanto à interrupção ou quando for necessário, para que seja salvaguardado o participante da pesquisa.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____,
 RG. _____, e-mail _____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações para motivar minha decisão, se assim o desejar. A pesquisadora Tarsila Teixeira Vilhena Lopes certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e somente os pesquisadores terão acesso. Também sei que caso existam gastos, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Tarsila Teixeira Vilhena Lopes no telefone (11) 95763-5155.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa e localiza-se na Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira César – São Paulo, SP, horário de atendimento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 15h telefone, (11) 3061-7779, e-mail: coep@fsp.usp.br, que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador”.

Li, compreendi e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando assim participar desta pesquisa.

Por favor, informar sua autorização referente a gravação das entrevistas a serem desenvolvidas pela Plataforma Google Hangouts Meet.

sim, eu autorizo

não, eu não autorizo

10 ANEXO 2 COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO 1

Revista: Critical Education

E-mail do dia da submissão

[CE] Submission Acknowledgement >

E. Wayne Ross via Open Access Journal Hosting - UBC Library <noreply@ices.library.ubc.ca> para mim

seg., 13 de jun. 15:31

inglês > português Traduzir mensagem Desativar para: inglês x

Tarsila Teixeira Vilhena Lopes:

Thank you for submitting the manuscript, "Political formation of workers from a marxist perspective: a critical review " to Critical Education. With the online journal management system that we are using, you will be able to track its progress through the editorial process by logging in to the journal web site:

Manuscript URL: <https://ices.library.ubc.ca/index.php/criticaled/authorDashboard/submission/186758>
Username: tarsilatvlopes

If you have any questions, please contact me. Thank you for considering this journal as a venue for your work.

E. Wayne Ross
E. Wayne Ross
Co-Editor, Critical Education
University of British Columbia
Vancouver, BC V6T 1Z4
Canada

Decisão Editorial

[CE] Editor Decision

2022-07-18 12:22 PM

Tarsila Teixeira Vilhena Lopes, Áquilas Nogueira Mendes, Leonardo Carnut:

We have reached a decision regarding your submission to Critical Education, "Political formation of workers from a marxist perspective: a critical review ".

Our decision is to: request revisions and resubmission.

There are two external reviewer reports on the manuscript, both recommend that significant revisions are necessary prior to publication. Reviewer comments are included below.

I would be very pleased to received a revision of this paper for consideration by Critical Education. If you choose to resubmit a revised version pleased include a brief summary of how the revised manuscript responds to the issues raised by the reviewers.

Thank you for allowing Critical Education to consider your scholarship.

E. Wayne Ross
Co-Editor, Critical Education
Institute for Critical Education Studies
University of British Columbia
Vancouver, BC V6T 1Z4
Canada

Submissão do artigo à revista para uma segunda análise

Round 1 Status

Submission has been resubmitted for another review round.

Notifications

[\[CE\] Editor Decision](#)

2022-07-18 12:22 PM

Reviewer's Attachments

[Q Search](#)

No Files

Revisions

[Q Search](#)

[Upload File](#)

▶  199029 Manuscript 04.11.22.docx

November
4, 2022 Article Text

11 ANEXO 3 COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO 3

Revista: **Geminal: Marxismo e Educação em Debate**

E-mail do dia da submissão

[GMED] Agradecimento pela submissão Externa Caixa de entrada x



Hélio Messeder Neto <revistagerminal@ufba.br>
para mim ▾

sex., 2 de dez. 12:43 (há 2 dias) ☆ ↶ ⋮

Tarsila Lopes:

Obrigado por submeter o manuscrito, "AÇÃO POLÍTICA APÓS EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO POLÍTICA CRÍTICA: PERCEPÇÕES DE TRABALHADORES DA SAÚDE" ao periódico Geminal: marxismo e educação em debate. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/authorDashboard/submission/52051>

Usuário: tarsilopes

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Hélio Messeder Neto

Geminal: marxismo e educação em debate - ISSN 2175-5604

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal>

Comitê editorial: Giselle Modé (Ufscar), Hélio Messeder (UFBA), Márcia Lemos (Uesb), Mário Mariano (UFVJM) e Rodrigo Castelo (Unirio)

12 APÊNDICES

Apêndice 1

Mapeamento das publicações nas revistas científicas marxistas selecionadas ou que publicam estudos na perspectiva marxista e a identificação do termos-livres primários em seus sistemas de busca. São Paulo, março/abril, 2020.

REVISTAS	Termo chave:	Termo chave:	Termo chave:	Termo chave:	Termo chave:
	Português: formação política Inglês: political formation Espanhol: formación política	Português: educação crítica Inglês: critical education Espanhol: educacion critica	Português: educação política Inglês: political education Espanhol: educacion política	Português: formação crítica Inglês: critical formation Espanhol: formación critica	Português: formação humana Inglês: human formation Espanhol: formación humana
PERIODICOS NACIONAIS					
Crítica Marxista	98	29	100	26	5
Marx e Marxismos	2	4	9	2	1
Historia e Luta de Classes	0	0	0	0	1
Verinotio	11	10	10	8	3
terceiro incluído	0	0	0	0	0
germinal	77	107	179	57	71
argumentum	0	0	0	0	0
Katálysis	48	19	53	21	3
Revista Lutas Sociais	18	1	21	2	0
Outubro	0	0	0	13	0
Temporalis	0	0	0	0	0
Revista Trabalho, Política e Sociedade	1	0	1	0	0
Revista Serviço Social e Sociedade	1	0	0	0	0
Revista Ser Social	16	7	38	4	4
Revista em Pauta	15	4	20	14	4
Revista Sociedade em Debate	15	5	34	4	3
Revista de Políticas Públicas	89	41	123	39	23
Margem em esquerda	0	0	5	0	0
educação e emancipação	23	25	61	12	18
histedbr online	48	44	125	22	29
Princípios	4	1	2	3	0
PERIODICOS NACIONAIS NÃO MARXISTA					
Revista Tempo Social	364	225	269	325	199
PERIODICOS LATINOAMERICANOS					
Revista de Raíz Diversa	4	2	8	0	0

rebela	9	10	13	3	1
izquierdas	7	0	1	1	0
nuestra america	34	25	39	20	14
razon y revolucion	4	0	2	2	0
viento y sur	2	0	0	0	0
utopia y praxis latinoamericana	28	20	38	14	6
Revista SEP	5	0	0	2	0
herramienta	1	0	0	0	0
PERIODICOS INTERNACIONAIS					
capital and class	9	3	21	0	0
historical materialism	0	0	0	1	0
socialist register	27	1	32	1	0
International Critical Thought	2	0	7	0	0
international socialism	37	2	0	0	0
new left review	101	102	102	100	95
monthly review	60	39	200	0	0
socialism and democracy	24	3	47	1	1
review of radical political economy	1	2	14	0	0
journal.of international health services	2	0	3	0	0
actuel marx	42	17	97	0	1
Rethinking marxism	14	0	10	0	1
TOTAL	1243	748	1684	697	483

Apêndice 2

Combinação do termos-livres primários nos sistemas de busca dos periódicos científicos. São Paulo, março/abril,2020.

REVISTA S	forma ção polític a AND educaç ão crítica	forma ção polític a AND educaç ão polític a	forma ção polític a AND forma ção crítica	forma ção polític a AND forma ção huma na	educa ção crítica AND educa ção polític a	educaç ão crítica AND forma ção crítica	educaç ão crítica AND forma ção huma na	educaç ão polític a AND forma ção crítica	educaç ão polític a AND forma ção huma na	forma ção crítica AND forma ção huma na
PERIODICOS NACIONAIS										
Crítica Marxista	134*	119*	127*	112*	129*	50*	50*	134*	119*	42
Marx e Marxismos	0	0	1	0	4	0	0	0	0	0
Historia e Luta de Classes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Verinotio	1	2	4	1	2	3	0	1	1	1
terceiro incluido	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Germinal	18	72*	19	24	43	53*	21	18	24	22
Argumentu m	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Katálysis	3	16	9	2	11	8	1	3	2	1
Revista Lutas Sociais	0	2	2	0	1	0	0	0	0	0
Outubro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Temporalis	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista Trabalho, Politica e Sociedade	2	28	2	12	3	5	2	2	11	2
Revista Serviço Social e Sociedade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista Ser Social	0	6	1	3	3	3	1	0	2	1
Revista em Pauta	2	6	5	2	3	2	1	2	1	2
Revista Sociedade em Debate	1	6	2	1	2	1	0	1	1	0
Revista de Políticas Públicas	20	20	20	20	20	20	11	20	16	14

International Critical Thought	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
international socialism	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
new left review	101*	100*	101*	101*	101*	101*	103*	101*	101*	101*
monthly review	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
socialism and democracy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
review of radical political economy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
journal.of international health services	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
actuel marx	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Rethinking marxism	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	101	105	101	101	101	101	103	101	101	101

International Critical Thought	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
international socialism	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
new left review	101	100	101	101	101	101	103	101	101	101
monthly review	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
socialism and democracy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
review of radical political economy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
journal.of international health services	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
actuel marx	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Rethinkin g marxism	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	101	105	101	101	101	101	103	101	101	101

Apêndice 4

Rastreamento dos artigos a serem avaliados. São Paulo, março/abril,2020.

REVISTAS	Títulos a serem avaliados	Títulos que não são artigos	Artigos a serem avaliados
PERIODICOS NACIONAIS			
Crítica Marxista	134	84	50
Marx e Marxismos	5	1	4
História e Luta de Classes	0	0	0
Verinotio	9	1	8
terceiro incluído	0	0	0
Germinal	81	52	29
Argumentum	0	0	0
Katálysis	36	1	35
Revista Lutas Sociais	5	0	5
Outubro	0	0	0
Temporalis	0	0	0
Revista Trabalho, Política e Sociedade	33	26	7
Revista Serviço Social e Sociedade	0	0	0
Revista Ser Social	14	3	11
Revista em Pauta	10	2	8
Revista Sociedade em Debate	8	0	8
Revista de Políticas Públicas	47	0	47
Margem em esquerda	0	0	0
educação e emancipação	40	12	28
histedbr online	11	2	9
Princípios	2	1	1
PERIODICOS NACIONAIS NÃO MARXISTA			
Revista Tempo Social	1	1	0
PERIODICOS LATINOAMERICANOS			
Revista de Raíz Diversa	0	0	0
Rebela	6	0	6
Izquierdas	5	2	3
nuestra américa	43	7	36
razon y revolucion	1	1	0
viento y sur	0	0	0
utopia y praxis latinoamericana	37	5	32
Revista SEP	0	0	0
Herramienta	0	0	0
PERIODICOS INTERNACIONAIS			
capital and class	0	0	0
historical materialism	0	0	0
socialist register	0	0	0
International Critical Thought	0	0	0

international socialismo	1	1	0
new left review	291	0	291
monthly review	3	3	0
socialism and democracy	0	0	0
review of radical political economy	0	0	0
journal.of international health services	0	0	0
actuel marx	1	0	1
Rethinking marxismo	0	0	0
TOTAL	824	205	619

APÊNDICE 5

Quadro-síntese dos artigos incluídos na revisão crítica e suas características: autor, ano, objetivo, teoria marxista na formação política, concepção de formação política, relação da formação política com a visão marxista e eixos temáticos. Abril, 2021.

Autor(es), ano	Objetivo	Teoria marxista na formação política	Concepção de formação política	Relação da formação política com a visão marxista	Eixos temáticos
Abrantes AA, 2015	Reflete sobre a relação entre a educação escolar e o desenvolvimento do pensamento no indivíduo	Socialização do conhecimento e disseminação do vínculo teórico com a realidade como objeto da luta de classes.	É marcada pela unidade dialética entre o ser e o não ser de uma pessoa, para além de uma apropriação passiva de saberes.	Garantir acesso da classe trabalhadora a conhecimentos de sua realidade está articulada com o desafio de superar a sociedade de classes.	Socialização do conhecimento Práxis educativa Educação Crítica
Alves AJL, 2004	Discute os pressupostos teóricos e sociais das propostas pedagógicas e as consequências para a prática educacional.	Traz luz ao caráter contraditório da forma social contemporânea, que reflete na prática educacional.	Tem como seu telos e norte a posição de um espaço adequado à apropriação da humanidade, da produção humana e da cultura pelos indivíduos.	A atividade do saber direciona para que as ações dos indivíduos possam transformar o mundo, tornando as condições de vida mais razoáveis. Essa transformação não pode ser executada sem uma práxis revolucionária.	Práxis Educativa Educação Crítica
Araújo OHA, 2019	Discute o papel da didática e da prática docente na escola básica em uma perspectiva crítico-reflexiva.	Formações políticas críticas é necessário e urgente para promover a militância política-pedagógica.	Forma e insere pessoas na práxis social, conscientizando-as de seu papel na transformação da realidade e em desbravar novos horizontes no contexto educacional.	Requer conhecimentos críticos sobre a conjuntura social, política e cultural e a empreender uma ação na luta contra dominação, exclusão e marginalização da condição humana.	Práxis Educativa Educação Crítica
Barboza DR, Lima JAB, 2012	Analisa como o processo de formação crítica é o resultado de uma formação político-ideológica.	Retoma o pensamento de Gramsci sobre a indissociabilidade entre luta política, econômica e ideológica para apreensão da realidade social.	Uma intervenção ativa e consciente no processo da história do mundo é resultado de uma formação político-ideológica.	Compreende que a origem do poder político depende do processo histórico-econômico, que tem o Estado como ente necessário para manutenção da divisão de classes.	Educação Crítica
Batista EL, Lima MR, 2013	Analisa a importância de Saviani para o pensamento social,	Teoria crítica da educação que se fundamenta no	Questiona a ordem social vigente defendendo a pedagogia histórico-crítica	A educação é um instrumento de luta de classes dominadas na superação de sua subalternidade. Prescinde de	Práxis Educativa Educação Crítica

	político e pedagógico brasileiro.	materialismo histórico-dialético.	como uma possibilidade de teoria da educação que se fundamenta em uma visão crítica da sociedade capitalista.	mobilização coletiva, que se inspira na transformação radical da sociedade.	
Carnut L et al, 2019	Analisa a percepção de trabalhadores do SUS sobre os desafios da Saúde Pública	A interpretação política marxista ajuda a compreender os desafios da Saúde Pública.	Uma estratégia de reorganização da 'classe em si' para o enfrentamento do desmonte do direito à saúde.	O acesso a visão crítica contribui para ampliar o escopo político do pensamento sanitário, auxiliando na identificação de que a luta política é a saída.	Práxis Educativa Educação Crítica
Ciavatta M, 2018	Reflete sobre a atualidade do pensamento de Marx.	Faz referência a 'educação politécnica', que se fundamenta por uma formação omnilateral.	Formação política crítica aos trabalhadores é um compromisso com a transformação dessa realidade social.	A educação tem por base a visão marxista do ser humano ser visto como um todo, a superação do ser humano ser dividido entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e a educação politécnica.	Práxis Educativa Educação Crítica
Costa CA, Loureiro CF, 2017	Trata sobre a contribuição pedagógica de Paulo Freire na questão interdisciplinar e sua convergência para Educação Ambiental (EA) Crítica.	A educação é tida como resistência no contexto de opressão social e sua opção política é para trabalhadores, direcionados ao caminho da emancipação.	É pautada por uma luta política, sustentada pela utopia em construir uma nova sociedade livre, solidária e humanista. Deve cultivar um diálogo crítico com os oprimidos para superar as práticas que reproduzem a opressão.	As bases político-pedagógicas da interdisciplinaridade, em Freire, influenciadas por pensadores socialistas, incluindo Marx, para educação ambiental crítica possibilita adotar estratégias políticas voltadas para emancipação/libertação, inscritas nos marcos de um processo de radicalização da questão social.	Práxis Educativa Educação Crítica
Gonçalves LD et al, 2019	Analisa a experiência da Escola Politécnica na Revolução Russa e o debate sobre a politécnica no contexto brasileiro.	Os fundamentos histórico-práticos da Politecnia são retratados pelas experiências de Pistrack e Shulgin.	Constitui-se numa perspectiva omnilateral, em que a educação politécnica é uma das categorias que fundamenta a formação dos trabalhadores na visão socialista.	As obras de Marx contribuem para análise de uma proposição de educação aos trabalhadores, assim como auxiliam no debate contemporâneo sobre a pedagogia socialista.	Práxis Educativa Educação Crítica
Hamada IA, 2017	Investiga os elementos teóricos para a compreensão de uma práxis	Uma práxis revolucionária com base nos princípios teórico-filosóficos e metodológicos do	A formação do ser social ocorre pelo movimento dialético entre o homem ser	Realizar uma práxis pedagógica permite identificar os aspectos que envolvem a individualidade do sujeito na atividade educativa e o seu	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica

	pedagógica no âmbito escolar	materialismo histórico e dialético.	subjetivo e objetivo ao mesmo tempo.	momento nessa sociedade capitalista.	
Lusa et al, 2019	Apresenta uma análise da educação pública brasileira, com ênfase no ensino superior.	A educação é formada pelas determinações de classe, cujo modelo educativo tradicional forma trabalhadores dirigidos para o capital.	Pauta-se por um processo de apreensão e de construção de relações sociais e de cultura, que passa de uma geração a outra, considerando sua história.	No contexto de acirramento na luta de classes faz-se necessário retomar o pensamento crítico, como forma de fortalecer, manter e ampliar as propostas emancipatórias.	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica
Mariano AS, Lombardi JC, 2019	Reflete sobre o método de formação política Escola Nacional Florestan Fernandes	Fundamenta as teorias e práticas pedagógicas da luta da classe trabalhadora pela Pedagogia Socialista, Educação Popular e Pedagogia do Movimento.	Espaço de socialização de conhecimentos e experiências, que articula teoria e prática, com o objetivo de potencializar a luta e a organização da classe trabalhadora.	Socializar seus conhecimentos a partir de uma perspectiva revolucionária, em que os conhecimentos são vinculados a luta pela emancipação humana.	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica
Mata VA, 2015	Apresenta a Pedagogia Histórico Crítica como potencializadora das lutas por uma educação verdadeiramente libertária, de caráter revolucionário e comprometida com a transformação da sociedade.	A superação da dicotomia entre a existência política e a vida individual necessita uma formação humana ampla, crítica e capaz de identificar os limites da atual ordem social.	Proposta educacional que almeja a superação da alienação e a conquista da emancipação humana.	A Pedagogia Histórico Crítica se apresenta como uma teoria pedagógica capaz de ser um instrumento teórico para a superação, pela educação escolar, da submissão cultural da classe trabalhadora.	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica
Pinto FM; Oliveira RC, 2019	Analisa a relação entre educação, formação humana e Estado.	Apoia-se nos conceitos de Gramsci para abordar ideologia, a hegemonia, o Estado e as relações pedagógicas.	Tem sido influenciada por interesses de mercado em detrimento de uma formação que possibilite atuar na questão do trabalho e em um agir crítico e político.	A formação vem sendo apropriada para difundir e manter ideologias hegemônicas, das quais os atores educacionais, que operam dentro do Estado, imprimem sua ideologia por meio de suas ações.	Educação Crítica
Saes DAM, 2004	Analisa o papel da educação escolar na sociedade socialista.	Contribui com princípios da educação socialista, sendo o compromisso com	A educação política promove o engajamento das pessoas no projeto societário socialista.	Conduzir as massas os conhecimentos científicos, a cultura e a formação política, sendo	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica

		a politecnicia e com a integração entre escola e produção.		indispensável para assegurar a continuidade da educação socialista.	
Santos et al (2015)	Reflete a educação superior no Brasil à luz da perspectiva teórica crítica.	Evidencia as noções instrumentais ou possibilidades históricas diante da tarefa de superação da dominação, da opressão e da alienação com vistas à emancipação humana, a partir da análise das políticas educacionais.	A educação consegue desvelar complexas determinações no interior de nossa formação social, seja de reiteração da ordem vigente ou de possibilidades de ensejar mudanças estruturais na sociedade.	A necessidade da emancipação humana requer uma educação socialista, que constitui um imenso desafio na fase atual do capitalismo.	Práxis Educativa Educação Crítica
Santos PHA, Goulart DC, 2016	Examina o setor de formação político-educativa do Movimento do Trabalhadores Sem Teto (MTST).	Gramsci recupera A Ideologia Alemã para frisar o conceito de ideologia como uma visão de mundo que afeta a realidade histórica que se apresenta.	Prática permanente do movimento que auxilia na aproximação entre as reivindicações mais imediatas e a construção do projeto político.	Refletir sobre as contradições postas pela sociedade capitalista, levando o embate e o enfretamento político para a construção de uma nova hegemonia, pautada na superação dessa sociedade dividida em classes.	Educação Crítica
Schlesener AH, 2015	Efetua a análise do modo de produção capitalista, no que se refere aos conceitos de ideologia e de alienação a fim de explicitar a noção de educação.	A Ideologia Alemã e as Teses 1 e 3 contra Feuerbach são teorias para compreensão do processo de educação, que se institui no movimento de produção de vida.	Constitui-se nos espaços de lutas por emancipação política e humana, em que as condições de emancipação por via educativa implicam num processo construtivo de organização política.	A noção de uma práxis revolucionária exige uma formação de uma identidade de classe, que retome o processo de organização política dos trabalhadores.	Práxis Educativa Educação Crítica
Schlesener AH, 2019	Explicita a articulação entre política e educação nos escritos de Gramsci.	Gramsci compreende que a educação deve ser orientada pelos interesses dos trabalhadores e articulada por uma organização política.	Consiste em uma formação integral que traz consigo a questão da hegemonia e o sentido da filosofia da práxis.	Problematiza assuntos como economia, política e cultura, o que possibilita romper com valores que sustentam a sociedade capitalista.	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica
Silva JC, 2011	Compreende a luz das transformações históricas a questão	Enfatiza a perspectiva da ordem burguesa, servindo aos seus propósitos	Formação profissional e intelectual, que valoriza o estudo, o lazer e que não esteja	O saber se tornou componente de uma estrutura burocrática, em que o	Socialização do conhecimento Práxis Educativa Educação Crítica

	educacional, tendo como base alguns escritos marxistas	econômicos, políticos, ideológicos e culturais.	vinculada à produção da mais valia.	pensar e o decidir são privilégios de uma elite.	
--	--	---	-------------------------------------	--	--

APÊNDICE 6**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Entrevista nº: _____ Data: ___/___/___

Gênero: Feminino () Masculino () Outro _____

Idade: _____

Categoria Profissional:

() Graduação Área: _____

() Pós graduando Área: _____

() Profissional de saúde. Especificar: _____

() Profissional da educação Especificar: _____

() Possui militância prévia institucional

() Não possui militância prévia institucional

1. Com o que você está trabalhando atualmente? É o mesmo que você trabalhava quando fazia o curso?
2. Há algum texto ou alguma vivência do curso que te marcou?
3. O que você considera ação política?
4. Você tem atuação política? Ou ainda, como é ação política na sua vida?
5. O curso mobilizou você a transformar sua atuação política ou incentivou a ter uma ação política?